

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

Silézia Ferreira dos Santos

EM BUSCA DE UM CHEIRINHO DE TERRA:
estudo das memórias e das práticas dos saberes do barro e da cerâmica no município de
Santana do Riacho - MG

Belo Horizonte

2023

Silézia Ferreira dos Santos

EM BUSCA DE UM CHEIRINHO DE TERRA:
estudo das memórias e das práticas dos saberes do barro e da cerâmica no município de
Santana do Riacho - MG

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Docência – Promestre, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades

Orientador: Prof. Dr. Pablo Luiz de Oliveira Lima

Belo Horizonte

2023

S237e
T

Santos, Silézia Ferreira dos, 1976-

Em busca de um cheirinho de terra [manuscrito] : estudo das memórias e das práticas dos saberes do barro e da cerâmica no município de Santana do Riacho -- MG / Silézia Ferreira dos Santos. -- Belo Horizonte, 2023.
116 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Pablo Luiz de Oliveira Lima.

Bibliografia: f. 110-114.

Anexos: f. 115-116.

1. Educação -- Teses. 2. Educação patrimonial -- Teses. 3. Patrimônio cultural -- Estudo e ensino -- Teses. 4. Memória -- Estudo e ensino -- Teses. 5. Arte e educação -- Teses. 6. Cerâmica -- Teses. 7. Comunidades Tradicionais -- Teses. 8. Santana do Riacho (MG) -- Educação -- Teses. 9. Santana do Riacho (MG) -- Artesanato -- Teses.

I. Título. II. Lima, Pablo Luiz de Oliveira, 1978-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 350.85

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

FOLHA DE APROVAÇÃO

EM BUSCA DE UM CHEIRINHO DE TERRA: MEMÓRIAS E PRÁTICAS DOS SABERES DO BARRO E CERÂMICA EM SANTANA DO RIACHO

SILÉZIA FERREIRA DOS SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada, em 31 de julho de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Pablo Luiz de Oliveira Lima
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Jezulino Lucio Mendes Braga
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Juliana Gouthier Macedo
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 31 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Jezulino Lucio Mendes Braga, Professor do Magistério Superior**, em 02/08/2023, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Gouthier Macedo, Professora do Magistério Superior**, em 02/08/2023, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pablo Luiz de Oliveira Lima, Professor do Magistério Superior**, em 02/08/2023, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2414657** e o código CRC **AAF76439**.

Dedico este trabalho à minha filha, Monice de Santos Morais, com o desejo de que continue a respeitar nossos ancestrais.

E à minha querida amiga Adriana Duarte (*in memoriam*), uma das incentivadoras desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus.

Aos meus ancestrais, aos bisavós, aos avós, à minha mãe e ao meu pai, pela transmissão de seus valores, seus saberes e seus conhecimentos, que me trouxeram até aqui. A Osvaldina, Josefa e Raimundo Marcolino, pelo carinho, pela generosidade e pela participação nesta pesquisa. Sem a ajuda de vocês, esse trabalho não seria concretizado.

Ao orientador Pablo Lima, pela paciência, pelo incentivo e por me orientar neste caminho, apontando-me a direção em momentos de angústias.

A todas as pessoas do Município de Santana do Riacho, que me confiaram um pedacinho de suas histórias, de suas memórias, pelo compartilhamento de seus saberes e por abrirem suas casas para os registros de imagens. Sem a ajuda de vocês, neste trabalho conjunto, não teríamos conseguido chegar aqui.

A todos e todas da comunidade da Mangabeira, especialmente a Mirene, Geralda Siqueira, Simonia Machado, Jaide Batista, Patricia, Poliana, Tina, Rosilene, Rosilene e Gildete. E aos membros da Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário, pela parceria, pelo carinho e pelo acolhimento.

Ao meu irmão Sérgio Ferreira, companheiro de andanças pelo município, e a minha irmã Shirley, pela ajuda e companheirismo.

Agradeço especialmente aos meus colegas de trabalho Lucia Aparecida e Jefferson Góes, pelo companheirismo, pelo carinho. Agradeço a todos e todas do Teatro Universitário, que me apoiaram nesta jornada. Ao querido professor Fernando Limoeiro, pelos momentos de trocas, prosas e por ser presenteada ao construir junto alguns versos.

Aos companheiros integrantes do grupo de Pesquisa Cultura do Barro, João Cristeli, Juliana Gouthier, Adel Souki, Marcia Seo, Marlúcia Tempore, Tania, Lilian Panachuk, Helena, Onilson, Nuno, Zé Antônio e Sabrina, pelas interações e saberes compartilhados, fundamentais para a concretização e o amadurecimento deste trabalho.

Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável (COUTO, 2016, p. 10).

RESUMO

A pesquisa parte do seguinte questionamento: quem são os sujeitos que detêm os saberes relacionados ao barro e à cerâmica na região de Santana do Riacho, Minas Gerais? Os objetivos do presente estudo consistiram em investigar e compreender como os sujeitos se relacionam com os saberes e com as práticas tradicionais do barro e da cerâmica e entender os entrelaçamentos com outros saberes tradicionais. O produto educacional resultante da pesquisa é um material educativo para escolas da região, em formato virtual, contendo textos, fotografias e desenhos de objetos cerâmicos ligados à memória e ao patrimônio, com o objetivo de contribuir para a valorização da cultura local, com diálogos e reflexões que possam servir para a comunidade.

Palavras-chave: Cerâmica. Patrimônio Cultural. Educação. Memória. Santana do Riacho.

ABSTRACT

The research starts from the following question: which subjects hold the knowledge related to clay and ceramics in the region of Santana do Riacho, Minas Gerais? The objectives are to investigate and understand how subjects relate to knowledge and traditional practices of clay and ceramics and to understand the intertwining with other traditional knowledge. The educational product resulting from the research is an educational material for schools in the region, in virtual format, containing texts, photographs and drawings of ceramic objects and linked to memory and heritage, with the aim of contributing to the appreciation of the local culture, with dialogues and reflections that can serve the community.

Keywords: Ceramics. Cultural heritage. Education. Memory. Santana do Riacho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa-caminho do barro	25
Figura 2 - Árvore genealógica da tradição do barro do Buracão	26
Figura 3 – Pote encontrado em Galho Grande (sem autoria)	27
Figura 4 - Pote encontrado em Barreiro/Gatinho - autoria de Larina	27
Figura 5 - Pote encontrado de Santana do Riacho	27
Figura 6 - Pote encontrado na Varginha -autoria de mestra Leofina do Buracão	28
Figura 7 - Pote encontrado em Mato Grande deCima	28
Figura 8 - vasilha de cozinhar feijão encontrada no Galho Grande em 2018 porJaide (sem autoria).....	28
Figura 9 - Vasilhas de mestra Osvaldina –Buracão	29
Figura 10 - Botija encontrado no Buracão -autoria de mestra Josefa.....	29
Figura 11 - Quadro informativo sobre as fábricas de telhas	30
Figura 12 - Telha da Mangabeiras com data 1928.....	31
Figura 13 -Telha da Varginha com data 1964	31
Figura 14 - Telha de Rio de Pedras com data 1876.....	31
Figura 15 -Telha Santana do Riacho com data 1868.....	32
Figura 16 - Ruínas da casa de minha infância	34
Figura 17 - Reprodução da casa natal: aquarela sobre papel	34
Figura 18 – Moinho	35
Figura 19 - Ruínas dos bancos da antiga escola	36
Figura 20 – Igreja de São Sebastião	38
Figura 21- Cruzeiro da Vargem doRedondo	39
Figura 22 – Quitute “amêndoas”	39
Figura 23 – Corações de papel crepom	39
Figura 24 – Produtos para o leilão das festas de São Sebastião	40
Figura 25 – Mestra Leofina	45
Figura 26 - Escultura da mestra Leofina	45
Figura 27- Mestra Josefa	46
Figura 28 - Mestra Osvaldina	47
Figura 29 – Barreiro antigo do Buracão	50
Figura 30 – Barro no barranco do Buracão	50

Figura 31 – Barro da área rural da Mangabeiras	50
Figura 32 – Piçarra com veio de barro – Mato Grande de Baixo	51
Figura 33 - Composição de imagens fazendo as bases das vasilhas.....	52
Figura 34 - Número de pavios para a feitura das vasilhas	53
Figura 35 - Modelagem da Panela de gordura ou carne por mestra Osvaldina.....	55
Figura 36 - Modelo do forno e montagem dos objetos cerâmicos	56
Figura 37 - Composição de imagens- tentativas de levantar o pote	59
Figura 38 - Pote da autora.....	60
Figura 39 - Sinval dos Santos	63
Figura 40 - Mestre Raimundo.....	63
Figura 41 - Composição casa em frente a praça com telhado antigo e telhado novo.....	65
Figura 42 - Aranhol antigo	66
Figura 43 - Aranhol atual.....	67
Figura 44 - Desenhos das ferramentas baseado nas memórias de meu pai	68
Figura 45 - Feitura da telha utilizando as ferramentas da Figura 44	68
Figura 46 - Composição de telhas desenhadas encontradas na Varginha - 2022	70
Figura 47 - Composição dos vestígios do forno de telha antigo das comunidades da Varginha e do Buracão	70
Figura 48 - Pirunga (botija) encontrada na varginha com data de 1962.....	71
Figura 49 - Montagem do forno.....	72
Figura 50 - Goteiras/ Sorveteria antiga	73
Figura 51 - Casa de terra adobe do Alfredo e Dalva em Mato Grande de Baixo	77
Figura 52 - Grafismo na parede- Mato Grande de Baixo	77
Figura 53 - Composição do antes depois da reforma da casa - Mato Grande de Cima.....	78
Figura 54 - Casa em Galho Grande e recorde na parede	78
Figura 55 - Casa em Ribeiro Comprido - substituição do reboco de barro por de cimento	79
Figura 56 - Composição da casa Mato Grande de Baixo, em 1995 e em 2022.....	79
Figura 57 - Sobrado de dois pavimentos no Mato Grande Cima - Técnicas de adobe e pau a pique	80
Figura 58 -Vista da janela da cozinha / Pintura do sobrado - autoria desconhecida	81
Figura 59 - Casa tradicional de terra na Varginha	82
Figura 60 - Casa em Curral Queimado	82
Figura 61 - Fogão barreado com barro branco (argila branca) - Ribeirão Comprido.....	83
Figura 62 - Fogão de barro e chão de terra batida - zona rural da Mangabeiras	84

Figura 63 - Fornalha de Fabricação de Rapadura de Adobe e barro branco	84
Figura 64 - Fogão a lenha de pedra e parede barreada com barro branco casa do Alfredo - Mato Grande de Baixo	84
Figura 65 - Confeção da tuia de barro - objeto reproduzido por Vanda	85
Figura 66 – Mapa (de Belo Horizonte, capital do estado, a Santana do Riacho)	87
Figura 67 - Escultura da Praça Santana	91
Figura 68 – Escultura da Praça Santana (em construção em 2012).....	91
Figura 69 – Composição de algumas das construções inventariadas	91
Figura 70 - Procissão da Festa de Sant’Ana - 24/07/2023.....	93
Figura 71 - Congados convidados da Festa de Sant’Ana - 24/07/2023.....	93
Figura 72 – Chegada da cavalgada na entrada da cidade – Festa de Sant’Ana	94
Figura 73 - Procissão motorizada denominada de Alvorada	95
Figura 74 – Canto divino - Mangabeiras	95
Figura 75 - Festa de Santa Luzia dia 13/12/2022- comunidade de Mangabeira.....	95
Figura 76 – Festa de Nossa Senhora da Aparecida - Varginha.....	96
Figura 77 – Batuque	96
Figura 78 – Guarda de Congado da Mangabeiras – os Bonés Vermelhos	97
Figura 79– Mural de memória do congado – os Bonés Vermelhos	97
Figura 80 - Lixo na altura do KM 56 da MG-10 - Jaboticatubas	98
Figura 81 - Lixo na LMG-816 - entre distrito Serra do Cipó e Mangabeiras - Santana do Riacho	99
Figura 82 – Descampado nas proximidades do km 56 da Rodovia MG-10.....	99
Figura 83 – Descampado na área do Distrito de Serra do Cipó.....	100
Figura 84 – Área rural do Ribeiro Comprido – próximo ao Rio Cipó	102
Figura 85 – Vista distanciada da área rural do Ribeiro Comprido – próximo ao Rio Cipó ...	102
Figura 86 - Composição da Igreja São Sebastião Lapinha da Serra.....	102
Figura 87 - Composição, um recorte da área central Lapinha da Serra.....	103
Figura 88 - Personagem do Chaves e Juquinha	104
Figura 89 – Composição trabalhadores chegando do eito e festa da chegada do pé de milho	107

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PESQUISA E A AUTORA: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS	16
2.1 Trilhas da pesquisa	17
2.2 Dando forma à pesquisa	20
2.3 Compreendendo os sujeitos e dados da pesquisa	22
2.3.1 No caminho do barro: em busca dos dados.....	25
2.4 Minhas lembranças no contexto social de quando vivi na roça.....	33
3 AS RELAÇÕES COM A CERÂMICA E COM AS VASILHAS DE BARRO	41
3.1 Mestras das vasilhas de barro.....	44
3.2 Subindo os potes: modo de fazer	49
3.2.1 Estórias e características que envolvem as vasilhas de barro.....	53
3.3 Queimando as vasilhas	56
3.4 A experiência da construção do forno e de um pote	57
3.5 Aprendendo com o pote.....	59
4 OS MESTRES E AS LEMBRANÇAS SOBRE O FAZER DAS TELHAS	61
4.1 As fábricas de telhas ou olarias de telhas.....	64
4.2 Lembranças sobre as ferramentas	65
4.3 Casas de terra.....	74
4.4 Casas e suas estórias	76
4.5 Outras relações com barro (argila)	83
5 A MINHA TERRA: UM GIRO PELO MUNICÍPIO.....	86
5.1 Olhando para os saberes e patrimônios e revivendo um pouco a cultura local	88
5.2 Um olhar para as transformações	97
6 CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS	110
ANEXO I	115

1 INTRODUÇÃO

Este estudo nasce da vontade de contribuir para a preservação da cultura regional e da memória de Santana do Riacho por meio de uma pesquisa científica. Por ter sido criada no local durante parte de minha infância e início da adolescência e conhecer a localidade, tenho observado que muitos dos saberes, modos de vida e práticas de alguns ofícios estão desaparecendo ao longo do tempo. O presente trabalho investiga, num primeiro momento, os sujeitos detentores de saberes tradicionais referentes ao barro e à cerâmica, bem como aponta outros saberes da cultura local.

Nesse sentido, alguns objetivos específicos de trabalho foram: identificar as pessoas que produzem a cerâmica no município; compreender as práticas tradicionais que se relacionam ao barro e ao modo de fazer cerâmico; investigar o modo de vida dos sujeitos da pesquisa (mestres e membros de saberes tradicionais), compreendendo suas experiências e suas memórias; investigar as extintas fábricas de telhas; promover intercâmbio entre saberes tradicionais, educação, artes e comunidade no referido município.

Ao considerar os referidos aspectos, é importante ressaltar que alguns dos objetivos específicos de pesquisa nasceram ao serem lembrados vestígios do forno de olaria do meu avô e de tantas casas de adobe substituídas por casas de concreto, bem como a quase extinção de saberes das poteiras (mulheres ceramistas que fazem potes de barro), raizeiras, parteiras e tecelãs. Assim, tenho me perguntado: o que sobrevive de saberes desse lugar? Onde estão guardados? Estão guardados nas memórias dos *mais velhos*? Como transmiti-los? Quem são seus detentores? Como preservá-los e registrá-los?

Seguindo o raciocínio baseado em observações empíricas, memórias e falas de muitos moradores da região, que acreditam que os “saberes antigos” estão desaparecendo, percebi a necessidade de fazer esta pesquisa, pois, hoje são poucos os sujeitos, na região, que guardam os saberes citados (alguns fizeram parte de minha educação, minhas memórias e minhas histórias).

Portanto, este trabalho aborda as minhas memórias relativas à ancestralidade ligadas aos saberes tradicionais do barro. Faço apontamentos junto a outros sujeitos sobre saberes do município, no intuito de compreender mudanças, desaparecimentos e/ou desusos de alguns saberes e práticas socioculturais.

O título deste estudo, *Em busca de um cheirinho de terra*, descreve minha busca por saberes do barro. Em um passado não tão distante, a olaria (técnica de fabricar objetos de barro) esteve ligada ao nosso cotidiano e à nossa cultura, presente em nossas casas, protegendo-nos da

chuva, fazendo parte do preparo dos alimentos e servindo, desse modo, de suporte para a manutenção de nossa vida no campo. Nesse processo, fiz um levantamento de memórias não só sobre o barro, mas sobre outros saberes, sobre a cultura e outras questões socioculturais que encontrei durante essa trajetória da pesquisa. Esses aspectos são apresentados por registros fotográficos, anotações em caderno, relatos de memórias e notas da pesquisa.

Nessa perspectiva, para substanciar este trabalho, foram abordados alguns aspectos além das memórias individual e coletiva, como lembranças e patrimônios material e imaterial, de acordo com os seguintes autores: Ecléa Bosi (1993, 2003, 2004), Maurice Halbwachs (2004) e Regina Abreu e Mário Chagas (2009), bem como o material bibliográfico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Também foram apontados, de forma sucinta, os processos de esvaziamento rural e gentrificação rural, com o intuito de compreender as mudanças culturais no município pesquisado.

No início desta pesquisa, focaliza as minhas memórias e como elas se relacionam com o lugar, com os saberes e com a minha educação. Também descrevo os processos da pesquisa, apontando o conjunto de metodologias utilizadas e os meios encontrados para adaptá-las às especificidades dos sujeitos pesquisados. Trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa, tendo traços de relatos memorialistas, etnografia (pesquisa participante), autoetnografia e memória social. Portanto, empregou-se uma metodologia híbrida.

Começo a escrita relatando minha relação com a pesquisa e com o município, além de mencionar a forma empírica como surge o problema. Nos itens dois e três, descrevo a cerâmica, as ceramistas da região e os processos de fazer as vasilhas de barro, apresentando as paneleiras, ceramistas tradicionais, Osvaldina e Josefina (Josefa), como as últimas detentoras desse saber no município. Nesses itens, descrevo a relação com o barro, considerando: as técnicas de feitura de objetos domésticos de cerâmica (vasilhas de barro), telhas, os tipos de fornos, o modo de preparação da argila, os instrumentos usados na feitura das peças de cerâmica. Além disso, acrescento as relações subjetivas: lendas, crenças, estórias e relatos que envolvem sentimentos e afetos ligados às vasilhas de barro ou às casas de terra.

A respeito da relação entre barro e humanidade, segundo Jaqueline Prado (2016) e Joaquim Chavarria (2004), nossos antepassados deixaram registros históricos que evidenciam que, desde o neolítico, a cerâmica representa um elemento de sobrevivência, sendo utilizada na produção de utensílios para a preparação de alimentos e como elemento sagrado na celebração de rituais.

No tempo atual, a cerâmica se faz presente nos mais variados segmentos de nossa sociedade. É o caso, a título de exemplo, de decoração, setor industrial, equipamentos elétricos,

áreas médicas e tecnologias eletrônicas. É o caso, a título de exemplo, de decoração, do setor industrial, da presença da cerâmica em equipamentos elétricos, nas áreas médicas e de tecnologias eletrônicas. Além disso, suas técnicas mais remotas possuem a capacidade de aproximar o indivíduo de suas raízes ancestrais, da natureza, e, ainda, se faz presente na cultura e na arte.

Ao considerar os referidos aspectos, é importante ressaltar que, em relação à olaria (técnicas de fazer cerâmica ou fazer objetos de barro), a palavra “barro” também é utilizada, de forma geral, segundo Arlindo Fagundes (1997, p. 18) para denominar uma argila com impurezas diversas, tanto de minerais, quanto de matérias orgânicas.

Argila ou barro são matérias primas para produzir objetos cerâmicos. Do ponto de vista químico e geológico, segundo Joaquim Chavarria (2004) e Johann Fricke (1992), a argila é um silicato de alumínio hidratado resultante da decomposição de rochas de feldspática. O processo de formação das argilas pode levar milhões de anos, com a ajuda da água, que atua como agente abrasivo resultante dessa matéria prima.

Segundo Arlindo Fagundes (1997, p.18), geologicamente, as argilas podem ser primárias e secundárias. As primárias são aquelas que se mantêm no mesmo local de formação, nas camadas mais profundas do solo, com alto teor de caulinita. As argilas secundárias são transportadas por agentes naturais como o vento, a água e os glaciares, e vão se acumulando longe do seu local de formação, sendo denominadas de barros gordos ou “barro vermelho”, matéria-prima para fazer objetos cerâmicos como telhas, tijolos e cerâmica tradicional.

Apesar de serem denominados de barros vermelhos, podem ter várias colorações após a queima: vermelho, rosado, amarelo claro e outras. Provavelmente são os barros gordos que encontramos nos brejos, nos barrancos e nos cursos d'água em Santana do Riacho.

Vale ressaltar que, para os sujeitos desta pesquisa, “argila” significa “barro de telha”, para os oleiros; e “barro de panela”, para as paneleiras; enquanto os objetos utilitários de cerâmica significam “vasilhas de barro”. De toda forma, a palavra “cerâmica” é entendida como material industrializado utilizado na construção civil para pisos e revestimentos. Desse modo, nota-se que as palavras “cerâmica” e “argila” não têm ligação com o vocabulário dos sujeitos e nem com a maioria da população local.

Em algumas partes do texto, referindo-se aos saberes dos sujeitos, para melhor entendimento, serão usadas as locuções “vasilhas de barro”, para significar os objetos cerâmicos, e a locução “barro de telha” ou somente a palavra “barro” para denominar a argila. As palavras oleiro (quem domina a técnica fazer objetos de cerâmica) e olaria (local onde fabricam os objetos de cerâmicas) foram ouvidas pelos sujeitos que trabalhavam nas antigas

fábricas tradicionais de telhas, eram chamadas de olarias de telhas. Mas essas palavras (oleira ou olaria) não foram usadas pelas mulheres entrevistadas que trabalham com o barro.

Porém, as palavras cerâmica e argila continuam sendo utilizadas quando se trata de citações bibliográficas ou comparações mais técnicas sobre o saber da cerâmica. No entanto, pretende-se priorizar as palavras ligadas aos saberes tradicionais dos sujeitos.

No quarto item, abordo as fábricas de telhas, descrevendo os processos de feitura relatados a partir da memória dos sujeitos. Nesse sentido, foi levando em consideração a importância das pessoas “mais velhas” (no sentido de ancestralidade) no processo de recordar sobre o ofício.

Esse item aborda, de forma sucinta, assuntos relativos à memória e à lembrança, que apontam a importância das casas tradicionais de terra da região, tendo em vista que elas são os suportes para as telhas artesanais. Muitas dessas casas estão se desfazendo por motivos diversos e outras estão sendo preservadas pelos afetos de seus donos e, por esse motivo, são consideradas como “patrimônio” da família. Além disso, apontam outras relações com o barro, mostrando práticas que caíram em desuso.

O quinto e último item realiza um giro pelo município. As andanças foram registradas por meio de imagens audiovisuais e fotografias sobre diversas práticas culturais. Esses registros, tratam de uma visão particular sobre as mudanças socioculturais que podem interferir em alguns dos saberes tradicionais.

Portanto, outra parte desse item, aborda a cultura local, os patrimônios imaterial e material, bem como a expansão do município impulsionada pelo turismo e pelo mercado imobiliário e seu impacto na região. Esses aspectos sociais foram abordados sob a ótica da gentrificação e da gentrificação rural. Por se tratar de um local próximo à capital, Santana do Riacho vem recebendo, por anos, um grande volume de turistas, que utilizam do espaço como fonte de lazer e para moradia de fim de semana. Em consequência disso, surgem mudanças nas configurações socioculturais.

Alguns dados coletados nesta pesquisa foram sistematizados em um material gráfico, caderno virtual intitulado *Em busca de um cheirinho de terra: caderno de notas em prosa e verso*, que é uma síntese dessa pesquisa e tornou-se o produto educacional deste trabalho. Tal material será disponibilizado em formato virtual e poderá servir para escolas e universidades, sendo suporte teórico para debates, seminários e oficinas sobre a cerâmica no município. Os materiais coletados durante a pesquisa poderão, futuramente, compor exposições dentro e fora do município de Santana do Riacho e, além de fazerem parte de meu acervo didático, configuram-se como resultado das ações extensionistas dentro e fora da UFMG.

2 A PESQUISA E A AUTORA: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Minha trajetória profissional com a arte e com a educação começou entre os anos de 2004 e 2008, em que concluí o curso de Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela Escola Guignard em Belo Horizonte, MG. Entre os anos de 2006 e 2009, tive a oportunidade de ministrar oficinas de arte-educação para moradores da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) “Nossa Vivenda”, na cidade de Lagoa Santa, MG. Nesse período, desenvolvi a consciência sobre a importância da memória e dos saberes da pessoa idosa, passando a encará-los como um elo entre as gerações.

Também nesse mesmo município, atuei como professora de Artes para alunos do Ensino Fundamental no ano de 2008, além de ter adquirido experiência profissionalizante como estagiária no projeto social “Minas de Sonhos”, gerenciado pelo SESI Minas e pela Infraero. O trabalho, com idosos e adolescentes fora do ambiente escolar trouxe grande aprendizado, pois tive que transpor alguns desafios, entre eles o de criar práticas pedagógicas totalmente distintas da educação formal. Isso me fez acreditar que seria possível ser educadora além da escola formal.

De 2010 a 2011, a vida me fez trilhar outros caminhos profissionais e, assim, fiquei por algum tempo sem me envolver com as áreas de artes e educação. Em 2012, passei a integrar o quadro administrativo de servidores da UFMG, no Teatro Universitário da Escola de Educação Básica e Profissional (TU/EBAP). Nessa instituição, tenho buscado uma atuação atrelada ao ensino e às artes, participando de atividades pedagógicas em projetos de pesquisa e de extensão universitária, o que me proporciona constante contato com a comunidade externa, discente e docente.

Essa vivência me faz refletir sobre o tema da educação e os seus desafios. Nessa perspectiva, tenho buscado construir uma ponte pedagógica entre o trabalho administrativo e o ensino das artes. Para efetivar tal construção, participei de atividades pedagógicas e docentes ligadas ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e desempenhei atividades de coparticipação em um projeto de construção da memória do TU/EBAP. Essas experiências favoreceram um intercâmbio de aprendizados e trocas com a comunidade discente da UFMG e com a comunidade externa, o que é muito importante para que minhas atividades laborativas não fiquem atreladas exclusivamente às áreas administrativas.

Com o intuito de fortalecer a minha capacitação profissional, em 2016, concluí a especialização em Ensino em Artes Visuais na Escola de Belas Artes (EBA) da UFMG.

Durante a especialização, pude fazer uma releitura das experiências vividas anteriormente com a arte-educação na ILPI de Lagoa Santa. De certa forma, o contato com pessoas idosas nos desperta para uma reflexão sobre o quanto elas nos têm a ensinar.

Atualmente, atuo no campo da educação, fora do ambiente administrativo. Desde 2015, participo do grupo de pesquisa intitulado *Cultura do Barro* na EBA/UFMG, cadastrado no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e cujo objeto de pesquisa é a cerâmica e seus desdobramentos nos processos da arte, do ensino e dos fazeres e saberes tradicionais.

A participação nesse grupo de pesquisa possibilitou a ampliação de minha perspectiva sobre as técnicas da cerâmica no contexto da educação, das artes e dos saberes tradicionais. Além disso, viabilizou o contato com a diversidade e a riqueza das comunidades indígenas e quilombolas. Nesse sentido, tive a oportunidade de ministrar oficinas, participar de exposições, participar e organizar seminários e colóquios sobre o tema da cerâmica e seus desdobramentos.

Essas vivências agregam inúmeras contribuições à minha formação como artista ceramista, educadora e pesquisadora, na medida em que permitem experimentar as práticas diretamente com os mestres dos saberes tradicionais. O grupo de pesquisa promove intercâmbios de conhecimentos de diferentes culturas com as produções acadêmicas artísticas e científicas. Nesse sentido, favoreceu um amadurecimento para o desenvolvimento desta pesquisa, destacando a significância de investigar e registrar práticas e saberes tradicionais do lugar onde estão minhas raízes ancestrais.

Em minhas andanças pelo município de Santana do Riacho, viajando em minhas reminiscências, tenho observado que muitos dos saberes tradicionais, modos de vida e práticas estão desaparecendo ao longo do tempo. Às vezes, em momentos de reflexão, ao lembrar dos vestígios do forno de olaria de meu avô e de tantas casas de adobe substituídas por casas de concreto, tenho me perguntado: até quando sobreviverão os saberes tradicionais desse lugar? Onde estão guardados? Estão guardadas as memórias dos “mais velhos”? Como transmiti-las? Quem são seus detentores? Como preservá-las?

2.1 Trilhas da pesquisa

Em resposta às perguntas do item anterior: ouvindo os “causos” (estórias)¹ de vida e as

¹ A palavra estória foi utilizada neste trabalho, não somente para os relatos ficcionais, mas também para relatos dos sujeitos, que são causos que podem ser verdadeiros, porém não podem ser confirmados por documentos ou outras fontes, além da memória. A palavra estória representa uma característica dos contadores de causos. Devo ressaltar que essa palavra foi usada por João Guimarães Rosa (1972, p. 27). No livro *Pequenas Estórias*, o autor diz “Esta é a estória”, ao começar o primeiro capítulo. Particularmente, a palavra representa os ensinamentos e afetos que me foram repassados por meio dos causos que ouvi nas rodas de contadores de causos à beira das

memórias em momentos de prosa com os moradores, notei que havia uma angústia sobre o desaparecimento de alguns dos saberes tradicionais e a consciência de que os saberes existentes estão minguando. Em conversa com o Sr. Jaide Batista, morador da comunidade Mangabeiras, no Município de Santana do Riacho, ouvi que as coisas e os conhecimentos “dos antigos” estão desaparecendo. Ele relatou que as casas de adobe do município estão desaparecendo. E, com pesar, disse que, no lugar onde havia a antiga casa de sua mãe, só resta vegetação e, ainda, acrescenta que os “velhos”² que sabem dessas coisas estão morrendo³.

Partindo dessas indagações, propõe-se um trabalho com a participação de alguns moradores do município de Santana do Riacho, na tentativa de registrar as memórias e práticas de alguns saberes tradicionais da cultura local. Diante dessa situação, uma proposta de pesquisa foi apresentada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santana do Riacho, em 2019, e, a partir dessa época, foram sendo tecidos diálogos e possibilidades de parcerias.

Para responder a algumas das perguntas sobre os “saberes antigos”, optei por criar um projeto ligado às questões da cerâmica e às casas tradicionais de terra – que são do meu interesse pessoal. Porém, a ideia foi abarcar também outros saberes, com o intuito de valorizar os patrimônios imaterial e material da região. Desse modo, o ponto de partida foram as nossas lembranças e, a partir delas, iniciou-se esse trabalho.

Para Maurice Halbwachs (2004, p. 54), a memória individual limita-se no espaço e no tempo, pois lembra-se daquilo que foi vivido, sentido, pensado em um tempo e em um lugar, mas dentro de um contexto coletivo, pois a memória individual se apoia na memória de outras pessoas do grupo para se complementar. De acordo com Alessandra Leal (2011, p. 2), ancorada em Halbwachs, “a memória individual é a partícula do ‘eu’ na memória coletiva. É a subjetividade dos detalhes, dos objetos e das construções dos cenários, das imagens, e a forma como a imagem é revelada que caracterizam a individualidade da memória”.

Dessa maneira, apesar de toda a individualidade da nossa memória em relação às práticas sociais, ela está relacionada ao grupo e, por isso, faz parte da memória coletiva. Portanto, neste trabalho, a memória individual tornou-se, *a priori*, uma ferramenta para a pesquisa.

Considerando as memórias individuais como ferramentas, nesse caso, como exemplo, as lembranças nos dão pistas de quando as fábricas de telhas deixaram de funcionar, ou uma

fogueiras em minha infância.

² A locução “mais velhos” faz referência às pessoas que vieram antes de nós, aos quais devemos ter respeito e apreço aos seus saberes e aos seus conhecimentos.

³ Fala concedida por Jaider Batista á Silézia Ferreira dos Santos. Comunidade da Mangabeiras, Santana do Riacho, 2022. Presente em anotações no caderno de pesquisa, entre janeiro de 2022 e junho de 2022.

ideia aproximada de sua extinção. Portanto, esse trabalho das reminiscências “dos velhos” aponta uma riqueza de informações que estão guardadas em suas memórias, que nos ajudam não somente a tecer uma teia de informações sobre a olaria no município, mas também sobre vários saberes que caíram em desuso diante dos avanços tecnológicos.

Usando as lembranças, no que se refere às fábricas de telhas, foram feitos levantamentos dos vestígios dos fornos e das telhas com data e desenho. Essas informações comprovam a existência das fábricas, mas não nos dizem sobre o início delas, pois as fábricas não foram construídas pelos sujeitos da pesquisa que nela trabalharam, mas por seus ancestrais, pais ou avós.

Nesse tecer de lembranças, a pesquisa apresenta algumas características de estudo de memória social. E, diante disso, o instrumento norteador e inspirador deste trabalho foram alguns textos da obra de Ecléa Bosi (2004), *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Em seu trabalho, Bosi coletou depoimentos de pessoas anciãs de São Paulo, ouvindo suas histórias de vida e suas memórias sobre costumes, tradições, festas e as práticas religiosas locais.

O livro traz uma reflexão profunda sobre a importância da memória coletiva na formação da identidade cultural de um povo, destacando a tradição oral como forma de transmitir conhecimentos e valores de geração em geração, além da importância de valorizar as pessoas anciãs em nossa sociedade.

Bosi (2004, p. 49), ancorada em Bergson, nos fala da “memória-hábito”, que vem da repetição, ou seja, daquilo que sabemos “de cor”. Essa memória incorpora as práticas automáticas do cotidiano, dos nossos afazeres, nas regras sociais e no adestramento cultural. Porém, ao contrário da memória-hábito, existe a ‘memória pura’, que se renova na imagem-lembrança que é lembrança de algo inusitado, com data certa, com caráter evocativo. Ela faz parte do nosso psiquismo e dela nascem os sonhos e a poesia.

Diante disso, tanto a memória-hábito, representada pelo ato repetitivo de modelar o barro, quanto o caráter evocativo da memória-pura, ao lembrar de um fato inusitado sobre o ofício, foram as características deste trabalho. Dessa maneira, nossas lembranças são apontadas com intuito de compreender mudanças, desaparecimentos e/ou desusos de alguns saberes e práticas socioculturais.

Sobre a memória social, Jacques Le Goff (1990, p. 368) aponta que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Baseado na premissa do autor, este trabalho intenta apontar, por meio das lembranças dos sujeitos no que se refere às relações com os processos da cerâmica, o quanto as memórias dos participantes

do estudo ainda estão em transbordamento.

2.2 Dando forma à pesquisa

Para dar forma ao estudo proposto, diante das especificidades dos sujeitos envolvidos, optou-se por uma pesquisa de abordagem predominantemente qualitativa, em que o conhecimento empírico da pesquisadora pudesse ser valorizado. Nesse sentido, Arilda Schmidt Godoy aponta que “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada” (Godoy, 1995, p. 62).

Diante das minhas experiências profissionais e artísticas, no trabalho com oficinas de arte e educação, onde a experiência empírica se faz presente, percebo a necessidade de recorrer a uma metodologia de pesquisa mista ou híbrida, utilizando aspectos da auto-etnografia, da etnografia (pesquisa participante) e dos relatos memorialistas.

No tocante à etnografia (ou observação participante), Bosi (2004, p. 38) aponta que, nesse tipo de investigação, há o compromisso afetivo que resulta em um trabalho conjunto entre sujeito e pesquisador. Nesse processo, é preciso criar um entendimento baseado no trabalho conjunto, de modo que o pesquisador conviva lado a lado com os sujeitos do estudo, em contexto de vida semelhante.

Em termos metodológicos, Sylvia Fortini (2010, p. 78) sugere que a “bricolagem” é uma forma de integração de vários elementos e métodos que são utilizados por pesquisadores em arte, para dar forma à reflexão de suas práticas de campo. Para Alfonso Benetti (2017, p. 155) e Fortini (2010, p. 82), a autoetnografia se aproxima da autobiografia, com construções de narrativas das memórias, das histórias de vida, de sentimentos e de descrições das práticas profissionais. Diante desse fato, a autoetnografia centra-se, também, no pesquisador e em suas experiências e emoções pessoais. Em vez de tentar manter uma postura objetiva e distante, o(a) pesquisador(a) usa sua própria experiência como fonte de dados para a reflexão.

Sobre a escrita do trabalho acadêmico, segundo Fortini e Pierre Gosselin (2014, p. 13), sugere-se que, na narrativa autoetnográfica, há uma agregação de conhecimentos sensíveis à forma da escrita, “além dos conhecimentos teóricos, resultando em um lugar de interação tanto da emoção quanto da cognição”. Ressaltam que, na etnográfica pós-moderna, a escrita dos textos ainda não é bem definida. Existem pesquisas que enfatizam os processos da investigação, outras centram-se na forma da escrita e há, também, aquelas que fundem as duas formas citadas. Nessa

interação com o texto, pode-se fazer uso de escrita criativa, poema, ficção, montagens de conversas, *e-mail* e outros.

Nas perspectivas das autoras Camila Matzenauer dos Santos e Gisela Reis Biancalana (2017, p. 92), “as investigações autoetnográficas e artísticas apresentam características parecidas, facilitando a relação entre si: o mesmo corpo que cria, vai a campo, escreve e pesquisa”. Assim, é possível afirmar que os aspectos da autoetnografia estão presentes neste trabalho como um todo, a partir do momento em que exponho minhas memórias e trajetória em busca dos dados, minhas impressões, meus sentimentos, minhas experiências no fazer das vasilhas de barro (cerâmica) e na forma de escrever o texto. Sobre a forma de escrever, prevalece a escrita do texto em primeira pessoa, no intuito de marcar minha posição como parte do trabalho, tendo em vista a relação afetiva e ancestral com o lugar, nas interações com os sujeitos e com o fazer da cerâmica.

Santos e Biancalana (2017) apontam que, na autoetnografia descritiva, os processos são apresentados com menos aprofundamento, podendo ter um viés crítico para, posteriormente, ser desenvolvida uma análise de forma mais profunda. Em vista disso, este trabalho apresenta alguns dados de forma descritiva, levantando informações sobre a olaria (vasilhas de barro e fábricas de telhas) no município e dialogando com bibliografia sobre cerâmica. Além disso, intenciona apontar algumas questões socioculturais, tais como os saberes que estão em uso e/ou caindo em desuso, apresentadas em forma de textos fictícios, poemas e imagens, com o intuito de fomentar informações para o produto educacional e para estudos futuros.

Apesar da minha ligação com o lugar, ao ir a campo, posicionei-me como uma viajante que volta à sua terra para aprender e narrar o percurso como pesquisadora em formação e, durante o caminho, reaprender sobre o “olhar”, o “ouvir” e o “falar” na perspectiva dos sujeitos.

Ao buscar aprendizados sobre o “olhar”, do ponto de vista da etnografia, Roberto Cardoso de Oliveira (1998, p. 15) afirma que “talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar.” O autor salienta que o “olhar” deve ser uma prática de observação atenta e cuidadosa do objeto de estudo, ou seja, da cultura em questão. Isso envolve não apenas a observação superficial dos aspectos visíveis dessa cultura, mas a compreensão dos detalhes de seus significados. Para tanto, entende-se a importância de estar atento(a) às particularidades culturais, aos contextos históricos, políticos e sociais que envolvem a cultura estudada. Mas o exercício do olhar não é suficiente, para desenvolver uma pesquisa deve-se, também, utilizar o “ouvir” e o “falar”.

Sobre o “ouvir”, Oliveira (1998, p. 20) ressalta que se trata de um complemento do olhar, pois ambos dão apoio ao diálogo com os membros da cultura pesquisada. Porém, adverte que

no processo do “ouvir”, “o(a) pesquisador pode exercer um certo ‘poder’, ainda que se posicione da forma mais neutra”. Entende-se que esse poder ocorre por meio das perguntas feitas e na busca por respostas pontuais, criando uma ideia falsa de interação com o sujeito. Para tanto, o autor destaca que deve haver uma escuta de forma atenta e respeitosa. Isso permite que o(a) pesquisador(a) compreenda melhor as relações sociais, as crenças, os valores e as práticas culturais presentes na comunidade estudada e, com isso, possa tecer um diálogo com os sujeitos.

Sobre o “falar”, Oliveira (1998) sugere que seja um trabalho de gabinete, ou seja, o trabalho de escrever a pesquisa. Esse trabalho é a prática de registrar as observações, os diálogos, as notas de caderno e os rabiscos em forma de texto, visando à reflexão crítica e à organização das ideias e, assim, diante das informações obtidas, produzir conhecimento significativo para o meio científico, valorizando as vozes de todos os participantes.

Diferentemente do meio científico, na transmissão oral dos saberes tradicionais, segundo Célia Nunes Corrêa (Xakriabá) (Correa, 2018, p. 33), o “falar” é resultado do aprendizado do escutar. Entende-se que, após anos de escuta, o indivíduo se torna capacitado para transmitir sua ciência, seus saberes e seus ensinamentos. De acordo com os ensinamentos de um líder de seu povo, a oralidade (o falar) se apresenta como veículo sagrado de difusão de conhecimento, e o ato de escrever o enfraquece.

Dados os apontamentos acima, vale ressaltar que os meus primeiros processos educativos vieram das comunidades rurais tradicionais, em que o conhecimento aplicável para subsistenciado viver no campo era transmitido por meio da oralidade. E, diante desse contexto, entendo que, neste trabalho, o desafio foi dialogar com os mestres e mestras tradicionais da minha terra e com o meio científico. Ao utilizar da autoetnografia, pretende-se evidenciar os sujeitos através da minha fala, ou seja, que “meu falar” possa ser o “nosso falar”.

Diante disso, penso no texto com processo de escrita mais ligado a uma narração descritivos processos, com o uso de uma linguagem mais simples, principalmente no que diz respeito à escrita do produto educacional, com o intuito de priorizar o entendimento dos sujeitos e as comunidades envolvidas.

2.3 Compreendendo os sujeitos e dados da pesquisa

Inicialmente, a investigação consistiu na observação e na análise dos saberes de duas mulheres paneleiras (ceramistas) que nasceram no município. Uma delas reside e a outra convive no município aos fins de semana. Ambas são da mesma família e manifestaram o

interesse em contribuir para a preservação dos saberes relativos à cerâmica (vasilhas de barro).

A investigação consistiu em ouvir sobre suas vidas, suas memórias e os registros dos processos de feitura de um pote e de uma panela de guardar gordura, bem como de construção de um forno. Todo o processo foi registrado por meio audiovisual e fotografia, desde a retirada do barro até a queima. Durante esse processo, convivi com elas e pude, por meio de seus saberes, fazer um pote. Tratou-se de um momento significativo, de modo que consta, neste trabalho, um pequeno relato da experiência de feitura do objeto cerâmico.

Também ouvi relatos de memórias de dois sujeitos, homens que trabalhavam nas extintas fábricas artesanais das telhas “cumbuca”, no referido município. Entre eles, um é o meu pai, que nasceu em Santana do Riacho e, atualmente, reside em Belo Horizonte, mantendo contato com o município de forma esporádica. Já o outro nasceu e vive no local da pesquisa. A partir de suas lembranças, foram feitas descrições das técnicas, desenhos dos fornos e registros fotográficos de vestígios das antigas fábricas de telhas (olarias de telhas). Essas informações compõem os dados da pesquisa.

Neste trabalho, analisamos as relações das pessoas com o barro, tendo em vista a utilização da argila em vários aspectos, tais como a agricultura, os processos de construção e manutenção das casas de terra e outros. E, durante esse período, foram feitas observações e registros de alguns eventos, de algumas manifestações culturais e de alguns aspectos socioculturais, apontando as relações com os saberes imateriais.

Durante a pesquisa em campo, optei pela aplicação de uma entrevista não estruturada, em que mestres e mestras tivessem a liberdade de relatar suas experiências e memórias em relação à feitura da cerâmica (vasilhas de barro), falando ainda sobre as antigas olarias de telhas. Foi explicado e esclarecido que a pesquisa servirá como fonte de conhecimento agregador para a educação, patrimônio imaterial, e para o meio científico.

Com isso, fui autorizada a filmar e fotografar os participantes nos momentos em que eu julgasse necessário. As minhas principais ferramentas foram: câmera fotográfica, gravador de voz do aparelho celular e um caderno de pesquisa, porém o material de áudio seria para posterior anotação no caderno de pesquisa.

De acordo com os autores Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 40) pesquisadores preservam os dados da pesquisa registrando os apontamentos por escrito, incluindo conversas, diálogos e descrições. Com isso, lancei mão de relatos ocorridos durante a feitura dos objetos, além de extensas anotações no caderno de pesquisa - com um total de 80 páginas - passando a utilizar registros de imagens e conversas informais como principais fontes de dados.

Nesse sentido, Bosi (2004, p. 39) defende que, na memória, há um infinito acúmulo de

lembranças valiosas e as mais vivas aparecem depois da entrevista, na hora do café, no quintal ou na despedida. Desse modo, assumo esse tipo de informação, mais espontânea, como dado para agregar à pesquisa.

Bosi (2003, p. 60) também salienta que o estudo exploratório ou a pré-entrevista é fundamental para elaborar uma entrevista, pois desse encontro prévio podem surgir temas promissores. Porém, muitas vezes, não foi possível realizar uma pré-entrevista, devido às especificidades de alguns dos sujeitos, a exemplo do encontro com um morador da Varginha que gosta de contar “causos” antigos. Passeando pelo seu quintal, relatou-me os saberes de que se lembrava sobre a fábrica de telhas. Nesse caso, a conversa exploratória tornou-se uma espécie de entrevista. Perguntei-lhe se poderia registrar em meu caderno e ele autorizou.

Diante disso, conforme mencionado anteriormente, a coleta das informações ocorreu de forma não estruturada, o que contribuiu para que o presente estudo fluísse, respeitando as especificidades dos sujeitos. Devo salientar que, com os mestres Osvaldina, Josefa e Raimundo, as informações foram transmitidas, também, durante o trabalho em suas tarefas cotidianas, a citar como exemplo: enquanto se fazia o almoço, descreviam o processo de queima das vasilhas de barro.

À noite, sentadas no aterro do fogão a lenha, surgia uma estória de assombração e, enquanto alimentávamos os animais, surgia a lembrança de alguma planta da medicina popular. Logo, para captar as informações, tive que entrar no universo delas(es). Com meu pai, essas informações foram passadas ao longo da vida. Portanto, especificamente com meu pai, tive momentos de evocação de lembranças e confrontações sobre as técnicas, sobre as olarias, sobre as casas de terra e sobre a história local.

Sendo assim, para evitar as repetições dos mesmos relatos, eu fazia apontamentos das falas no caderno de pesquisa ou gravava parte da conversa (como me foi autorizada). Nesse sentido, optei por deixar que as conversas fluíssem naturalmente. Entende-se que essas especificidades correspondem a uma forma oral de transmissão do conhecimento, ou seja, o conhecimento é repassado no cotidiano, durante as realizações das tarefas domésticas, durante a contação de algum “causo”.

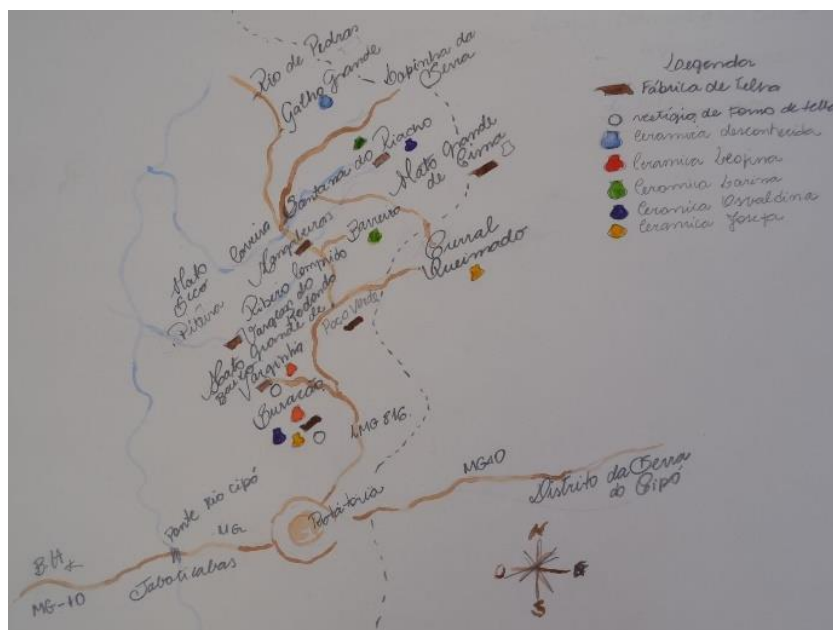
Diante disso, ressalta-se que houve uma interação direta entre a pesquisadora e os sujeitos. Godoy (1995, p. 61) menciona que, “do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador ‘colocar-se no papel do outro’, vendo o mundo pela visão dos pesquisados”. Diante da fala da autora, entende-se que, no campo da educação, seja pertinente criarmos práticas pedagógicas e metodologias de pesquisas que possibilitem a geração de conhecimento na perspectiva do pesquisado.

2.3.1 No caminho do barro: em busca dos dados

Para dar forma a esse estudo, visitei o município com mais frequência, participando de algumas manifestações culturais e religiosas no período de janeiro a dezembro de 2022 e, por dois meses, convivi com os moradores da comunidade Mangabeiras. Nesse período, também tive mais contato com a mestra Osvaldina, o mestre Raimundo, com a comunidade do Buracão e com os moradores de outras comunidades, de modo que foi possível observar algumas manifestações culturais.

Ao investigar o saber da cerâmica no município, foi traçado um mapa-caminho. Tratase do percurso feito durante o trabalho de campo. A função do mapa é traçar a localização dos objetos cerâmicos que estão em uso ou não e, assim, identificar os(as) ceramistas e os vestígios das extintas fábricas de telhas. O mapa-caminho, conforme a Figura 01, foi iniciado durante a fase exploratória da pesquisa e finalizado ao fim do trabalho de campo. Durante esse período, ouvi alguns conhecidos, parentes, pessoas anciãs e realizei leituras bibliográficas sobre o município. Com isso, obtive pistas sobre a localização dos(as) ceramistas e dos objetos cerâmicos.

Figura 1- Mapa-caminho do barro



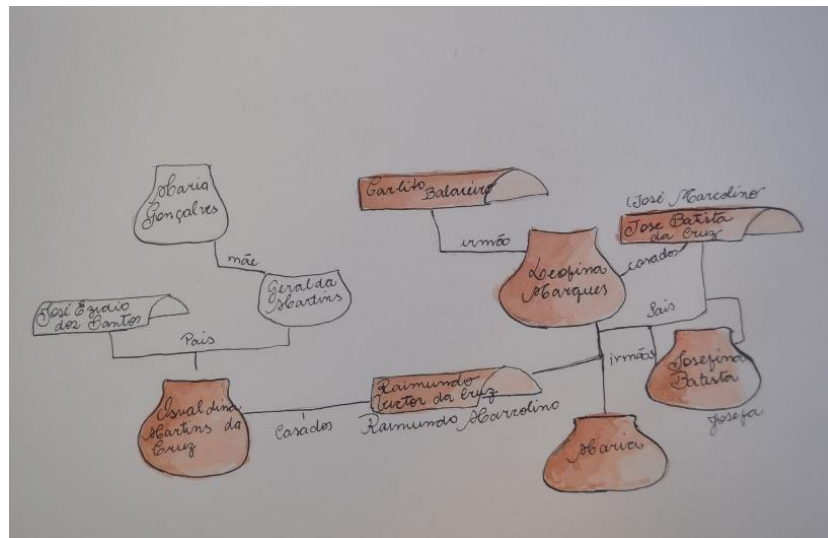
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao percorrer as comunidades contidas no mapa, fiz alguns registros fotográficos de edificações tradicionais de terra, ouvi estórias e causos sobre as relações com o barro (argila).

Ouvi sobre o uso do barro não apenas no processo do fazer cerâmico, mas também em outros contextos: na construção das casas, no uso do barro (argila), na agricultura, no fogão a lenha e em outros aspectos da cultura local.

De acordo com os dados do mapa-caminho do barro, entende-se que a mestra Leofina e seus descendentes do Buracão seriam os principais sujeitos que desenharam a trajetória desse saber tradicional até a atualidade. E, se considerarmos a árvore genealógica da tradição do barro do Buracão, conforme a Figura 02, nota-se que a mestra Osvaldina segue a tradição do grupo familiar em que nasceu e continua a seguir o grupo familiar do qual passa a pertencer. Com isso, nota-se a relevância desse saber para sua comunidade, pois ela é a última paneleira de todo o município.

Figura 2 - Árvore genealógica da tradição do barro do Buracão



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em alguns lugares que passei, tais como Galho Grande, Santana do Riacho e Mato Grande de Cima, registrei, nos quintais das casas, potes dos quais os moradores não sabiam a procedência, mas, alguns deles foram produzidos por mestra Osvaldina, ao ver as imagens, ela mesma reconheceu sua autoria. É o caso dos objetos das Figuras 05 e 07.

Figura 3 – Pote encontrado em Galho Grande (sem autoria)



Fonte: acervo de Maria Helena Ferreira.

Figura 4 - Pote encontrado em Barreiro/Gatinho - autoria de Larina



Fonte: acervo de Maria Helena Ferreira.

Figura 5 - Pote encontrado em Santana do Riacho



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 6 - Pote encontrado na Varginha - autoria de mestra Leofina do Buracão



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 7 - Pote encontrado em Mato Grande de Cima



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 8 - Vasilha de cozinhar feijão encontrada no Galho Grande, em 2018, por Jaide (sem autoria)



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 9 - Vasilhas de mestra Osvaldina –Buracão



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 10 - Botija encontrada no Buracão - autoria de mestra Josefa



Fonte: acervo da autora, 2022.

Durante uma pesquisa bibliográfica, comprovou-se a existência de outra paneleira no município, por meio dos relatos de uma pesquisa arqueológica feita em 1976, por Charles T. Snow e José Eustáquio Teixeira de Abreu (1976). Em estudo sobre a cerâmica neobrasileira em localidades rurais próximas de Belo Horizonte, dentre as cidades pesquisadas, estava Santana do Riacho. O estudo apontou que, no Barreiro (também conhecido como “Gatinho”), havia uma ceramista chamada Lerina Martins da Conceição. Os autores relatam que ela possuía ascendência indígena, além de descreverem suas técnicas de feitura de cerâmica.

Em busca por pistas sobre a ceramista “Lerina”, ao conversar com antigos moradores do Barreiro, eles relataram que, no local, havia uma paneleira chamada “Larina” que, mais tarde, mudou-se para a comunidade da Mangabeiras. Por meio de uma antiga moradora do Barreiro/Gatinho, obtive registro de um único objeto cerâmico: uma botija (conforme Figura 04), feita pela mestra Larina. Acredita-se que ela tenha sido uma paneleira contemporânea à mestra Leofiana.

Em outra pista, José Carlindo S. Ferreira (1999, p. 40) diz que, quando esteve no Capão

da Caveira (zona rural da comunidade Mangabeiras), na década de 1950, viu que “mulheres saíam de suas casas para buscar água. Punham um pote de barro na cabeça e desciam e subiam com a maior facilidade” a ladeira. Isso nos aponta o uso de potes no costume local. Em conversa com moradores, confirmaram que, no local, havia uma paneleira conhecida por “Larina”. Logo, entendemos que Larina e Lerina trata-se da mesma pessoa, porém, não encontrei descendentes que confirmassem se o nome correto seria Lerina ou Larina. Enfim, neste trabalho, ela foi considerada como mestra Larina.

Snow e Abreu (1976, p. 176) relatam sobre uma ceramista que morou às margens do Rio do Cipó, perto de Santana do Pirapama, que é extremamente ao município de Santana. Essa pista me levou a pesquisar a comunidade de Rios de Pedras (Santana do Riacho), que faz fronteira com Santana do Pirapama, em busca de informações sobre a olaria. Não obtive informações sobre as vasilhas de barro, mas essa pista me levou a um morador local que possuía uma telha (objeto de sua memória), com data de 1876, encontrada nas ruínas de uma casa antiga no local.

Vale ressaltar que, neste trabalho, quando aponto as extintas fábricas de telhas, saliento que não se trata de uma investigação histórica sobre as olarias, mas de um trabalho que indica um momento dessa comunidade em que esse tipo de atividade esteve presente como tradição. O principal método de pesquisa para tal empreitada foi escutar os “mais velhos” e, por meio de suas lembranças, descobrir os vestígios das olarias de telhas, algumas informações sobre a feitura das telhas, bem como outras informações. Para melhor entendimento, foi criado um quadro com a síntese do material encontrado.

Figura 11 - Quadro informativo sobre as fábricas de telhas

Dados obtidos sobre as extintas fábricas de telhas do município de Santana do Riacho				
Localidades visitadas	Encontrados vestígios	Telhas com data	Telhas com grafismo/desenhos	Relatos de existência das olarias de telhas
Santana do Riacho		1868		
Rio de Pedras		1876		
Vargem do Redondo (atual Ribeiro Comprido)				
Área Rural das Mangabeiras		1928		
Poço Verde				
Mato Grande de Baixo				
Varginha		1964		
Buracão				
Mato Grande de Cima				

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ainda sobre as fábricas de telhas, no mapa-caminho, estão marcados os lugares em que, de acordo com os moradores que ouvi, havia fábricas, porém só foram encontrados vestígios de fornos nas comunidades do Buracão e de Varginha. Tais vestígios, conforme Figura 47, (vide p.70) comprovam a existência das fábricas de telhas. Em alguns lugares, foram registradas telhas com datas e desenhos e objetos de cerâmica, que fazem parte de um acervo para uma futura exposição.

Sobre as fábricas de telhas, foram encontrados registros escritos nas telhas e alguns destes desenhos apontam as datas que sugerem dados sobre há quanto tempo houve as olarias de telhas na região. Contudo, na década de 1960, de acordo com relatos dos sujeitos dessa pesquisa, seja um possível o período de encerramento dessas fábricas de telhas.

Figura 12 - Telha da Mangabeiras com data 1928



Fonte: acervo de Simonia Machado, 2022.

Figura 13 - Telha da Varginha com data 1964



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 14 - Telha de Rio de Pedras com data 1876



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figura 15 -Telha Santana do Riacho com data 1868



Fonte: acervo de Marcela Eduarda da Silva - 2022

Segundo os relatos dos sujeitos, os grafismos das telhas tinham vários motivos. Faziam contas aritméticas nas telhas, desenhavam para impor suas marcas, assinavam o nome, colocavam a data, às vezes, escreviam a quantidade de telha produzida. Em relação às dimensões das telhas encontradas, variam de 45 a 60 centímetros de comprimento, sendo que a maior foi encontrada no Mato Grande de Cima.

Entre os dados desta pesquisa, estão os relatos dos processos de cerâmica (vasilhas de barro), que dialogam com as imagens dos processos de feitura. Já os relatos de memórias sobre as fábricas de telhas dialogam com alguns materiais e vestígios encontrados.

No decorrer deste trabalho, visando à ética na pesquisa, todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para uso de imagem, vídeos, nomes completos e o nome da comunidade de sua residência. Os textos deste trabalho foram relidos com os sujeitos para respaldar seus depoimentos e o conteúdo sobre os saberes ligados ao barro.

Ao fim desta investigação, ouvi alguns moradores do município relatarem que tinham uma tia, avó ou parente que fazia vasilhas de barro. Com isso, percebi a necessidade de dar continuidade a essa pesquisa. Entendo, também, a necessidade de fazer uma espécie de mapeamento sobre o saber das vasilhas de barro, pesquisando outros lugares no município de forma mais detalhada, identificando outras paneleiras e/ou seus descendentes e registrando as diferenças entre os objetos cerâmicos, os processos de feitura e os tipos de argilas (barros) encontrados no município.

Também houve interesse por parte das secretarias de cultura, educação e agricultura de Santana do Riacho, em parceria com o *Mercadinho Tá Caindo Fulô* (Cooperativa dos Produtores Rurais), para a realização de um projeto de oficinas de cerâmica nas escolas no município. Ao conversar informalmente com educadoras do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), também houve interesse nesse trabalho, no sentido de valorização da pessoa idosa do município, utilizando os temas da memória e da cerâmica.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa, houve a manifestação das duas filhas da mestra Josefa e dos netos de mestra Osvaldina de seguir com o ofício das vasilhas de barro (cerâmica).

Diante desses eventos, nota-se a necessidade de dar continuidade a esse trabalho e, com isso, registrar e acompanhar o processo deles para contribuir com a preservação e a disseminação do saber tradicional da cerâmica na comunidade do Buracão.

2.4 Minhas lembranças no contexto social de quando vivi na roça

Percebemos que muitas de nossas lembranças e memórias têm subjetividade ligada a uma casa, seja ela a casa de nossos avós ou nossos pais. Gaston Bachelard (2000, p. 200) nos fala de uma casa natal, diz que, quando sonhamos com ela, sentimos o primeiro calor, um paraíso material onde habitam os seres protetores. A casa natal pode ser entendida como nosso primeiro lugar no mundo; a lembrança dela povoa nossa mente com imagens que trazem à tona nossos primeiros aprendizados, memórias e lembranças de acontecimentos da nossa infância. Nessa casa, habitam nossos afetos.

Dentre as lembranças que tenho das casas de minha infância, considero que a casa de meu avô foi minha casa natal. Ela representava as coisas da terra, o cheiro do curral, o cheirinho de terra úmida quando as paredes da casa de adobe eram molhadas pelas águas da chuva, o quintal cheio de frutas, o cheiro do fogão a lenha, a água do pote novo, com gosto barro. Consequentemente, representava a proteção, na figura de meus avós paternos.

Ainda no que concerne à casa, aponta Bachelard (2000, p. 202) que “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças está guardado”, e acrescenta Bosi (2003, p. 27): “a casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não têm preço”. Assim, entendo que, na primeira casa que habitei, passei por processos educativos singulares que carrego por toda a vida, tradições que ainda reverberam, hoje, no meu modo de ver o mundo, nos processos de criação artística e em minhas práticas pedagógicas.

Vivi uma parte da infância, até os 13 anos de idade, num lugar chamado Vargem do Redondo, na área rural do município de Santana do Riacho (atualmente o lugar é chamado de Ribeiro Comprido). Morávamos em uma casa de adobe construída por meu avô paterno (Figuras 16 e 17).

Figura 16 - Ruínas da casa de minha infância



Fonte: acervo da autora, 2010.

Figura 17 - Reprodução da casa natal: aquarela sobre papel



Fonte: acervo da autora, 2003.

Meu avô se chamava Cecílio dos Santos e foi mestre em fabricação de telhas, processos de queimas de cerâmica, construção de fornos de cerâmica, de fabricação de adobe e construtor de casas de pau a pique, sabia trabalhar a madeira e o couro, além de possuir vários outros saberes. Esses saberes herdados de seus antepassados foram repassados ao meu pai por meio da oralidade e do “fazer junto”. Segundo Joice Saturnino de Oliveira,

A oralidade é uma das formas principais de transmitir e preservar a cultura popular. Objetos, documentos, formas de viver e relacionar, são expressões materiais e imateriais que servem de testemunho para a sobrevivência e autonomia das raízes

de um povo, mostrando sua visão do mundo (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

Já no “fazer junto”, a obtenção do saber era por meio da prática, ou seja, aprendia-se enquanto fazia-se algo, de modo que o saber acontece com o viver a experiência do fazer. Conforme aponta Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), pode-se entender que esse tipo de experiência nos atravessa, nos toca e nos acontece, permitindo o aprendizado.

Nessa época, pude aprender muito por meio da transmissão oral, por meio dos saberes da fiandeiras, das tecelãs, das paneleiras, dos quitutes produzidos pelas doceiras, da medicina alternativa das raizeiras, da crença e da fé das benzedadeiras, dos artesanatos ligados às festas religiosas, da “contação de causos”, das danças e das músicas folclóricas (as batucadas). Em virtude disso, acredito que a vivência, marcada e valorizada em minha memória, tenha despertado um interesse específico pelo estudo das questões ligadas à cultura da região.

Na Vargem do Redondo, viviam algumas famílias e muitas delas eram parentes. Toda cultura local era ligada ao modo de vida no campo, e todos vivíamos da economia de subsistência que, segundo Cêurio de Oliveira (1993, p. 193), é “aquela em que a produção de bens econômicos se destina à satisfação de necessidades restritas àqueles que as produzem”. Portanto, a grande maioria dos produtos que consumíamos vinha daquilo que a terra produzia, e não havia comercialização. Plantávamos os alimentos, feijão, arroz, milho, mandioca e hortaliças; criávamos gado, galinhas e porcos – tudo para subsistência da família. Entre os moradores, havia a prática do escambo, tendo em vista que nem todas as propriedades produziam todos esses alimentos.

Lembro-me de que, na nossa casa, havia um moinho d’água (Figura 18) feito por meu avô. No ano de 2012, o moinho caiu, após não resistir a uma forte chuva.

Figura 18 – Moinho



Fonte: acervo da autora, 2010.

Naquele lugar, havia uma escola – Escola Municipal Quirino de Paula Machado –, onde estudei da 1ª série até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental (entre os anos de 1981 e 1984). Lembro-me de que a escola, que tinha o nome dele, funcionava na antiga casa de adobe que pertenceu ao meu bisavô paterno. Meu pai me contava a estória de o nome ter sido dado à escola em homenagem à doação, além de vários causos sobre a casa, relatos de assombração e outros. Diante do que vivi, acredito que estudar na casa de meu bisavô manteve acesa a chama de nossa ancestralidade, pelo menos em minha memória. E acredito que esse cuidado com a educação, no passado, é que me fez chegar até aqui.

Porém, por volta do ano de 1983, houve o início da construção de uma escola nova para substituir a de adobe. A nova construção era composta de tijolo e cimento; toda a obra foi executada por meu pai, Sinval dos Santos. Lembro-me de que todos os alunos começaram a se referir à escola como “Grupo Novo”. Assim, aos poucos, fomos deixando de falar o nome antigo, pois nos identificávamos com a nova arquitetura. Ao lembrar desse evento, acredito que tal experiência foi a primeira mudança trazida pela “modernização”.

Atualmente, não há vestígios da antiga escola de adobe, somente as lembranças de quem estudou lá. A escola de cimento (o Grupo Novo) foi desativada em 1993 (conforme informação da Secretaria Municipal de Educação do município) e, posteriormente, transformada em residência, onde moram o Sr. L. S. e sua esposa. Ele ainda possui, em seu quintal, as ruínas dos bancos da antiga escola de cimento como parte de sua memória, porém sem sinais de restauração.

Figura 19 - Ruínas dos bancos da antiga escola



Fonte: acervo da autora, 2022.

Naquela época, na década de 1980, viviam, na Vargem do Redondo, aproximadamente, dez famílias numerosas. A comunidade era composta de uma escola, que recebia estudantes de

todas as localidades vizinhas; uma pequena área descampada, que servia de campo de futebol improvisado; e um cruzeiro, que representava a fé local (onde aconteciam os ritos religiosos).

Entendo que o local teve um esvaziamento, no passado, devido às dificuldades da vida no campo, tais como falta de saneamento básico, falta de energia elétrica e outros. Muitas famílias saíram do campo em busca de melhores condições de saúde e educação. No tocante à educação, levando em consideração que as escolas rurais ofertavam apenas os anos iniciais do ensino fundamental, isso foi um dos motivos que levou minha família a sair do campo para a cidade (Belo Horizonte) em busca de melhores condições de vida. Outro motivo foi a busca por assistência à saúde, pois meus irmãos e eu estávamos doentes na época.

O livro *Memórias de um recenseador* traz relatos de um recenseador da região da Serra do Cipó, José Carlindo Souza Ferreira. Publicado em 1999, a obra aponta várias características socioculturais de algumas comunidades visitadas em Santana do Riacho nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Através das memórias do autor, percebe-se a cultura de um povo contador de causos no aterror do fogão de lenha, de um povo hospitaleiro, do artesanato, das características das casas, das doenças que afligiam o município, da taxa de analfabetismo, dos recursos para combater o analfabetismo, entre outros.

Segundo Ferreira (1999, p. 52), na década de 1950, ele recenseou 2.531 pessoas no município e relata que ficou assustado com “a falta de instrução dos moradores”. Dos recenseados, 400 sósabiam assinar o nome, 150 sabiam ler e escrever e o restante era totalmente analfabeto. Porém todos sabiam fazer negócios que envolviam dinheiro e faziam contas de cabeça (as principais operações aritméticas). Particularmente, entendo isso como um tipo de saber.

Vale ressaltar que, atualmente, a situação no município mudou, possui escolas de ensino fundamental e ensino médio. As antigas escolas rurais foram extintas e a educação foi centralizada nas sedes dos municípios Santana do Riacho e Distrito de Serra do Cipó. Existe transporte escolar para os(as) estudantes e moradores(as) das áreas rurais, que se deslocam das zonas rurais para a sede administrativa de Santana do Riacho. No tocante ao sistema de saúde, a cidade possui postos de saúde por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e ambulância para atender a população.

As condições de subsistência nas áreas rurais também mudaram, com acesso a novas tecnologias: a água potável por meio de poços artesianos e alguns lugares com cisternas; energia elétrica, sinal de telefone e de internet. Essas melhorias contribuem para o caminho inverso ao êxodo rural, ou seja, isso facilitou o regresso de pessoas que saíram do município em décadas passadas.

Portanto, atualmente, no espaço geográfico onde era a Vargem do Redondo, vivem três famílias pequenas que saíram do município em décadas passadas e retornaram para residir no lugar. Também há algumas casas de fins de semana, em que antigos moradores passam a viver de forma temporária, a citar como exemplo a casa de minha família. Uma das famílias que retornaram a residir no local é a família do Sr. L.S (primo de meu pai) e sua esposa, o casal que mantém o cruzeiro restaurado e construiu a igreja de São Sebastião com a ajuda da comunidade perpetuam parte da cultura religiosa da região, com rezas, leilões, quitutes e missas no local, reunindo moradores e ex-moradores. A igreja foi construída como pagamento de uma promessa feita pelo meu bisavô (paterno), Quirino de Paula Machado, e junto ao cruzeiro, transmite a ideia de que a memória de nossos ancestrais permanece.

O cruzeiro é a única construção no espaço público que sobrevive ao tempo e suas transformações. Mantém-se como símbolo da cultura do lugar e, mais que isso, representa um lugar sagrado. Lembro-me, quando criança, de que os cruzeiros eram lugares de pagamento de promessas e oração. Quando havia estiagem prolongada, buscávamos água e pedras no Rio Cipó. As mulheres carregavam os potes de barro cheios de água sobre a cabeça; as crianças carregavam os seixos do rio e levávamos até aos cruzeiros, rezando e pedindo chuva e, dias depois da penitência, a chuva caía. Esse ritual caiu em desuso. Mas ainda há pessoas que colocam pedras no pé dos cruzeiros fazendo referência a esse antigo costume.

Figura 20 – Igreja de São Sebastião



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 21- Cruzeiro da Vargem do Redondo



Fonte: acervo da aurora, 2022.

Figura 22 – Quitute “amêndoas”



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 23 – Corações de papel crepom



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 24 – Produtos para o leilão das festas de São Sebastião



Fonte: acervo da autora, 2022.

Na Figura 22, vemos as “amêndoas” (quitutes feitos de açúcar e amendoim) produzidas por mãos habilidosas. Nas rezas de antigamente, conta meu pai, as amêndoas eram colocadas em embalagens em formato de corações, que eram decoradas com papel crepom (Figura 23), os quais eram arrematados nos leilões por rapazes que presenteavam as moças a quem queriam pedir em namoro. Tal costume está em desuso diante das mudanças sociais e tecnológicas. Mas as amêndoas continuam sendo utilizadas, porém são colocadas em outros tipos de embalagens. Os corações da Figura 23 foram feitos durante a pesquisa e doados para os leilões.

Neste trabalho, ao final, aponto algumas mudanças sociais que possam ter interferido no desaparecimento e/ou desuso de muitos dos saberes tradicionais locais. Nesse sentido, tratarei, de forma sucinta, sobre: gentrificação rural, patrimônio, memória e cultura.

Nessa perspectiva, lançamos o olhar para as transformações sofridas ao longo do tempo e como isso refletiu no modo de vida dos moradores, levando ao quase desaparecimento das “coisas e dos conhecimentos dos antigos” (conforme os moradores costumam dizer). Dentre alguns desses “conhecimentos dos antigos” está a olaria, começando pelas vasilhas de barro (objetos cerâmicos de uso doméstico), as olarias (fábricas) de telhas tradicionais e casas tradicionais de terra. Essa opção deve-se ao fato de as fábricas de telhas já estarem extintas e as vasilhas de barro, à beira de cessar a tradição.

3 AS RELAÇÕES COM A CERÂMICA E COM AS VASILHAS DE BARRO

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e Ihe soprou nas narinas o fôlego de vida e o homem passou a ser alma vivente (Gênesis, 2:7).

A respeito da relação do barro com a humanidade, segundo Jaqueline Prado (2016, p. 18) e Joaquim Chavarria (2004, p. 9), nossos antepassados deixaram registros históricos que evidenciam, desde o neolítico, a cerâmica como elemento de sobrevivência. Apontam como ela era usada na produção de utensílios para a preparação de alimentos e como elemento sagrado na celebração de rituais.

Complementa Flávia Leme de Almeida (2010, p. 25-26) que uma forma de pensar a história das civilizações antigas é por meio da cerâmica, sendo ela um dos poucos materiais transformados pelo homem que sobreviveu até os dias atuais. Assim, apresenta-nos possibilidades de identificar e explicar o modo de vida dos nossos antepassados, dando-nos informações de que muitos desses objetos foram confeccionados para o uso cotidiano e em rituais, ou seja, objetos que alimentaram o corpo e alma.

Hoje, a cerâmica se faz presente nos mais variados segmentos de nossa sociedade. É o caso, a título de exemplo, da decoração e do setor industrial. Também é notada a presença da cerâmica em equipamentos elétricos e até mesmo nas áreas médicas e de tecnologia eletrônica. De acordo com Alexandre e Garcia (2020, p. 43), “estudiosos confirmam que a cerâmica é a mais antiga das indústrias. Ela nasceu no momento em que o homem começou a utilizar o barro endurecido pelo fogo”. Além disso, suas técnicas mais remotas possuem a capacidade de aproximar o indivíduo de suas raízes ancestrais, da natureza, e, ainda, se faz presente na cultura e na arte.

No Brasil, conforme aponta Rosimeiri Galbiati Toyota (2009, p.13-14), na região Amazônica, na ilha de Marajó, foram encontrados evidências da existência de cultura indígena com domínio da arquitetura e da cerâmica entre 1500 e 1000 a.C. A autora ressalta que na Fase Marajoara, aproximadamente 400 d.c, produziu-se de uma cerâmica aprimorada, com grafismos “labirínticos”, ideogramas e narrativas gravadas que se referiam à sua mitologia, utilizando desenhos de animais e insetos. E com isso, evidenciado um povo de cultura avançada e com uma tradição polifônica.

Prado (2016, p. 23), apoiada nos estudos de André Prous, salienta que, na região de Minas Gerais, os achados de antigas peças de cerâmica comprovam que, diferentemente de outras formas de artesanato, a cerâmica não foi introduzida pelos portugueses, africanos ou quaisquer outros povos que tenham migrado para esse território. A autora ressalta que, no século

XVI, há evidências de que os povos indígenas possuíam conhecimento relativos ao barro antes dos primeiros avanços de colonização. No vale do São Francisco, em Lagoa Santa e em outros sítios arqueológicos, confirma-se a presença dos povos originários com marcas que evidenciam suas pinturas com pigmentos e saberes sobre objetos de cerâmica.

Na região da Serra do Cipó, por exemplo, a relação do ser humano com o barro iniciou-se com nossos antepassados. Segundo, André Prous (1992), eles deixaram seus registros nos sítios de Lapa Vermelha IV, e em Santana do Riacho, próximo à Lapinha da Serra. Lá foram encontradas pinturas rupestres datadas entre 4000 e 7000 BP (antes do presente). Tais grafismos foram feitos com pigmentos de terra.

No tocante à cerâmica, Prous (1992, p. 357) afirma que foram encontradas em Baldim, município vizinho, peças de cerâmica, ferramentas e vestígios culturais em covas laterais a uma casa subterrânea. De acordo com Sérgio Lacerda (2022), o pesquisador austríaco Mihaly Banyai encontrou uma urna funerária de cerâmica em uma fazenda antiga próximo ao Rio Cipó e, na década de 1970, iniciou uma pesquisa sobre esse material cerâmico referente aos rituais funerários da região. Esse fato é algo valioso para a arqueologia e representa um dos mais antigos registros humanos da América do Sul.

Segundo Alexandre e Garcia (2020, p. 45), apesar de as técnicas de produção de cerâmica no Brasil não terem sido inseridas pelos colonizadores, eles estruturaram a força de trabalho, criando as primeiras olarias em escolas, engenhos e fazendas jesuíticas. Nessas olarias, com a inserção das técnicas de utilização do torno, que otimizaram o tempo de produção, o acabamento e a simetria dos objetos de barro, produziam-se telhas, tijolos e utensílios para uso cotidiano.

Além do uso do torno, os colonizadores trouxeram do seu continente a tecnologia dos fornos de cerâmica. Eram utilizados para otimização dos processos de queima. Segundo Prous (1992, p. 94) “a operação mais delicada da fabricação é a queima, durante a qual uma porcentagem significativa de quebra costuma ocorrer. No Velho Mundo, foram desenvolvidas técnicas de controle da ventilação, através dos fornos”. O autor também aponta que, nas Américas, as queimas da cerâmica eram realizadas por meio de fogueiras, cobrindo-se os objetos de barro com lenha.

Ao serem pensadas práticas tradicionais da cerâmica, podemos entender que suas técnicas e os saberes a ela relacionados vêm das experiências empíricas que se tornam um modo de vida dos sujeitos, e a transmissão dessas experiências se transformam em saberes que são repassados pela oralidade, de uma geração a outra. Ao citar a produção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, Prado (2016, p. 43) afirma que “a maioria dos objetos cerâmicos do Vale do

Jequitinhonha, até o século XX, eram objetos utilitários, um legado cultural repassado dos mais velhos aos mais jovens”.

Prado (2016, p. 43), ainda aponta as influências indígenas nos processos de feitura dos objetos cerâmicos, dos tipos de fornos e das ferramentas utilizadas. Sobre cerâmica tradicional, Snow e Abreu (1976, p. 176) entrevistaram a paneleira conhecida como Larina. A pesquisa exploratória, na época, teve o objetivo investigar os traços de técnicas indígenas na produção de cerâmica atual e, com isso, fornecer dados para estudos arqueológicos. Esse fato mostra-nos a relevância da pesquisa sobre a cerâmica tradicional neste município e a importância da preservação desse saber como um tesouro.

No que diz respeito à preservação dos saberes tradicionais, acredita-se que seja um desafio evitar que eles desapareçam. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Natália G. Brauner diz que um dos mecanismos de preservação está no cuidado com a manutenção dos processos e das práticas.

Na preservação deste tipo de bem cultural importa cuidar dos processos e práticas, importa valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. São os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade (Brayner, 2012, p. 18).

Em seu dossiê *Ofício das paneleiras de Goiabeiras* (IPHAN, 2006, p. 11), o instituto busca a valorização desse saber ao reconhecer os processos de produção de cerâmica das paneleiras de Goiabeira Velha, Espírito Santo, tratado como um patrimônio imaterial registrado no livro dos saberes em 2002. O dossiê sobre o ofício das paneleiras diz que “o processo de produção das painelas de Goiabeira Velha conserva todas as características essenciais que a identificam com a prática dos grupos nativos das Américas, antes da chegada de europeus e africanos” Segundo a autora, o documento ainda aponta que as painelas são modeladas de forma manual, com a utilização de ferramentas rudimentares, utilizando um barreiro ancestral.

Apesar das ações do setor público, como já mencionado, muitos saberes correm o risco de desaparecer antes de serem registrados, pois muitos têm a oralidade como veículo de transmissão de suas práticas e suas experiências, que vêm de relatos das memórias dos sujeitos que vivem em comunidades invisibilizadas pelas ações de institucionalização do poder público quanto ao registro desses saberes.

Acredita-se que alguns desses lugares invisibilizados possuem uma produção de cerâmica em pequena escala e, por estar centrada em pequenos grupos de familiares, ainda não

foram feitas publicações científicas que apontem sobre ela. Nesse sentido, entende-se que correm o risco de desaparecer antes dos registros. Um exemplo são as fábricas de telhas, já extintas em Santana do Riacho e sobre as quais não foram encontrados registros formais até o momento.

3.1 Mestras das vasilhas de barro

<i>Meninas do pote</i>	Com seu saber tradicional
Mestras, mulheres mães e meninas	Retiram o barro do quintal
Marias, Geraldas, Larinas, Leofinas	Por isso seus potes lindos
Que lutam como mulheres	fazem bem e nunca o mal
Sem deixar de ser meninas	E água fria do pote
Josefinas, Silézias e Osvaldinas	Tem gosto bem natural
Meninas que com sua sabedoria	Meninas arteiras, falantes
Semeiam plantas das curandeiras	Que modelam na mingunte
Que florescem nas ribeiras	E colhem a melhor lenha
Como não se bastasse	Para o fogo flamejante
Carregam a bondade intensas	E ainda serve água fria
Das mais sábias benzedeadas	Para o sedento viajante
Essas são mestras do povo	E vão subindo seus potes
Amigas da perfeição	Com variados pavios
Fazem o pote com as mãos	E quando fome aperta
Mas usando o coração	Elas vão pescar nos rios
Sendo mães embalam a vida	Os antigos já diziam
Com uma heróica que canção	Quando cavarem o barreiro
	Se lembrem: somos o barro
	E Deus o Sagrado Oleiro
	Silézia Santos e Mestre Fernando Limoeiro ⁴ dez/2022

⁴ Mestre Fernando Limoeiro, Fernando Antônio de Melo, nascido em Limoeiro, Pernambuco. Com influências das artes do sertão nordestino e da convivência com mestres de Pernambuco, ele se especializou na cultura do mamulengo. Vive em Belo Horizonte há mais de 30 anos, é professor de Teatro Universitário e diretor da Trupe a

Início este tópico com um poema, pois acredito que ele traz um pouco das relações das mulheres ceramistas de Santana do Riacho com o barro. Célia Xakriabá (Correa, 2018, p. 40) nos diz que “as mãos que moldam um pote ou uma panela de barro trazem um pedaço do território e toda a sua sabedoria”. De acordo com Prado (2016, p. 77), o objeto de barro é cheio de significados, carrega memórias, ancestralidade, marcas das mãos que o modelam, vestígios do solo de onde vem e a identidade de quem o produz. Sendo assim, nas vivências do cotidiano, na luta e nos percalços, elas ainda partilham sua sabedoria e seus ensinamentos.

Figura 25 – Mestra Leofina



Fonte: acervo de Gilmar Martins, sem data.

Figura 26 - Escultura da mestra Leofina



Fonte: acervo da autora, 2022.

Mestra Leofina Marques nasceu em 1913 e faleceu em 1983, no município de Santana do Riacho. Mãe de três de três filhos, sendo duas filhas que aprenderam o ofício de paneleira e um filho, ofício de oleiro. Moradora do Capão do Pito Aceso, que atualmente é denominado de Buracão, ela era uma paneleira reconhecida da região. Seu saber ficou registrado no livro de Ferreira (1999, p. 49): “ela vendia panelas para região e tinha o apelido de ‘Geofina paneleira’”. Porém, durante essa pesquisa, o apelido foi corrigido pela família: a forma correta é Leofina Paneleira. O autor cita também que a comunidade era um lugar de artesanato de qualidade.

Dentre os lugares visitados durante essa pesquisa, foram encontrados vários potes e vasilhas de barro em quintais de algumas residências que, segundo os moradores, foram produzidos pelas panelieras do Buracão. Segundo sua filha e nora, Leofina aprendeu o ofício com seus antepassados e repassou o conhecimento para seus descendentes. Em meu percurso pelo município, percebi seu reconhecimento como uma das melhores panelieras da região. Atualmente sua memória é preservada por meio do trabalho de seu neto, Gilmar Aparecido da Cruz, que está restaurando os fornos, resgatando as vasilhas antigas no intuito de preservar o saber da cerâmica e encomendou uma escultura em homenagem à mestra Leofina, conforme Figura 26.

Figura 27- Mestra Josefa



Fonte: acervo da autora, 2022.

Mestra Josefina Batista possui 66 anos. Conhecida por todos da região por Josefa, é filha de mestra Leofina. Relata que aprendeu o ofício durante o tempo em que ajudava sua mãe, porém não gostava de ficar alisando o barro. Muitas vezes, preferia o trabalho de capinar roça, mas, com o adoecimento de sua mãe, precisou ajudá-la com mais dedicação, pois havia muita encomenda e o barro era uma fonte de renda. Continuou o ofício até 1988 e, em 1989, mudou-se para Vespasiano, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Dentre os relatos de mestra Josefa, alguns nos apontam as características sociais de sua época no contexto de uma ceramista. Disse que, algumas vezes, sua mãe, Leofina, colocava uma pirunga (botija) debruçada dentro de um pote, ambos em um saco de algodão, e carregava sobre a cabeça. Ela saía do Buracão até Veraneio, atual distrito de Serra do Cipó, e andava por horas, para vender objetos de barro para alimentar os filhos. Josefa disse que, muitas vezes, ia com ela como companhia.

Josefa comentou que o trabalho da paneleira era desvalorizado, pois se lembrava de sua mãe como empregada diarista, fazendo cinco potes por dia para receber uma rapadura como pagamento. Destacou que as vendas das vasilhas de barro eram difíceis e, quando as vendia, economizava o dinheiro para comprar material escolar e roupas para os filhos estudarem. Disse que sua mãe lutou para que ela estudasse até a 2ª série primária. Percebi, em sua fala, um grande respeito e gratidão pela profissão de sua mãe e a consciência de que, através desse ofício, pôde ter uma educação formal.

A mestra Josefa relatou, ainda, que se considera uma paneleira, ao explicar o sentido espiritual e religioso de trabalhar com o barro. Ela disse que somos o barro e Deus o oleiro. Segundo ela, nós temos que aceitar as coisas da vida porque é Deus trabalhando em nós, da mesma maneira como fazemos com as panelas de barro, e isso é um processo trabalhoso. Esses ensinamentos ela repassa aos jovens da igreja evangélica onde congrega, na cidade de Vespasiano, e, assim, acredita que transmite, de certa forma, sua experiência com o barro e com a sua terra.

Figura 28 - Mestra Osvaldina



Fonte: acervo da autora, 2022.

Mestra Osvaldina Martins da Cruz tem 61 anos de idade e é mãe de 4 filhos. Teve contato inicial com a cerâmica quando ainda era adolescente. Seu pai, Sr. José Ezidio dos Santos, possuía uma fábrica de telhas em sua propriedade, em um lugar chamado Prauninha, e

ela participava nos mutirões para retirada do barro, quando possuía 12 anos de idade. Sua mãe, a mestra Geralda Martins, fazia vasilhas de barro para a própria despesa da casa. Mestra Geralda, por vez, também, aprendeu a fazer as vasilhas de barro com a avó materna de Osvaldina, a mestra Maria Gonçalves.

Aos 16 anos, Osvaldina se casou com o mestre Raimundo Marcolino, filho da mestra Leofina, e foi morar na comunidade do Buracão, com sua sogra e sua cunhada Josefa, ambas paneleiras. Nessa convivência, começou a ajudá-las nos trabalhos de buscar lenha e retirar o barro e foi observando sobre o ofício. Porém, só começou a produzir as vasilhas de barro em meados de 1985, após mestra Josefa sair do município, pois teve que dar continuidade ao trabalho com barro por necessidade financeira e porque havia muitas encomendas.

Mestra Osvaldina entende a importância de continuar a fazer as vasilhas de barro para perpetuar a tradição, e relatou, com pesar, que há três anos não fazia as vasilhas de barro, até o momento dessa pesquisa. Diz que tem tentado dar continuidade, mas relata que está começando a ficar cansada. Porém, tem pensado em dar continuidade à tradição ensinando sobre o fazer das vasilhas de barro às próximas gerações: para os filhos, os netos e para quem se interessar.

Relatou que, atualmente, não consegue colher o barro e fazer a queima das vasilhas sozinha, tendo em vista que esses processos são os mais pesados. Portanto, para que haja uma continuidade de saber, será necessário a ajuda de outras pessoas. Ela percebe o fazer cerâmico como algo muito bonito, de muita dedicação, e que possui um “modo de fazer” que hoje está se perdendo.

Também relatou que está se dedicando, no momento, à agricultura e aos movimentos em prol da comunidade. Confessou que, após perder a última fornada de cerâmica, houve certo desânimo de continuar com o ofício. O trabalho com o barro é árduo, prolongado e, além disso, não é garantido que as peças saiam conforme o esperado. Assim, ela sente que seu corpo não consegue conciliar os trabalhos com a agricultura e com o barro como fazia antes.

Atualmente participa como membro do conselho da Rede Solidária de Produtores de Santana do Riacho, Mercadinho Tá Caindo Fulô, onde pequenos produtores rurais, artesãos e artistas da região da Serra do Cipó expõem seus produtos artesanais. E atua como representante de sua comunidade na Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fetaemg), além de participar do projeto Cerrado Vivo, repassando seus conhecimentos sobre a medicina popular.

Diante dos relatos de mestra Osvaldina, percebe-se uma mulher consciente de seu papel político e social em sua comunidade. Ela diz que:

Eu sempre gostei de participação, sempre gostei de estar no meio do povo. Penso que a mulher tem que estar ocupando seu lugar na política. [...] Quando eu vou à luta, acho que é assim, vou em defesa de todas as mulheres e gosto da luta, a gente aprendeu a valorizar a si próprio e ninguém faz nada sozinho, a gente tem que ter mutirão, ser unido [...] (Dona Osvaldina, 2022)⁵.

Com essa consciência de coletividade, mestra Osvaldina entende os desafios políticos e sociais, portanto, aceitou participar desse estudo para contribuir com a pesquisa científica e com a educação em seu município.

3.2 Subindo os potes: modo de fazer

Entendo que a ceramista é uma espécie de alquimista. Neste sentido, Lílian Panachuk (2021, p. 41), diz que a ceramista “manuseia de forma harmoniosa os quatro elementos: terra, água, ar e fogo, provocando interações entre eles”. Para Camila da Costa Lima (2014, p. 2476), “quando se trata de cerâmica, há a interação de uma sequência de processos que abrangem seleção de matéria-prima, modelagem, acabamento, secagem e queima.” E Prado (2016, p. 156) diz que o barro “não é uma matéria passiva e está constantemente em diálogo com o artista e o *fazer* da cerâmica nos ensina a lidar com os erros, aceitando-os como parte do processo de criação”.

Para fazer as vasilhas de barro, é preciso saber, primeiramente, localizar o barreiro e conhecer o barro. Nesse sentido, Panachuk (2021, p. 42) lembra que “Para localizar uma fonte de argila, é preciso situá-la na paisagem”. Prous (1992, p. 91), por sua vez, afirma que as argilas finas, com impurezas, são encontradas em lugares onde existem águas mansas e necessitam ser peneiradas para tirar essas impurezas.

No município, de modo geral, as argilas são encontradas próximas dos cursos de água. Especificamente no Buracão, o solo é rico em argila, porém utilizam a matéria-prima do barreiro antigo, localizado em lugar pantanoso, próximo de plantações de hortaliças e arroz, denominado de brejo, descoberto desde a época de mestra Leofina.

Para encontrar um barro novo, mestra Osvaldina procura em lugares próximos aos cursos de água, reconhece-o através do tato, sentindo a textura, observando a cor e percebendo a viscosidade, o que ela denomina de “liga”. Ela relatou que precisa tomar cuidado, senão pode pegar o barro cheio de piçarra ou com tabatinga. E, muitas vezes, encontram-se veias de barro

⁵ Este texto é uma transcrição do trecho do vídeo Giro Agroecológico. Dona Osvaldina. Santana do Riacho/MG, YouTube – 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYodPIWda5M>.

junto a piçarra⁶ em barrancos, mas nem sempre é um bom barro. Após essa identificação e a preparação adequada do barro, faz-se uma vasilha pequena, antes de colher um volume maior, conforme as Figuras 29 a 32.

Figura 29 – Barreiro antigo do Buracão



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 30 – Barro no barranco do Buracão



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 31 – Barro da área rural da Mangabeiras



Fonte: acervo da autora, 2022.

⁶ Xisto argiloso é uma rocha sedimentar idêntica a das argilas, mas com maior grau de coerência. Os xistos argilosos apresentam uma laminação bem visível. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$xisto-argiloso](https://www.infopedia.pt/$xisto-argiloso)

Figura 32 – Piçarra com veio de barro – Mato Grande de Baixo



Fonte: acervo da autora, 2022.

Os processos do “saber fazer” da cerâmica tradicional são transmitidos de forma oral. Em uma conversa com a mestra Josefa, enquanto fazíamos o almoço, ela falava sobre o sentido espiritual do ser ceramista. Explicou, detalhadamente, todos os processos de fazer as vasilhas de barro, desde o momento da coleta do barro até a queima, comparando com como Deus cuida da humanidade. Durante essa conversa, todo o conhecimento foi passado de forma oral, como o costume do lugar. Portanto, esses processos descritos pelas mestras, nos itens a seguir, serão confrontados com alguns autores sobre o fazer da cerâmica.

Mestra Josefa relata que, além de reconhecer o barreiro, retira-se o barro na lua minguante, colocando-o para secar. Depois, ele é socado (triturado) em um pilão de madeira e peneirado. Ela ressalta que não pode ficar nenhuma pedra, senão o objeto de barro quebra quando for queimar ou assar. Depois de feito o pó, ele é peneirado e umedecido com a água bem limpa e precisa ser deixado para “curtir” (repousar) por, no mínimo, 15 dias.

Sobre o período de “curtir” o barro, Maria Dolores Ros Frigola (2006, p. 21) nos fala do envelhecimento da argila, que implica em deixá-la à intempérie da natureza por semanas ou anos. Para Johann Fricke (1992, p. 10), o barro era deixado às intempéries para que, por meio do apodrecimento, as matérias orgânicas possam ser eliminadas. Em alguns casos, esse período de descanso poderia durar anos.

Em outra conversa com a mestra Josefa, ela disse que, atualmente, o barro pode ser colocado em recipiente com tampa para descansar, o que facilita o trabalho. Mas na época de sua mãe, o barro era colocado no local da casa e coberto com folhas de bananeiras para evitar ressecamento e era umedecido com água todos os dias, até completar o tempo de descanso.

Segundo as mestras, após esse período, o barro é amassado e acrescenta-se areia para ficar mais forte e aguentar o fogo. A medida é uma mão de areia para cada panela, mas é preciso sentir a textura ou “liga”. Prous (1992, p. 91) afirma que “o oleiro acrescenta ao barro elementos

antiplásticos, que não irão sofrer modificação de volume durante a queima. Segundo Snow e Abreu (1976, p.185), a paneleira Larina (de Santana do Riacho), também acrescentava cascalho bem fino ao barro para modelar suas panelas. No entanto, os sujeitos dessa pesquisa usam somente a areia como antiplásticos. Porém, na técnicas do fazer cerâmico podem ser utilizados o chamote (pó de cerâmica queimada) como antiplásticos

Logo após amassar o barro, para iniciar a produção de uma vasilha, é necessário compactá-lo em pequenas quantidades na parte externa do bojo de um pote, que é usado como espécie de fôrma (molde). O barro modelado se torna o fundo do objeto cerâmico (base), que pode ser uma panela, um pote ou uma botija, conforme Figura 33. Uma vez finalizado esse processo, aplica-se um pedaço de pano nas bordas, a fim de prevenir possíveis trincas, e o objeto é deixado para secar. Quando a base estiver firme ao toque dos dedos, retira-se a base da forma (molde) e tem início o processo de “subir o pote”.

Figura 33 - Composição de imagens fazendo as bases das vasilhas



Fonte: acervo da autora, 2022.

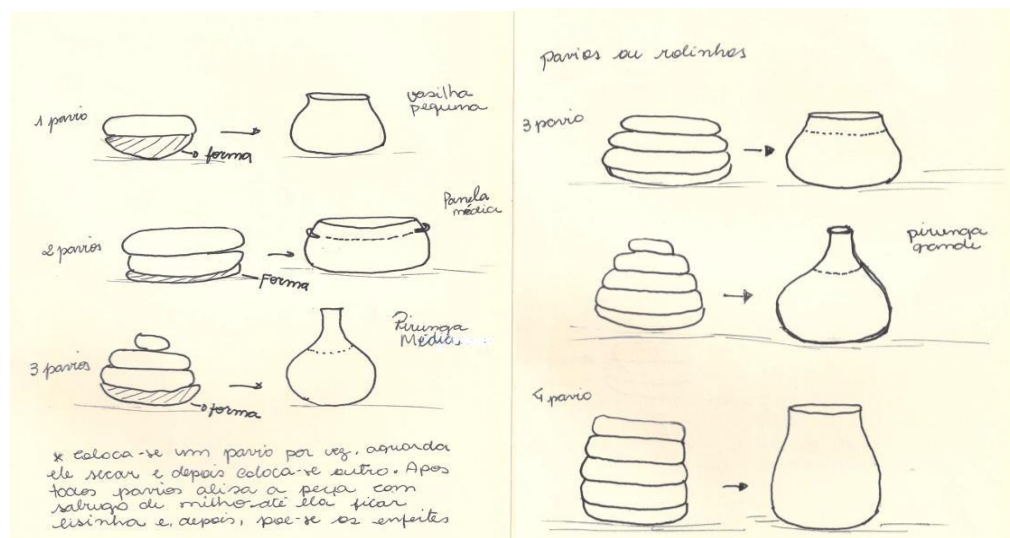
De acordo com Prado (2016, p. 23), no período pré-histórico brasileiro, os objetos de barro eram confeccionados a partir de uma bola de barro modelada com os dedos e, logo depois, eram colocados cilindros de barro sobrepostos e alisados com os dedos, (formando uma espécie de costura). As mestras Osvaldina e Josefa, ao modelar o pote ou a panela, costuram a base da vasilha aos pavios (rolinhos ou cilindros), utilizando os dedos e um sabugo de milho.

Segundo os relatos da mestra Josefa, os pavios são grossos e possuem mais ou menos cinco a seis centímetros de espessura. Ela disse que sua mãe subia um pote médio com três pavios, conforme a Figura 34. Após o objeto finalizado, colocam-se enfeites, que são de tirinhas

de barro. Os enfeites são colocados no bico ou no meio da botija e no meio do pote, com o intuito de servir como atrito na hora de manusear a peça. Após a vasilha ficar pronta, põe-se para secar na sombra por alguns dias, até a queima.

Mestra Josefa aprendeu a modelar o pote com sua mãe (Leofina) e usava a mesma quantidade de pavios que sua mãe. Porém, a mestra Osvaldina disse que usa mais pavios porque facilita para subir o pote se pavios forem mais finos, e o acabamento fica mais fácil.

Figura 34 - Número de pavios para a feitura das vasilhas



Fonte: acervo da autora, 2022.

3.2.1 Estórias e características que envolvem as vasilhas de barro

De acordo com Levis Strauss (1985, p. 67), “a cerâmica é objeto de numerosas práticas rituais, precauções e cuidados.” Segundo a pesquisa de Snow e Abreu (1976), as técnicas fazer as vasilhas utilizando os roletes (pavios) têm características da cerâmica pré- histórica e a restrição da lua minguante pode ser oriunda da tradição indígena, marcando presença até os dias atuais.

Ainda sobre algumas particularidades relativas ao barro, Strauss (1985, p. 37-41) aponta que, em um mito na Amazônia, a cobra Bocaiúva, transformada em uma idosa, ensinou às mulheres indígenas as técnicas de pintura da cerâmica. Em outro mito, do povo Toscana, conta que avó da argila ensinou a mulher as técnicas de modelagem e queima dos potes de barro, mas exigia várias restrições e cuidados quanto à extração do barro. Para Almeida (2010, p. 27), “A cerâmica era, portanto, uma atividade quase que restrita às mulheres, na maioria das vezes de caráter sagrado e envolta em uma série de especificidades, cuidados e proibições”.

Segundo Strauss (1985, p. 39-40), ao norte, no sudeste da Colômbia, os povos indígenas

Tanimuka ou Ofaina, a Terra era “Namatu”, a figura feminina primordial, criadora da cerâmica e a senhora dos potes. Ela impunha várias restrições sobre os processos de feitura da cerâmica. Algumas dessas restrições eram que a cerâmica teria que ser produzida em um lugar específico da aldeia e que as mulheres grávidas ou menstruadas não podiam se aproximar, por serem consideradas “quentes demais”. E isso pode ser explicado por alterações hormonais que refletem na temperatura do corpo feminino.

Tendo em vista que a produção das vasilhas de barro (cerâmicas utilitárias) é uma função ligada ao feminino, o que também foi identificado no local dessa pesquisa, algumas dessas restrições foram perpetuadas ao longo do tempo. Em uma conversa com a mestra Osvaldina, ela relatou-me que sua sogra dizia que não podia mexer o barro quando o corpo da mulher paneleira estava em “estado de reposição”, que quer dizer menstruada. Mestra Osvaldina disse que não segue essa restrição.

Em Santana do Riacho, houve um tempo em que os utensílios de plástico e de alumínio eram pouco acessíveis e as vasilhas de barro faziam parte da vida doméstica. Elas tinham nomes e formatos, eram as panelas de cozinhar feijão, panela de ferver água, panela de gordura, talhas e utensílios pequenos chamados de caburés.

Havia potes de todos os tamanhos, usados para buscar água na mina ou na bica. Em muitas casas não havia filtro de barro e os potes eram utilizados tanto para armazenar água quanto para transportá-la. As talhas são maiores que os potes e eram usadas somente para armazenar água, possuíam uma torneira e o formato mais alongado.

Havia diferentes panelas: as panelas de guardar gordura e carne eram utilizadas para armazenar as carnes que, imersas na gordura, conservavam-se por meses. Elas eram um recurso para conservação e armazenamento desse tipo de alimentos, que hoje são refrigerados nas geladeiras. Esses tipos de panela eram maiores que as panelas utilizadas para cozinhar e possuíam a boca mais fechada, com tampa de encaixe.

Figura 35 - Modelagem da Panela de gordura ou de carne por mestra Osvaldina



Fonte: acervo da autora, 2022.

Havia a panela de ferver água e de cozinhar feijão. Ambas possuíam formato semelhante ao dos potes, porém, com tamanho menor, conforme a Figura 08.

Contou-me a mestra Osvaldina que, na casa de sua avó, todos os utensílios domésticos eram de barro: os copos, os pratos e as panelas. Também relatou que, na casa da sogra, mestra Leofina, as vasilhas também eram de barro e, certa vez, sua sogra vendeu uma fornada inteira de vasilhas de barro para comprar um tacho de alumínio. Eles ainda guardam esse tacho como memória de família, respeitando a importância que ele teve para Leofina.

Meu pai, certa vez, me contou que, quando menino, ajudava seus pais na roça (lavoura) e que a sua tarefa era buscar água na nascente. Ele enchia uma pirunga de água, colocava-a sobre a cabeça e levava aos eitos de capina (pedaço da lavoura que cada trabalhador(a) planeja para capinar). Dizia que, quando os trabalhadores estavam com sede, começavam a cantar versos: “Água no eito, senão eu deito”. Dizia que as vasilhas de barro eram muito pesadas e ele buscava água o dia inteiro. Algumas pirungas comportavam mais de sete litros de água.

Comenta Jaqueline Prado (2016, p. 44) que, no vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, nos meados da década de 1970, a cerâmica se mantinha como atividade econômica. Porém, com a chegada de produtos de plástico e a disponibilidade fácil e barata de outros materiais industrializados, houve uma redução no uso de utensílios de barro no cotidiano. Isso resultou em uma redução da quantidade de artesãos e, gradualmente, na perda de técnicas ancestrais do fazer cerâmico.

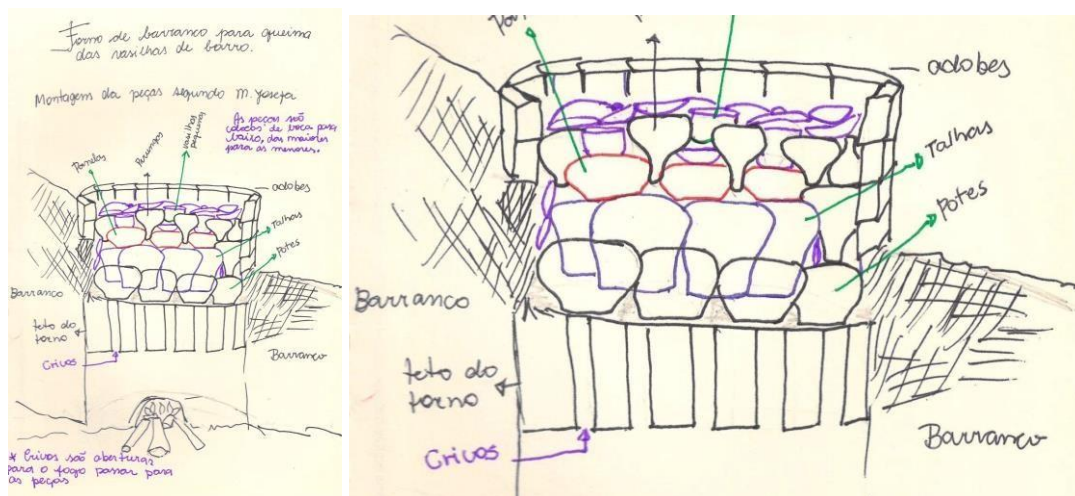
Baseando em algumas histórias dos sujeitos sobre as vasilhas de barro, além das dificuldades do processo de fazer as vasilhas, deve-se considerar que o aparecimento do alumínio e do plástico foram tecnologias facilitadora das tarefas cotidianas. E, após isso, seria difícil continuar com o costume de carregar água no pote de barro. Quando acesso minhas memórias da década de 1980, por exemplo, lembro-me de que, em nossa casa, não se usava os

potes para transportar água, mas a lata ou os baldes de plásticos, pelo fato de serem mais leves e comportarem mais água. O pote passou a ser usado só para armazená-la. Com isso, pode-se inferir que se inicia uma redução do uso desses objetos cerâmicos como utilitários.

3.3 Queimando as vasilhas

Segundo a mestra Josefa, antes da queima, as peças são organizadas no forno da seguinte maneira: as talhas e os potes são colocados no fundo do forno, de boca para baixo, pois aguentam o fogo mais forte. Depois, colocam-se as pirungas (botijas) entre eles. Logo após, organizam-se as panelas e as vasilhas pequenas, denominadas de caburés, nos entremeios das outras vasilhas. E, após finalizar a organização, conforme a Figura 36, cobre-se o forno com cacos de telhas.

Figura 36 - Modelo do forno e montagem dos objetos cerâmicos



Fonte: acervo da autora, 2022.

De acordo com as mestras, o processo da queima é bem lento, começando muito cedo e prolongando-se por todo o dia, com até 10 a 12 horas de queima. Nesse processo, a queima inicia-se com o fogo bem baixo, utilizando gravetos e lenhas finas, iguais às que se acendem no fogão a lenha. Depois, é preciso ir aumentando o fogo com lenhas maiores, adicionando lenhas médias e, à tarde, após umas seis ou sete horas de queima, acrescentam-se as lenhas grossas. Todas as lenhas precisam ser lenhas podres (lenha em processo de decomposição) que, segundo “os antigos”, precisam ser colhidas na lua minguante.

Mais ou menos na metade do tempo da queima, as labaredas de fogo saem por cima dos cacos das telhas (utilizados para cobrir o forno). E eles ficam escuros. Porém, quando a queima está chegando ao fim, esses cacos ganham uma cor avermelhada e os objetos cerâmicos ficam com a cor de brasas de fogo. Nessa fase, nota-se cheiro de barro queimado e as mestras

percebem que a queima pode estar chegando ao fim.

Desse modo, entendo que no momento da queima, conforme Prado (2016) relata sobre o forno Anagama⁷, há características semelhantes na queima com o forno de barranco.

A ceramista Adel Souki nos conta que durante a queima o som tem um significado especial é necessário saber escutar o fogo, pois os sons do ar na porta e os sons do fogo na chaminé indicam a temperatura. É preciso aprender a ver e escutar, a saber ler, nas cores da fumaça da chaminé e na cor do fogo nas peças, o momento certo de colocar mais lenha. Até os cheiros que exalam trazem indícios do que precisa ser feito ou não; a queima requer sensibilidade, paciência e persistência (Prado, p.156).

Após uma boa queima, as panelas, os potes e as talhas poderão ser utilizados no fogão e para colocar água. Caso contrário, as vasilhas de barro servem somente para decoração, o que não é o objetivo. De acordo com a mestra Josefa, “as vasilhas estão bem queimadas quando, ao bater nelas, elas têm que tinir” (ouve-se barulho específico). “Aqui na roça é assim.”

A forma de fazer as vasilhas de barro das mestras Osvaldina e Josefa vem dos saberes adquiridos por seus ancestrais pelo empirismo e repassados a elas por meio da oralidade. Para Prado (2016, p. 46), o legado cultural de conhecer e aproveitar os recursos naturais é transmitido de geração em geração por meio da tradição oral. No contexto da cerâmica, o saber sobre a queima, a modelagem dos objetos, a coleta do barro e dos pigmentos têm suas raízes nos tempos passados. Mesmo após tantos anos, a habilidade artesanal da cerâmica sobreviveu, graças às suas práticas da transmissão oral e “não aos registros formais, livros ou ensino sistemático.”

3.4 A experiência da construção de um forno e de um pote

Vale ressaltar que as mesmas mãos que batem a enxada na lavoura, modelam o barro. A mestra Osvaldina comentou que seu corpo não consegue conciliar o fazer das vasilhas de barro com a agricultura, tendo em vista que a extração do barro, da lenha e a queima são os processos mais pesados. Conforme apontado, entendo que, para que ela continue com esse ofício, é necessário ajuda externa, quer seja de outras pessoas, quer seja do setor público, para

⁷ A técnica de queima no forno Anagama possui mais de 1.000 anos e foi levada da China para o Japão onde se tornou mais difundida. *Anagama*, na língua japonesa, é a união das palavras *buraco* e *forno*. Para construção do forno, utiliza-se um solo com declive onde se cava um túnel para sua confecção. A queima pode durar, em média, três noites e ao atingir alta temperatura vitrifica as peças, resultando em uma esmaltação produzida pelos componentes da argila e cinzas expostos a alta temperatura. Disponível em: <https://revistacasa Jardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/Detalhesdecorativos/Artesanato/noticia/2021/09/forno-anagama-tecnica-oriental-queima-ceramicas-em-alta-temperatura.html>. Acesso em: 10 set. 2023

que a auxilie na colheita do barro e da lenha e que a queima possa acontecer de forma coletiva ou em mutirões, quando for utilizado seu forno atual.

Durante essa pesquisa, mestra Osvaldina relatou a dificuldade com o seu forno atual, pois ele é um pouco grande, de modo que, para a queima, utiliza um grande volume de lenha. Para minimizar esse problema, nós (as mestras Osvaldina e Josefa e eu) fizemos um “forno teste” (significa que ele é provisório), com dimensões menores em relação ao forno atual, localizado mais próximo de sua casa. Sendo assim, ela poderá reproduzi-lo em outro lugar, utilizando as mesmas dimensões e, nele, poderá queimar peças menores, com menos tempo de queima e, conseqüentemente, com uso de menor quantidade de lenha.

Para confeccionar o forno, utilizei conhecimentos sobre fornos que adquiri durante a pesquisa no Grupo Cultura do Barro (EBA-UFGM). As mestras Osvaldina e Josefa nunca haviam feito forno de tijolinhos, somente de barranco. Portanto, esse processo de feitura do forno foi uma experiência para todas nós: um intercâmbio de saberes. Uma experiência no contexto apontado por Bondía (2002, p. 25), para quem “a experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Nesse caso, pode-se inferir tratar-se de uma experimentação que produziu aprendizado para todas nós.

O forno foi confeccionado com as dimensões de 90 cm de altura por 50 cm de diâmetro, utilizando aproximadamente 100 tijolinhos. A primeira queima aconteceu com cinco horas de duração, sendo que, nas primeiras três, manteve-se fogo bem brando e, nas últimas duas horas, o fogo foi mais intenso. Essa queima aconteceu ao fim de setembro e, nesse período, começaram as chuvas, o que impossibilitou queimar o pote e a panela de gordura confeccionados pela mestra Osvaldina. Tais objetos serão queimados posteriormente a essa pesquisa. No forno teste, foram queimados somente objetos pequenos, não houve perda e ocorreram somente algumas pequenas trincas em alguns objetos cerâmicos.

Ainda que eu tenha participado de algumas queimas coletivas durante minha trajetória de aprender sobre a cerâmica, a experiência de estar com as mestras Josefa e Osvaldina foi singular. As instruções no processo de queima foram de suma importância: ouvir o barulho das vasilhas no forno; aprender a ver a cor das peças; identificar o desaparecimento da fuligem na borda do forno; saber que não pode utilizar o sabugo de milho no lugar da lenha, porque eles estouraram as peças e possuem um fogo forte que é difícil de controlar; reconhecer as lenhas certas; aprender a controlar o fogo.

3.5 Aprendendo com o pote

Segundo Bondía (2002, p. 26), “a experiência é aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Ao refletir sobre essa premissa do autor, descrevo a experiência de fazer um pote. Ao ouvir a mestra Josefa explicar sobre a forma como sua mãe fazia os potes, fiquei intrigada sobre como ela conseguia fazer um pote com capacidade de sete litros de água com três pavios grossos (roletes). Ao observar um pote, vi que suas paredes eram bem finas.

Como alguém que segue uma receita de bolo, peguei meu caderno de pesquisa e segui à risca todas as informações. Primeiro, fiz a forma (molde) com o fundo do pote, mas era o mês de dezembro e o tempo estava úmido. Não consegui levantar o pote com pavios grossos (com 7 cm de diâmetro). Fiquei frustrada, mas já havia aceitado que não seria possível realizar tal empreitada, pois as panelas não fazem as vasilhas de barro no período chuvoso.

Depois, tentei novamente em um dia de sol e tive a mesma dificuldade, pois levantar um pote com pavios grossos requer muita prática do ofício. Depois de me despir de toda vaidade, entendi que ainda estou aprendendo a modelar o barro.

Figura 37 - Composição de imagens- tentativas de levantar o pote



Fonte: acervo da autora, 2022.

Durante esse período de tentativas, compreendi que o “saber” e o “aprendizado” vêm do convívio com o(a) mestre(a). Só informação sobre o assunto não é suficiente. Portanto, entende-se que, na convivência e na prática do ofício, o aprendiz é atravessado pela experiência, conforme cita Bondía. E, assim, não basta a informação escrita ou seguir uma receita, o processo deve ser algo vivido, experimentado, experienciado.

Ao me lembrar de que a mestra Osvaldina usa uma maior quantidade de pavios, fiz meu primeiro pote, um pote pequeno, com pavios mais finos e, nele, escrevi uma poesia para homenagear os oleiros e as panelas do município.

Figura 38 - Pote da autora



Fonte: acervo da autora, 2022

De certa maneira, durante a feitura de um objeto de barro, é preciso ter em mente que nem sempre ele sai conforme o esperado, ainda que sigamos uma receita à risca (um passo a passo). Isso porque, durante os processos do fazer cerâmico, nunca temos total controle. Conforme aponta Prado (2016, p. 156), “a cerâmica nos ensina principalmente a lidar com erros, aceitá-los e compreendê-los. O erro, os acertos, o inesperado, a surpresa, o que foge ao nosso controle, fazem parte do processo de criação”.

Sendo assim, nessa experimentação, tudo é aprendido, principalmente quando não sai conforme o esperado. Portanto, o fazer cerâmico nos ensina a sermos sujeitos da experiência, como aponta Bondía (2002, p. 25): “o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido”. Prado (2016, p. 157) complementa que, nos processos de aprendizagem do fazer da cerâmica, aprendemos sobre os nossos limites.

4 OS MESTRES E AS LEMBRANÇAS SOBRE O FAZER DAS TELHAS

Preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. No correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal (Bosi, 2004, p. 407).

Ao lembrar-me de uma telha que continha o primeiro nome de pai (tal objeto foi quebrado), a imagem do desenho é tão nítida que ainda percebo as marcas de seu dedo e a leveza com a qual deslizou-se no barro molhado, formando o desenho da palavra “Sinval”, que ocupava todo o espaço da telha. Para Prado (2016, p. 77), o objeto de barro é cheio de significados, carrega memórias, marcas das mãos que o modelam, identidade de quem o produz e, com a transformação do fogo, essas marcas permanecem. Nesse caso, as marcas permanecem no objeto e na memória.

Levando em consideração a citação inicial, a lembrança de quando meu pai fez a telha foi ilustrada por meio de suas histórias. Ela não me pertence em sua totalidade, eu não estava lá no momento em que a telha foi desenhada, mas entendo que essa lembrança passou a fazer parte da minha memória, portanto, são nossas memórias (minha e de meu pai).

Explica Maurice Halbwachs (2004, p. 71) que carregamos lembranças históricas que não são nossas, são memórias emprestadas. Elas são acontecimentos ocorridos em momento anterior ao nosso nascimento, são as memórias de nossas famílias, do grupo social, da classe profissional ou de outras pessoas e, assim, acreditamos que essas memórias são parte de nós e de nosso tesouro, como exposto por Ecléa Bosi (2004) no início deste item: “elas passam ter uma história dentro da gente”.

Alguns parentes e conhecidos, de minha faixa etária, que são de Santana do Riacho tem me perguntado, durante essa pesquisa: como você sabe dessas fábricas de telhas? E afirmam que nunca ouviram sobre as fábricas de telha. E eu respondo que sei disso porque, na infância, gostava de brincar com o barro e, por esse motivo, meu avô e meu pai me contaram as histórias das fábricas de telhas nas quais eles trabalhavam.

Nesse sentido, Joice S. Oliveira (2014, p. 44) professora da Escola de Belas Artes (UFMG), diz que as “histórias, ensinamentos, contos, perpetuaram-se pelas vozes que as contaram. Os ventos do tempo levaram-nas e em determinado momento transfiguraram-se em livros”. Sendo assim, pode-se considerar que nós, quando crianças, ao ouvirmos e observarmos nossos cuidadores, em nosso grupo familiar e em nosso grupo social, recebemos ensinamentos que se agregam à nossa educação por toda a vida. Esses ensinamentos e as histórias orais são os

nossos livros.

Com isso, valorizando o lugar de honra do ancestral e familiar, acredito que é pertinente salientar que as informações que recebi de meu pai, Sinval dos Santos; de mestre Raimundo; e de algumas pessoas idosas moradoras do município foram de suma importância para essa investigação. O jeito de relatarem suas lembranças, a forma oral de repassarem os seus conhecimentos, suas memórias e seus saberes representam um tipo de patrimônio, um tesouro. Nesse sentido, vale retomar uma lenda balinesa que fala de

[...] um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo, não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados, os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado (Bosi, 2004, p.77).

Refletindo sobre o texto acima, podemos afirmar que, não havendo um elo de memória que liga a geração atual às gerações anteriores, a tradição corre o risco de se perder. Bosi (2004, p. 82), quando se refere aos “mais velhos” ou anciãos, diz que: “nas tribos antigas tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição”.

Em outra perspectiva, complementa Bosi (2003, p. 15), “a memória dos velhos pode ser trabalhada com um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado.” Com isso, o saber tradicional desse tipo de arquitetura que se refere à lenda só pôde ser perpetuado por meio da valorização dos saberes dos “mais velhos”, ou seja, dos saberes dos antepassados.

Para Bosi (2003, p. 28), o sistema econômico nos condenou ao extremo movimento e, assim, perdemos a capacidade de ouvir os causos, os relatos e os acontecimentos de nossas famílias e de nossas cidades. Em nosso caminho inconstante, vamos perdendo nossas raízes e nos desagregando de nossas memórias.

Em nosso percurso, encontramos as pessoas que nos ensinam. Elas são nossos mestres e mestras. Oliveira (2014, p.167) se refere a elas como “pessoas livros”, que nos transmitem seus saberes e vão ampliando nossa visão de mundo.

As “Pessoas Livros” personagens encontradas na caminhada e que passaram a ser o mote da pesquisa, vão nos transmitindo seus saberes, experiências e modo de ser. Resgatar esses detentores de saberes e conhecimentos dando a eles seu real valor, ampliando o respeito pelo seu saber é o grande desafio de proteção ao nosso patrimônio imaterial. (Oliveira, 2014, p. 167).

Uma dessas “pessoas livres” é o meu pai, Sinval dos Santos, que aprendeu a fazer telhas com meu avô, Cecilio dos Santos Ribeiro, mas não se considera oleiro. Apesar de possuir outros saberes, considera-se carpinteiro com especialidade em fazer telhados. Atualmente, com saúde debilitada, não exerce sua profissão, mas tem sido meu ajudador com suas reminiscências. Mora em Belo Horizonte há mais de 35 anos, tem 74 anos e continua tendo contato com sua terra natal, Santana do Riacho, de forma esporádica, sendo reconhecido, pelos conterrâneos de sua faixa etária, como um dos melhores profissionais no ofício de fazer telhados e casas de adobe.

Figura 39 - Sinval dos Santos



Fonte: acervo da autora, 2022.

Ele é conhecido nas comunidades da Varginha, Ribeiro Comprido, Curral Queimado, Mangabeiras, Mato Grande de Baixo e Buracão. A última casa construída por ele está localizada no Mato Grande de Baixo (descrita nos itens posteriores). Portanto, utilizei muitos detalhes das suas memórias para descrever as ferramentas utilizadas no processo de fazer as telhas, e vários desses relatos foram confrontados e confirmados pelo mestre Raimundo.

Figura 40 - Mestre Raimundo



Fonte: acervo da autora, 2022.

Outra “pessoa livro” é mestre Raimundo Marcolino, 73 anos, nascido na comunidade do Buracão, Santana do Riacho, onde vive até os dias atuais. É produtor rural, congadeiro, sanfoneiro e criador de versos de cantigas. Participa, junto à mestra Osvaldina, sua esposa, em projetos ligados à agricultura. É filho de pais que possuíam os saberes ligados ao barro: mestra Leofina e José Marcolino. O trabalho com barro, ligado às suas raízes ancestrais, está vivo em sua memória. Ele também relatou sobre o trabalho pesado de fazer telhas.

4.1 As fábricas de telhas ou olarias de telhas

Sobre os saberes tradicionais da olaria, os mestres utilizam os materiais que estão à disposição na natureza e de acordo com suas condições sociais. Conforme citam Lins e Santana (2017, p. 125), os oleiros contam muitas estórias que fazem parte da estrutura do saber popular, utilizando um vocabulário próprio para perpetuar o conhecimento por meio da oralidade.

Nesse contexto, observei que, na lógica da oralidade, as novas gerações respeitavam o que funcionou na geração anterior. Durante essa pesquisa, quando se tratava de algum saber tradicional, foi comum ouvir as seguintes expressões: “isso vem desde dos antigos”, “isso é tempo dos antigos”, “em respeito aos antigos”, “os antigos já sabiam disso”, respeite “os mais velhos”. Sendo assim, o conhecimento, nessas comunidades, propaga-se por meio do respeito aos que vieram antes de nós, os anciãos.

Em alguns lugares visitados, não foi possível encontrar vestígios das extintas fábricas de telhas porque não tive contato com as pessoas “mais velhas”, as quais poderiam me dar pistas sobre a localização dessas antigas fábricas. Sendo assim, entendo que houve uma perda dessa transmissão de informação. A título de exemplo, em Rio de Pedras, obtive relatos vagos de moradores e não encontrei nem um ancião no local que pudesse informar a existência das fábricas de telhas. Porém, tive acesso a uma telha datada de 1876, conforme já mostrado na Figura 14 (vide p. 31), um objeto de memória, guardado e conservado, com muito carinho e cuidado, pelo morador local. Segundo ele, a telha pertencia a uma casa tradicional de terra demolida no local.

No centro de Santana do Riacho, ao perguntar a alguns moradores, tive notícias de que havia uma fábrica de telha no local, mas ninguém soube me dizer a localização exata. Em uma das casas antigas, em frente à praça, um morador me mostrou uma telha com data de 1868, encontrada em sua casa quando houve uma reforma do telhado, conforme Figura 41.

Figura 41 - Composição casa em frente a praça com telhado antigo e telhado novo



Fonte: acervo da autora, 2022

Segundo meu pai, em sua época de infância e juventude, nas décadas de 1950 e 1960, algumas fábricas de telhas eram criadas para reparar ou substituir telhados de casas já existentes, mas havia lugares, como Varginha, onde a olaria de telha era antiga. E, nesse período, quando trabalhou com meu avô, ele tinha uns 16 anos, a fábrica na Vargem do Redondo parou de funcionar. Naquela época, faziam as telhas para reposição do telhado da casa onde moravam (casa descrita no primeiro capítulo) e para as casas da vizinhança. A fábrica ficava localizada em terreno vizinho, onde havia um “barro bom”. As fábricas de telhas do mestre Raimundo Marcolino e do morador da Varginha também funcionam para a manutenção dos telhados, mas se acredita que eram mais antigas que a olaria de meu avô.

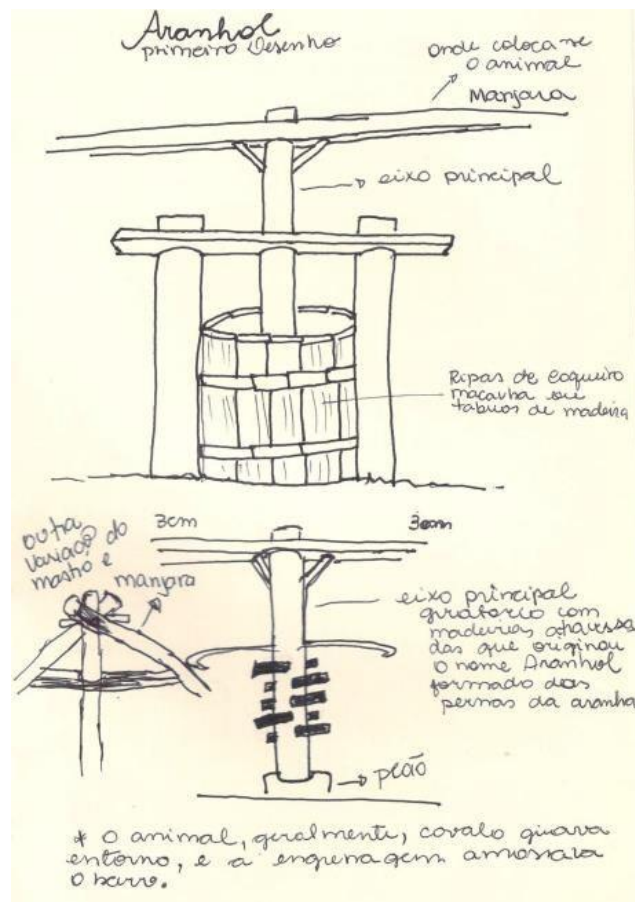
Relata meu pai que seu tio, J. Feira, possuía uma fábrica de telha na localidade, chamada Poço Verde, vizinha à Vargem do Redondo. Contou que o tio sabia muito sobre como encontrar o “barro bom”, um barro puro, que saía do barreiro para o aranhol. Desse barro se produzia uma telha clara e de boa qualidade, porém, para encontrá-lo, era necessário cavar de forma profunda o brejo. Semelhante a esse relato, Snow e Abreu (1976, p. 179) indicam que, na comunidade do Barreiro/Gatinho, a paneleira cavava mais ou menos um metro e meio para ter acesso a um barro adequado para a fabricação dos seus objetos cerâmicos.

4.2 Lembranças sobre as ferramentas

Conforme os relatos de memória de meu pai e do mestre Raimundo, para fazer as telhas, o barro era amassado em um equipamento denominado de “aranhol”. De acordo com os sujeitos, o equipamento era composto por um recipiente cilíndrico, com mais ou menos 1,5m de diâmetro por 1,5m de altura, denominado de “maromba” (local onde se colocava o barro). Dentro da maromba fica o um eixo central na posição vertical, giratório (chamado mastro), que se unia

em sua extremidade superior com uma base de madeira horizontal, com as dimensões aproximadas de cinco a seis metros, chamada “manjara”. Na parte inferior, o mastro era acoplado a uma estrutura chamada “peão” (uma estrutura de macho-fêmea). Na extremidade inferior do mastro, pedaços de madeira são atravessados em forma de cruz (parte que lembra as pernas da aranha, por isso o nome aranhol), conforme desenho da Figura 42.

Figura 42 - Aranhol antigo



Fonte: Notas do caderno de campo da autora, 2022.

O aranhol antigo era feito totalmente em madeira e com rifas de coco macaúba. Porém, atualmente, passou por algumas mudanças e adaptações, com utilização de material industrializado, conforme Figura 43, e continua sendo usado no processo de extração⁸ do azeite da polpa do coco macaúbas, também conhecido por coco de espinho.

⁸ O processo de feitura do azeite é uma prática tradicional no município, pois é a matéria-prima para a fabricação de sabão caseiro. Após retirar-se a polpa externa do coco, ele é quebrado de forma manual e, das suas castanhas, extrai-se o óleo de coco (antigamente era chamado de gordura de coco) usado na culinária local. Tanto o óleo quanto o azeite são usados para medicina popular e como cosméticos.

Figura 43 - Aranhol atual



Fonte: acervo da autora, 2022.

No tocante aos processos de fazer as telhas, segundo os relatos dos sujeitos, o barro era retirado do barreiro com uma enxada, sempre na lua minguante e, quanto mais fundo se cavava, melhor era a qualidade do barro. Na Vargem do Redondo, conta meu pai, havia um barro azulado, era barro puro e bom (sem impurezas) e produzia uma telha clara.

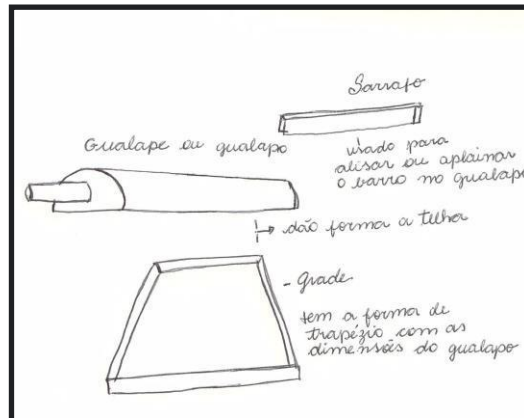
O barro era retirado do barreiro com a ajuda de várias pessoas, em mutirões, muitas vezes com participação de mulheres e crianças. Após o barro ser retirado, ele ficava secando para ser transportado até uma vala (buraco feito no chão) onde era molhado e descansava uns dias ou semanas para ser amassado no aranhol.

Em um lugar denominado Cubas, distrito de Mariana-MG, foi feita uma pesquisa por Leonardo Barci Castriota, sobre o ofício das olarias de telhas. Um dos oleiros entrevistados relata as especificidades do amassar o barro na pipa (que corresponde ao aranhol): “É difícil até ensinar. Para ele amassar isso lá. É raro você encontrar uma pessoa que consegue temperar o barro e colocar ele na pipa. Porque, se você coloca o barro seco, ele quebra a pipa, pois o cavalo não aguenta puxar. Ou então, se põe mole demais, sai lama.” (Castriota, 2012, p.105).

Para produzir as telhas, as ferramentas utilizadas eram: a grade, que é uma espécie de estrutura de metal em forma de trapézóide, com 2,5 cm de altura e as dimensões da telha; o gualapo (nomenclatura falada por mestre Raimundo) ou gualape (nomenclatura falada por meu pai), estrutura curva em madeira que é responsável pelo formato da telha; a banca (mesa pequena); e o sarrafo (espécie de régua de madeira), conforme Figuras 44 e 45. Após a retirada

do barro, necessitavam de três pessoas para a produção: uma pessoa no aranhol (amassando o barro); uma pessoa que era chamada de ‘sarrafeador’ e trabalhava na banca; e uma pessoa segurando o gualapo.

Figura 44 - Desenhos das ferramentas baseado nas memórias de meu pai



Fonte: Notas do caderno de campo da autora, 2022.

Figura 45 - Feitura da telha utilizando as ferramentas da Figura 44



Fonte : IPHAN, 2012, p.108

Sobre o processo, o sarrafeador recebia o barro, colocava-o na grade, sobre a banca (mesa) polvilhada de areia, e modelava-o na grade, espalhando-o com as mãos, acertando com o sarrafo e alisando novamente com as mãos. Depois, num movimento rápido, com muita habilidade, deslizava-a para o gualapo e, nesse momento, surge o formato de telha. Logo após, as telhas eram colocadas enfileiradas no terreiro (local aplainado com uma fina camada de areia) onde secavam ao ar livre por três a quatro dias.

Para Castriota, um oleiro descreveu a técnica de modelar as telhas enquanto narrava a dificuldade de encontrar pessoas com habilidade para trabalhar na olaria:

Outra dificuldade está relacionada principalmente às telhas porque elas são feitas na forma. Faz em cima de uma banca e depois puxa. É difícil pois o barro é molinho. Tem que ser mole, porque se ele for duro ele quebra. Há o tempo certo para puxar a forma. A forma sai e a telha já sai no seu formato. A forma não pode ficar lá. Quando

tira a forma tem arreo e os aprendizes não sabem fazer, é difícil de achar gente que sabe fazer isso (Castriota, 2012, p.105).

Técnica semelhante foi apontada em uma pesquisa sobre as fábricas de telhas tradicionais na Chapada Diamantina, Bahia, por Eugênio de Ávila Lins e Mariely Cabral de Santana (2017, p. 183), em que descrevem os processos de fabricação das telhas.

Para moldagem das telhas e lajotas, o oleiro utiliza um barro, mais plástico e fino e se observa que a produção ocorre sempre sobre uma bancada. Primeiro, a bancada de trabalho é polvilhada com cinza, onde são colocadas as grades – forma metálica, de forma trapezoidal, com espessura de 2 cm, que permite a execução de telhas. É nesta grade que o barro será moldado, formando uma lâmina, que dará origem à telha. A grade é molhada e polvilhada com cinza e o barro é colocado no seu interior. Com um movimento contínuo, utilizando a parte inferior da palma da mão e o pulso, o oleiro vai espalhando e empurrando o barro até completar toda a forma. O excesso do barro é removido com a régua de madeira, denominada de facão e a superfície é alisada com a mão, que deve estar levemente umedecida. Em seguida, em um movimento rápido e preciso, a grade de ferro é arrastada sobre a bancada, facilitando a retirada da mesma, que é depositada na caixa de cinzas. A etapa seguinte demonstra a habilidade e a destreza do oleiro para a execução das telhas. A lâmina de barro é empurrada, com o auxílio do facão e transferida para o “ganapo” – fôrma de madeira trapezoidal, que vai formar a curvatura da telha (Lins; Santana, 2017, p.183).

De acordo Lins e Santana (2017, p.186), “Já no ‘ganapo’ o barro é novamente alisado com as mãos, para corrigir alguma imperfeição e às vezes, o oleiro desenha a sua marca.” Eles também relatam que os oleiros do local tingiam as telhas com barro vermelho. Tais informações sugerem uma necessidade de perpetuar seu registro e sua individualidade nesse processo mecanizado.

Sobre os desenhos, relata meu pai que, quando escrevia nas telhas, queria marcá-las, ou seja, deixar seu registro de autoria, sua individualidade. Eram colocadas as datas de fabricação das telhas, para indicar o tempo em que o objeto foi fabricado. Lembrou-se de que meu avô não gostava que ele escrevesse nas telhas, entendia aquilo como uma “travessura” e acreditava que estragava as telhas. Elas eram desenhadas no momento em que estavam em cima do gualapo, após o último acabamento. Sobre os desenhos, mestre Raimundo e um morador da Varginha (Sr. V) diziam a mesma coisa, afirmando que, às vezes, a marcação das telhas se dava por travessura (brincadeiras) ou para deixar suas marcas nas telhas.

Ao visitar a comunidade da Varginha, conversei com o Sr. V, de 84 anos de idade, que nasceu e vive no local. Ele relatou que trabalhou na fábrica de telhas do seu pai (lugar onde ele mora até os dias atuais). Em seu terreno, registrei alguns vestígios do forno de telha. Em tal forno ainda constam as telhas da última queima, conforme Figura 47. Segundo ele, as telhas foram feitas para restauração do telhado de sua casa, que, na época, era de seus pais. Lembrou-se de que, nessa queima, também foi construído um forno para panelas de barro, próximo ao

forno das telhas e dizia que, às vezes, queimavam-se as vasilhas de barro no mesmo forno das telhas, mas havia muita perda, pois as vasilhas de barro eram muito melindrosas.

Figura 46 - Composição de telhas desenhadas encontradas na Varginha - 2022



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 47 - Composição dos vestígios do forno de telha antigo das comunidades da Varginha e do Buracão



Fonte: acervo da autora, 2022

Por meio de uma conversa, ele se lembrou de quando a fábrica de telhas de seu pai parou de funcionar. Contou que fez, junto à mestra Leofina, uma pirunga (botija), a única vasilha de barro que fez na vida, enfeitou-a com bolinhas de chumbo de espingarda e registrou a data de 1962. Mais ou menos nessa época, houve as últimas queimas de objetos cerâmicos no local, considerando tanto as panelas (confeccionadas por mestra Leofina) quanto as telhas. Em sua propriedade, foi encontrada uma telha com registro do número 64 e acredita-se que esse número

seja referente à data de uma fornada de telha.

Em relação à lembrança de Sr. V., Bosi (2004, p. 49) nos fala de uma lembrança pura, que emerge da consciência de um momento incomum, inusitado, não repetitivo, de caráter evocativo e particular. É com essa lembrança que esse morador nos aponta uma dimensão cronológica de quando encerrou-se a olaria em sua propriedade, que também está materializada no objeto de barro feito por ele, conforme Figura 48.

Figura 48 - Pirunga (botija) encontrada na varginha com data de 1962.



Fonte: acervo da autora, 2022.

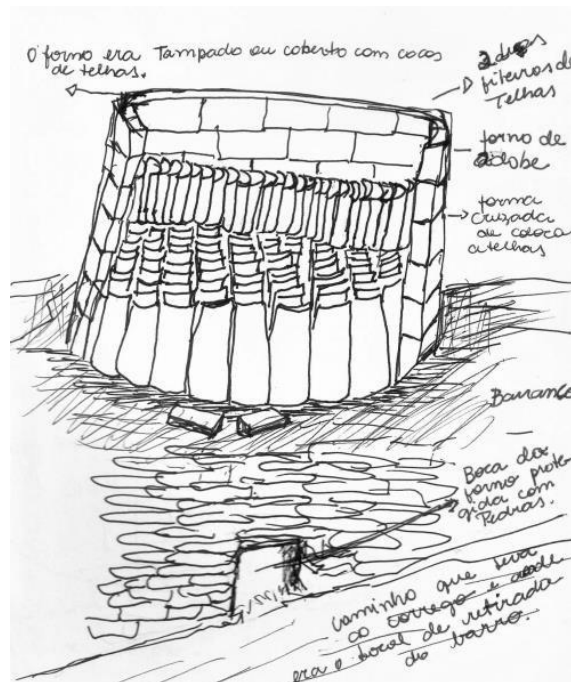
Em seu quintal, na Varginha, encontram-se vários objetos ligados à memória de sua família. Esses objetos são ruínas de maquinários antigos que falam sobre um modo de vida que existiu naquele lugar. São eles: monjolos, prensa de farinha, engenhos, moinhos d'água, alambique, barcos de madeira e fornos de cerâmica. Também as vasilhas de barro estão espalhadas em seu quintal, comprovando a existência da cerâmica tradicional na cultura do lugar. Pude perceber que são objetos de valor afetivo para o dono.

Nesse sentido, Bosi (2004, p. 441) nos fala que “os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”. São objetos bibliográficos. Segundo a autora, eles são insubstituíveis e permanecem com o dono, dando-lhe a ideia de continuidade e ligação com o passado. E, no caso desta pesquisa, muitas das informações sobre a olaria foram repassadas a partir das lembranças que os sujeitos que, ao olharem para determinados objetos, lembraram-se de algo inusitado.

Além dessas informações, Sr. V contou-me como era a montagem das telhas nos fornos, deu algumas dicas sobre a queima de cerâmica e disse que o barro encontrado em sua propriedade produzia uma telha clara. Relatou que, na montagem do forno, as telhas eram enfileiradas em posição vertical, encaixadas uma após a outra, preenchendo a base do forno. Depois, colocavam-se outras fileiras sobrepostas de forma cruzada. Os fornos possuíam o

formato quadrado e cabiam até três fileiras de telhas conforme Figura 49. Tal informação foi confirmada por meu pai e por mestre Raimundo.

Figura 49 - Montagem do forno



Fonte: Notas do caderno de campo da autora, 2022.

De acordo com Lins e Santana (2017, p. 125), conforme já dito, os oleiros contam muitas estórias que fazem parte da estrutura do saber da oralidade, utilizando um vocabulário próprio para perpetuar o conhecimento por meio da oralidade. O autor cita algumas estórias contadas por oleiros no estado da Bahia, entre elas há a que diz que não se pode namorar no dia da queima porque o fogo do forno não acende; o barro só pode ser retirado na lua cheia; e se a Aracua (pássaro) cantar, é sinal de chuva e as telhas precisam ser protegidas.

No município pesquisado, de acordo com os oleiros e paneleiros, o período de produção das telhas e panelas é o tempo de estiagem. Isso significa que a produção ocorre de abril até setembro. Porém, saltava-se o mês de agosto, porque nele não se mexe com a retirada do barro. Desde o tempo “dos antigos”, isso é respeitado, e o barro só pode ser retirado na lua minguante. De toda forma, a produção tem que ser encerrada no mês de setembro porque começam as chuvas, e também inicia o período de plantar as roças (período das lavouras).

No tocante aos processos de queima das telhas, meu pai se recorda de que meu avô começava a colocar fogo no forno pela manhã e a queima terminava na madrugada do dia seguinte, com a duração de 24 horas ou mais um pouco. Dizia que, durante a noite, meu avô via

a cor do fogo azulado e a cor das telhas bem vermelhas, cor de brasa, então sabia que era hora de ir diminuindo o fogo.

De acordo com os relatos de meu pai, de mestre Raimundo, de mestra Osvaldina e de mestra Josefa, o trabalho nas fábricas de telhas e com as vasilhas de barro era árduo. O corpo era maltratado com dores, exigia-se muito esforço físico, principalmente na coleta do barro e durante a queima. Eles acreditavam que, por causa dessas condições, desenvolvia-se “reumatismo”, uma espécie de dor nos ossos.

Vale ressaltar que, com o passar do tempo, a fabricação de telhas caiu em desuso por falta de demanda e/ou pela facilitação das telhas industrializadas e, por isso, as telhas tradicionais cumbucas estão desaparecendo até dos telhados das casas tradicionais que ainda permanecem de pé. Em conversa com pessoas que ainda possuem os telhados com essas telhas, o principal motivo da substituição das antigas pelas industrializadas se dá em função da dificuldade de encaixe das telhas devido aos tamanhos variados.

Tendo em vista que cada fábrica antiga tinha um gualapo de tamanho diferente, fabricavam diferentes tipos de telhas. E, com a extinção das fábricas, já não é possível encontrar telhas do mesmo lugar ou do mesmo tamanho. Logo, o telhado passa a ter telhas de vários tamanhos e, com isso, há o surgimento de goteiras. Tal fato é exemplificado no telhado da sorveteria mais antiga da cidade, conforme a Figura 50. Os pontos luminosos no telhado são as goteiras. O proprietário da casa almeja a substituição do telhado.

Figura 50 - Goteiras / Sorveteria antiga



Fonte: acervo da autora, 2022.

Atualmente, também são encontradas essas telhas tradicionais nos telhados de algumas casas antigas, na zona rural, que ainda resistem ao tempo, em currais ou amontoadas nos quintais. Assim, correm o risco de desaparecer por completo, principalmente com a demolição das casas tradicionais de terra.

4.3 Casas de terra

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela (Bachelard, 2000, p. 200).

A mais simples habitação, vista intimamente, é bela; do ponto de vista poético, em toda casa, há uma beleza singular, ela contém um universo único de seu morador. Para Bachelard (2000, p. 200), “a imagem da casa pode evocar memórias, lembranças, sentimentos, sonhos e imaginação do morador”. Nela, constam as subjetividades de seu habitante; a casa é mais que objeto, pode ser uma forma de extensão do ser que a habita.

Este tópico aborda as construções de terra (adobe e/ou pau a pique) da região de Santana do Riacho na visão de alguns moradores, não só como objeto composto de barro e terra, mas como objeto de memórias, de valor emocional, ou seja, patrimônios ligados aos seus afetos e subjetividades. Sendo assim, é importante ressaltar a relação afetiva que alguns sujeitos do município têm com a casa natal, com a casa da infância, a casa dos pais ou dos avós, enfim, as casas dos ancestrais. Assim, intenta-se compreender as relações de desusos ou preservação de algumas casas de terra.

Sobre as construções de terra, segundo Lins e Santana (2017, p. 119), “a técnica de taipa de mão chegou a este território pela influência dos conquistadores”. Pontua, ainda, que, desde o início da colonização portuguesa no Brasil, a construção com terra tem sido uma prática presente, combinando tradições indígenas, africanas e portuguesas, resultando em edificações de valor cultural que são encontradas tanto no ambiente urbano quanto no rural.

Para Wilza Gomes Reis Lopes (1998, p. 40), tanto no Brasil quanto em Portugal, as técnicas mais comuns de construção com terra crua incluem o adobe, a taipa de pilão e a taipa de mão (ou pau a pique). Essas técnicas foram introduzidas no Brasil pelos colonizadores portugueses e não há registros de seu uso pelos povos indígenas. Porém, a autora aponta a influência dos povos africanos no uso da técnica, tendo em vista que, no continente africano, a terra crua era utilizada nas edificações.

Em alguns lugares no município, principalmente na área rural, observou-se que muitos moradores preservam suas casas de terra ao construírem a casa nova (cimento). Nesses casos, a casa de terra é mantida como lugar de suas memórias, um lugar para viver as “coisas antigas”, como cozinhar no fogão a lenha, fazer doces, farinhas, passar o dia, entre outras. Outros moradores mantêm as casas de terra como residência, porém fazendo algumas adaptações, substituindo reboco de barro por de cimento. No entanto, em outros lugares, as casas estão em

processo de deterioração, transformando-se em ruínas.

Sobre a deterioração das casas de terra, um estudo realizado sobre as casas de adobe em Portugal, na região do Tombar, por Cristiano Manoel O. Brasil (2016, p. 61), aponta que o abandono é um dos fatores que estão relacionados à degradação das construções de terra. Ele acontece por vários fatores: migração de moradores das zonas rurais para as zonas urbanas; construção de uma casa nova, o que leva ao desinteresse pela casa de terra; disputa entre herdeiros, quando não há consenso entre as partes; falta de manutenção adequada, seja por desinteresse ou por dificuldades econômicas dos proprietários.

Outro fator sobre o desinteresse pelas construções de terra, apontada por Lopes (1998, p.7) é que a técnica de construção de taipa de mão é frequentemente ligada a contextos sociais do meio rural, de baixa renda e a aglomerados. Nota-se que aqueles que utilizam essa técnica de forma natural no campo tendem a rejeitá-la quando se mudam para a cidade e desejam, assim que possível, reconstruir suas moradias com paredes de alvenaria, como um símbolo de ascensão social e prosperidade financeira.

Especificamente com relação aos saberes das técnicas de construções de terra no município de Santana do Riacho, alguns pesquisadores já identificaram a perspectiva de que o modo de fazer é um estilo de propagação de conhecimento passado de uma geração a outra. De acordo com Samara Luíza Amâncio Braga (2018, p. 12), alguns moradores de Lapinha da Serra, em Santana do Riacho, dominam a técnica de fazer adobe e muitos a utilizam como fonte principal de renda e tiveram esse ofício herdado de sua família.

Braga, ainda conclui que

[...] atualmente, ainda são construídas novas edificações com a técnica vernácula, o que evidencia que o seu uso não foi interrompido. Também é importante ressaltar o valor simbólico do adobe em Lapinha, observado nos detalhes em adobe, nos muros, nas fachadas e decorações, além das imitações de adobe e pinturas remetendo à cor da terra, que revela em como a técnica está enraizada como tradição (Braga, 2018, p.74).

Comungando com o disposto no parágrafo anterior, Oliveira (2014, p.128) diz que “a oralidade é uma das formas principais de transmitir e preservar a cultura popular”. Em seu trabalho, a autora aponta a importância das técnicas de construção de casas de pau a pique e de tijolos de adobe na localidade de Jaboticatubas, vizinha de Santana do Riacho. Salienta a sua preocupação com a valorização e a preservação desses saberes tradicionais, tendo em vista que eles são repassados pela tradição oral e, por isso, correm o risco de desaparecer.

4.4 Casas e suas estórias

Em meu percurso pelo município, encontrei poucas construções de terra tradicional que são utilizadas como residência principal da família e mantêm suas características originais. Porém, destaco uma casa no Mato Grande de Baixo, pertencente a um casal de primos. Trata-se de uma casa especial porque foi a última construção tradicional executada por meu pai, Sival dos Santos.

Os donos dessa casa relatam que tijolos de adobe foram feitos por outra pessoa e as telhas são de vários lugares no município. Mas a feitura do telhado, “o tecer das paredes”, o reboco, as janelas e o piso de cimento queimado foram todos construídos por meu pai. Tal casa mantém as mesmas características de quando foi construída. Entendo-a como a casa tradicional mais recente que mantém suas características originais. Porém, por ser uma casa menos antiga, possui o piso em cimento queimado ao invés do assoalho ou piso de terra batida.

Baseado na memória dos donos, Lindalva (Dalva) e Alfredo (Nenê), a data da construção foi o ano de 1983. O casal morou no local até 1990, mas tiveram que se mudar para Belo Horizonte. Porém, voltaram a morar no município em 2017, para reviver a tradição local. Construíram uma casa nova de cimento, para um maior conforto, mas se identificam com a casa de terra. Relata a dona da casa que sempre cozinha no fogão à lenha e passa a maioria de seu tempo na casinha de terra, pois nela tem boas lembranças e uma sensação de bem-estar.

Durante o tempo em que moravam em Belo Horizonte (1990 a 2017), a casa era usada para férias dos filhos e visitada por várias pessoas como casa de veraneio. Relatou-me, a primogênita do casal, que ela escreveu algumas frases nas paredes externas da casa em 1998. E, após esse evento, as pessoas que os visitavam deixaram seus registros, vestígios, suas memórias nas paredes externas da casa. Nas escritas, há datas, nomes, desenhos e declarações de amor, enfim, marcas de uma presença.

O dono da casa tem barreado⁹ a casa com o barro branco (argila branca) para protegê-la do desgaste que ocorre com as chuvas e, com isso, as escritas estão desaparecendo. Relatou-me um certo pesar ao ver as escritas irem desaparecendo, mas o processo de barrear faz parte da manutenção da casa e é necessário para sua preservação.

⁹ Barrear significava pintar com barro branco (argila) e também se refere ao que entendemos como rebocar, porém utilizando barro ou terra e estreme de boi no lugar do cimento.

Figura 51 - Casa de terra adobe do Alfredo e Dalva em Mato Grande de Baixo



Fonte: acervo da autora – 2022.

Figura 52 - Grafismo na parede- Mato Grande de Baixo



Fonte: acervo da autora – 2022.

Essa casa foi a primeira casa do casal, o que nos leva a crer que ela é preservada devido à subjetividade que representa por meio das memórias que construíram durante o tempo em que viveram nela. Com isso, podemos inferir que, de uma certa forma, a casa é preservada pelo que ela representa de forma afetiva. Esse afeto a que me refiro está nas lembranças da casa dos pais, dos avós ou da primeira casa do casal. Nesse contexto, Bosi (2004, p. 436) diz que “há sempre uma casa privilegiada que podemos descrever bem, em geral a casa da infância ou a primeira casa dos recém-casados, onde começou a nova vida.” Com isso, não só o objeto casa é preservado, mas também as práticas e tradições que envolviam a família.

Com o intuito de preservar a casa como memória, outros moradores fazem adaptações nos imóveis. Um exemplo é a substituição do reboco de barro pelo reboco de cimento ou a substituição das telhas artesanais pelas industrializadas. Apesar das adaptações, alguns moradores fazem registros da casa antes e depois da mudança, por meio fotos, ou deixam um recorte nas paredes, apontando como elas são por detrás do novo reboco de cimento. Alguns

desses exemplos estão nas Figuras 53 e 54.

Figura 53 - Composição do antes depois da reforma da casa - Mato Grande de Cima



Fonte: acervo pessoal de Maria da Conceição Silva (2022).

Figura 54 - Casa em Galho Grande e recorde na parede



Fonte: acervo da autora, 2022.

Na casa da Figura 54, o morador relatou que teve que substituir o reboco de barro por um reboco de cimento, porque nas paredes da casa começaram a surgir fungos e isso começou a causar problemas respiratórios à família. Outros moradores relataram que a manutenção da casa de barro é mais difícil. E defendem que o uso do cimento e das tintas industrializadas são mais acessíveis e contribuem para que os reparos sejam menos trabalhosos. Com isso, o costume de barrear ou pintar as paredes com o barro branco vai desaparecendo, conforme Figura 55. Existem casas que foram totalmente descaracterizadas com o uso do material industrializado, perdendo, assim, suas características originais, como na Figura 56.

Figura 55 - Casa em Ribeiro Comprido - substituição do reboco de barro por de cimento



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 56 - Composição da casa Mato Grande de Baixo, em 1995 e em 2022



Fonte: acervo da autora, 2022.

Na Figura 54, devido ao recorte da parede, nota-se que se trata de uma parede de pau a pique ou taipa de mão. Conforme cita Brasil (2016, p. 12), a “taipa de mão, é uma técnica de construção de paredes que consiste em colocar terra, no seu estado plástico, sobre um suporte engradado de madeira”. Complementando o assunto, Oliveira descreve a forma de fazer a casa de pau a pique, utilizada por moradores de Jaboticatubas. Essas técnicas são as mesmas descritas por meu pai.

Na construção de taipa ou pau-a-pique, primeiro é feito o esqueleto da casa. A base é feita com pedra e barro. Nos cantos são colocados os esteios de madeira, sendo os de braúna ou aroeira os mais usados. Os esteios são amarrados com travessas chamadas de barrotes. Por cima dos barrotes é que se modelam as paredes, as portas e as janelas. Os cômodos com mais de três metros de parede exigem uma escora diagonal nos cantos. No espaço das paredes o preenchimento é feito com as varas mais retas, ou varas de bambu, amarrados com cipó, fazendo uma trama horizontal e vertical. Das árvores de folhas miúdas se retiram as melhores varas. O cipó de São João é o mais usado para se fazerem as amarras. Ele deve ser torcido ainda verde e, se estiver seco,

deve-se fazer a reidratação deixando de molho na água para amaciar e não quebrar na hora de tecer (Oliveira, 2014, p. 125).

Célia Xakriabá (Correa, 2018, p. 76) descreve as edificações tradicionais de terra do povo Xakriabá, conhecidas como paredes embarriadas. Ela diz que essas paredes são levantadas com enchimento, substituindo o cimento pelo barro. Após o enchimento, é realizado o processo de embarriar, que é similar ao reboco utilizado nas construções convencionais. E essas técnicas nos remetem à taipa de mão ou ao pau a pique.

Segundo relatos de meu pai, o pau a pique, em sua época, era mais usado para tecer as paredes internas e para o segundo pavimento das casas. Nota-se que tal técnica é evidenciada nas ruínas do casarão do Mato Grande de Cima, conforme Figura 57, onde se observa, nas paredes externas do primeiro pavimento, os tijolos de adobe (tijolos de terra crua) e, na parte superior da casa, paredes de pau a pique.

Figura 57 - Sobrado de dois pavimentos no Mato Grande Cima - Técnicas de adobe e pau a pique



Fonte: acervo da autora, 2022.

Na região, moradores relatam que pau a pique era muito utilizado para fazer edificações temporárias, chamadas “ranchos de roça”. Tais edificações se mantinham em uso durante a preparação da terra para o plantio até a colheita das roças de milho, de feijão e outras plantações, ou seja, essas construções não serviam de residência.

Comungando com os parágrafos anteriores, Lopes (1998, p. 42-45) diz que a técnica de pau a pique foi amplamente empregada na construção de residências nas cidades mineiras e no meio rural, tanto em paredes internas quanto em toda a estrutura. Em algumas construções, frequentemente, o uso do pau a pique está associado a outras técnicas, como adobe e taipa de pilão. Algumas dessas edificações resistiram ao tempo e permanecem de pé até hoje, integrando

o patrimônio material de diversas cidades históricas.

Ao visitar a comunidade do Mato Grande de Cima, em busca por vestígios das antigas olarias, ao ver a imponência das ruínas do sobrado do Zito, é quase impossível não se impressionar. De modo que tal sobrado foi citado em um relato memorialista do censo, ocorrido na região em 1950. Ferreira (1999, p. 60) relata que “a primeira casa que visitei foi a Fazenda Velha de João Antônio. Mora lá o seu filho, conhecido como Zito de João Antônio. Uma casa de sobrado com varanda”.

Ao conversar com o dono da propriedade (filho do Zito), um dos herdeiros do sobrado, ele relatou que sonha em restaurar a casa dos ancestrais, fez a sua casa atual em frente ao sobrado, a imagem vista de sua janela mais parece a pintura de uma ruína, uma imagem que evoca suas memórias, levando-o para a casa materna, a casa de seus ancestrais. Por isso, sonha com a casa restaurada, pois foi onde viveu bons momentos de sua vida com sua família.

Atualmente, segundo o morador, apesar da vontade de restaurar a casa, faltam-lhe recursos financeiros e, enquanto isso, ele tem feito escoramentos para que a casa não desmorone totalmente. E, assim, a casa vai se deteriorando e se transformando em ruína, compondo as mudanças na paisagem.

Figura 58 -Vista da janela da cozinha / Pintura do sobrado - autoria desconhecida



Fonte: acervo da autora, 2022.

Outra construção de terra que vale ressaltar é a casa que está localizada na Varginha. Entre os lugares que visitei, notei que se trata da edificação antiga, que ainda se mantém com as características originais e ainda é utilizada como residência. Aparentemente, nota-se que precisa de reformas, porém, não foram feitas modificações ou adaptações usando materiais industrializados.

Figura 59 - Casa tradicional de terra na Varginha



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 60 - Casa em Curral Queimado



Fonte: acervo da autora, 2022.

Ao contemplar algumas ruínas das casas de terra no município, vejo-as como livros a céu aberto. Gravadas em suas estruturas, paredes e cômodos, estão muitos dos seus ensinamentos. Enquanto se desfazem, nos mostram os processos de sua construção, da sua composição, dos diversos materiais utilizados, dos vestígios, das memórias, das histórias e das estórias de quem as habitou. Vale ressaltar que, na maioria das ruínas, notou-se a predominância do abobe nas estruturas; o pau a pique, por sua vez, era utilizado somente na parte superior dos sobrados e, em algumas casas, nas paredes internas.

Resumindo, atualmente, muitos desses livros estão se desintegrando pela ação do tempo e por diversos abandonos. Algumas vezes, as casas de terra são abonadas porque houve maior interesse pela casa de cimento, por falta de recursos financeiros, ou porque seus moradores foram embora dessa terra. Mas, algumas casas tradicionais de terra são preservadas porque seus donos voltaram e as recuperaram e outras mantêm-se porque seus donos habitam nelas.

4.5 Outras relações com barro (argila)

Uma das práticas relacionadas ao barro (argila) está no costume de ter um fogão à lenha dentro das casas. Em algumas casas que visitei, existe o fogão a lenha feito de barro branco (argila) ou de cimento queimado, com as paredes laterais de barro. Segundo o costume antigo, acredita-se que o fogão ajuda a preservar o telhado por meio da fumaça que gruda na madeira, além de aquecer a casa e servir de repelente contra os insetos.

Antigamente, em muitas casas, as mais antigas, na cozinha, em dias frios, o fogão funcionava como lareira. Além disso, o piso da cozinha era de terra batida, e as outras partes da casa, de assoalho (casa de meu avô era assim), o que facilitava para acender uma pequena fogueira no chão da cozinha, onde os moradores se aqueciam enquanto contavam as estórias de assombração, mãe do ouro ou alma penada. Ferreira, mencionando a década de 1970, nos fala sobre essa prática:

Apeei da mula tremendo de frio, entrei, ela mandou o filho mais velho desarrear a mula e soltar, fui para o aterro do fogão para esquentar, enquanto ela arranjava o jantar. Jantei e ela mandou os meninos acenderem um fogo no meio da cozinha. O piso da cozinha era de terra batida. Rodeamos o fogo e ficamos aquecendo e conversando, eu estava sentindo muito frio e os meninos só faltavam entrar no fogo (Ferreira, 1999, p. 93).

Nas casas tradicionais mais antigas, o barro branco era passado não só nas paredes externas e internas, mas também no piso de chão batido e no fogão feito de terra e barro. Lembro-me de que a cozinha ficava toda branquinha, essa era uma tarefa executada por mulheres e crianças. Essa prática de pintar a casa ou o fogão era chamada de barrear. Eu mesma já barreei o fogão de nossa casa. Em alguns lugares que visitei, entre as localidades da área rural da Mangabeiras, Ribeirão Comprido e Mato Grande de Baixo, ainda encontrei esse tipo de fogão e a prática de barrear os fogões e as paredes.

Figura 61 - Fogão barreado com barro branco (argila branca) - Ribeirão Comprido



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 62 - Fogão de barro e chão de terra batida - zona rural da Mangabeiras



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 63 - Fornalha de fabricação de rapadura de adobe e barro branco



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 64 - Fogão a lenha de pedra e parede barreada com barro branco casa do Alfredo - Mato Grande de Baixo



Fonte: acervo da autora, 2022.

Outra relação com o barro, que envolvia a sobrevivência doméstica, era a confecção da tuaia de barro ou tuaia de balaio. Para a confecção desse objeto, utiliza-se um balaio, água e uma

mistura de barro (argila) ou tabatinga com estrume de boi ou terra de formigueiro com estrume de boi. Para confecção da tuia, é necessário misturar o barro e o estrume de boi, fazendo uma massa consistente, passá-la na parte interna do balaio e deixar ao sol por alguns dias, até secar por completo. Essas tuias eram usadas para estocar algumas leguminosas, como feijão, feijão andu, feijão miúdo e amendoim. Também era um recurso para substituir a tuia de madeira.

Figura 65 - Confecção da tuia de barro - objeto reproduzido por Vanda



Fonte: acervo da autora., 2022.

As leguminosas, antes de serem armazenadas nas tuias, eram envolvidas na terra de formigueiro ou na tabatinga e esse procedimento era denominado de “cura” da semente. As sementes, cobertas com terra formigueiro ou tabatinga, eram expostas ao sol e, depois de secas, eram armazenadas nas tuias de barro e de madeira, onde se preservam por um ano sem a presença de pragas. Todos os procedimentos de feitura da tuia e o processo de “cura” eram executados sempre na lua minguante, seguindo as orientações desde o “tempo antigo”. Tal recurso caiu em desuso. Atualmente, os produtores rurais armazenam as sementes em garrafas PET (quimicamente conhecidas como tereftalato de polietileno).

Para finalizar as relações com o barro, vale ressaltar que, por meio do afeto de alguns moradores por suas casas, foi possível a preservação de parte da memória sobre as antigas telhas e o registro de uma parte da olaria local.

5 A MINHA TERRA: UM GIRO PELO MUNICÍPIO

Neste item, em alguns momentos, utilizo a ideia de cidade de “Maurília”, da obra *Cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (2003). Intenta-se elucidar algumas características do município de Santana do Riacho, dialogando com outros autores sobre transformações sociais e culturais observadas no local. Para melhor compreensão, empregou-se a ideia do viajante¹⁰ e a ideia do morador. O texto trata das minhas impressões, minhas memórias e subjetividades num olhar que se intercala com as subjetividades de moradores do local. Portanto, o desafio foi apresentar as localidades e percebê-las a partir das perspectivas do olhar do morador e do olhar do visitante e acredito que, nessa intercessão dos “olhares”, sou a pesquisadora em formação.

Pode-se olhar uma cidade de várias perspectivas, mas haverá partes dela invisíveis ao observador, como exemplo, temos o fato de um viajante não ver a cidade visitada da mesma forma que o morador vê. No cotidiano, ao ver sempre as mesmas imagens, o morador não vê detalhes que somente o viajante percebe; por outro lado, o viajante não desfruta da rotina, das tradições, das alegrias e dos percalços vividos somente pelo morador. Nesse sentido, Oliveira (2014, p. 52) diz que as “sensações observadas e experimentadas vão fazer parte da imagem construída das cidades que emergem a partir do entrelaçamento das vivências e costumes”. Nesse sentido, morador e visitante percebem a cidade de formas diferentes.

Seguindo esse raciocínio, em Maurília, a cidade fictícia descrita por Ítalo Calvino (2003):

[...] o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica, mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos, Paranão decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a Cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado; porém; em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional — que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi (Calvino, 2003, p. 15).

Assim, o viajante, ao conhecer a memória de uma cidade por meio de imagens ilustradas de cartões-postais, imagina a cidade do passado. Nesse sentido, Raoni Araújo Ferreira (2010, p. 28) diz que “imaginar também é construir imagens, ou seja, construir uma representação

¹⁰ A palavra ‘viajante’, neste item, é inspirada no personagem de Marco Polo (viajante como sujeito em busca de aprendizado e conhecimento) e faz uma construção crítica sobre sua jornada.

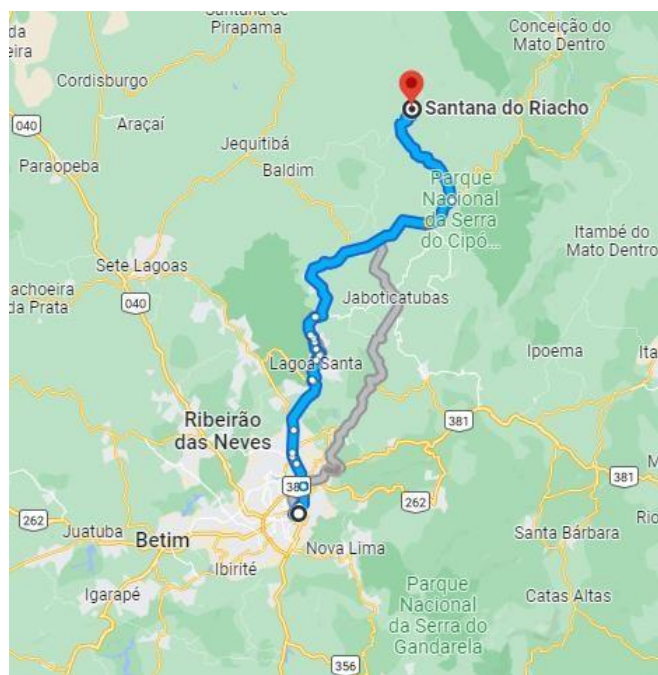
interna daquilo que se observa”. No entanto, um antigo morador que retorna à cidade onde já habitou, ao ver imagens de fotografias ou “cartões- postais”, lembra-se da cidade do passado, ou seja, reconstrói lembranças.

Para Maurice Halbwachs (2004, p. 25), “Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”. Complementa Bosi (2004, p. 55), afirmando que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Portanto, neste processo de relembrar, o antigo morador reconstrói não só as lembranças, mas também identidade e memória.

Sendo assim, meu desafio, na condição de antiga moradora, foi perceber a cidade da lembrança e a cidade do presente, a fim de construir uma síntese que apresentasse algumas transformações ocorridas no lugar. Com isso, através da perspectiva do olhar detalhista do viajante, entender as vivências e as experiências do morador.

O município de Santana do Riacho está situado a 120 km de Belo Horizonte, localizado na porção sul da Serra do Espinhaço. De acordo com censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui população de 5.313 habitantes. Em 1962, deixou de ser o Distrito de Riacho Fundo, desvinculando-se do município de Jaboticatubas, e passou a ter o nome atual, em homenagem à padroeira do local, Nossa Senhora de Sant’Ana, e por ter sido a cidade erguida às margens de um riacho, denominado de Riachinho.

Figura 66 – Mapa (de Belo Horizonte, capital do estado, a Santana do Riacho)



Fonte: Google Maps, 2022.

Ao sair de Belo Horizonte, uma das rotas principais é o percurso pelas Rodovias MG-10 e LMG-816. A área urbana é composta por: cidade de Santana do Riacho, Comunidade de Lapinha da Serra, Comunidade da Mangabeiras e Vila de Serra do Cipó. Algumas das comunidades rurais, por sua vez, são: Varginha, Mato Grande de Baixo, Mato Grande de Cima, Barreiro, Curral Queimado, Ribeiro Comprido, Berto, Melo, Galho Grande, Rio de Pedras, Cana do Reino, Campo Redondo, Buracão, Usina Pacífico Mascarenhas.

5.1 Olhando para os saberes e patrimônios e revivendo um pouco a cultura local

Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a Cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado; porém; em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana (Calvino, 2003, p. 15).

Usando o exemplo do que sucede na história da cidade de Maurília, observa-se que, apesar de os moradores preservarem imagens de seu patrimônio do passado, por meio das ilustrações de cartões-postais, identificavam-se mais com a cidade moderna e, de certa forma, perderam a identidade com a cidade do passado. Assim sendo, percebe-se a forma como os habitantes lidavam com o passado, com o patrimônio e com as transformações da cidade.

Em face disso, foi abordado, de forma sucinta, um olhar pessoal sobre o patrimônio, a memória e a cultura do município, articulando-os com algumas lembranças. Segundo Vivian S. Lobato (2016, p. 70), “lembranças são reconstruídas no presente, mas retomam fatos do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”. No processo de reconstrução das lembranças, a importância de lembrar momentos vividos e os momentos singulares como afirma Bosi (1993, p. 281), “a memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido”.

De acordo com Oliveira (2014, p. 42), perceber a cidade envolve sentidos, pois nossa forma de ver a cidade é fragmentada, com isso, a percepção da cor, da luz, da forma, do cheiro, do som fazem parte da nossa construção da imagem da cidade. Diante desse contexto, quando olho para o centro de Santana do Riacho, tenho dois olhares: um para o passado; outro para o presente.

Baseando nas minhas lembranças do fim da década de 1980, vejo que a cidade era menor; havia mais casas de adobe em relação à atualidade; as estradas eram de terra, e havia nelas mais cavalos que carros. Ao passar pela cidade, sentia cheiros de poeira, comida de fogão a lenha, café e curral. A praça parecia mais simples, porém com mais flores. A igreja permanece igual. Atualmente, na área central da cidade, vejo que ela mudou, mas, aos meus olhos, não cresceu

tanto. Tornou-se mais movimentada, cheia de carros e com menos cavalos. Preserva o comércio local com alguns produtos rurais, tais como queijo, doce de leite, biscoitos caseiros e outros. Continua com suas características de cidade de interior.

Um ponto que cabe ser destacado é que uma cidade pode ser observada e compreendida também por meio de sua cultura, de sua memória e de suas tradições. Esse conjunto pode ser refletido naquilo que na cidade é entendido como valor de patrimônio, quer seja material ou imaterial.

Para Regina Abreu e Mário Chagas (2009, p. 35), a palavra “patrimônio” vem da ideia de propriedade, que, de forma etimológica, é entendida por herança paterna. No sentido jurídico, refere-se a bens de apreciação econômica pertencentes a uma pessoa física ou jurídica. Mas foi a partir da Revolução Francesa que o significado da palavra “patrimônio” saiu do contexto de bens da nobreza e do privado e passou a integrar a ideia de bem comum. Vale ressaltar que a noção de patrimônio surge a partir do sentimento de perda e da necessidade de salvar indícios do passado ameaçados de extinção.

Sobre os patrimônios, tanto material quanto imaterial, a Constituição Federal de 1988 define que

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, n.p.).

Apesar da Constituição de 1988 não fazer a separação do que seja o patrimônio material e imaterial, segundo Brayner (2012), os bens culturais materiais ou bens tangíveis “são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas” (Brayner, 2012, p. 18). Desse modo, a título de exemplo, podem ser entendidos como “patrimônios” o objeto “casa” e a forma como as pessoas fazem suas casas, ou seja, esse tipo de saber se tornou algo de valor.

Nesse sentido, Brayner (2012, p. 14) diz que, na tentativa de salvar “os patrimônios”, é a comunidade, conjuntamente com o poder público, que decide aquilo que vai permanecer agregado à sua cultura. Roque de Barros Laraia (2003, p. 49) pontua que “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores”.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) traz as definições sobre cultura tradicional e popular entendidas como parte integrante da expressão de identidade cultural e social de uma comunidade (Unesco, 1989, p. 2), compreendendo os valores que se transmitem de forma oral, por imitação ou outras formas. Esse conceito também considera como uma comunidade compreende a língua, o artesanato, a literatura, a dança, os mitos, a música, os rituais, os costumes, a arquitetura, as artes e outros.

Comungando com a mesma ideia, Brayner (2012, p. 9), descreve que “a cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas”.

Outra forma de observar uma cidade é levando em consideração suas memórias. Para Brayner (2012, p.9-10), por meio da memória e da cultura as pessoas se identificam umas com as outras, reconhecendo que compartilham coisas em comum, contudo, surge uma identidade cultural de um grupo social. Baseia-se nisso a forma como uma comunidade lida com aquilo que entende como valoroso, afetivo e indenitário, o que diz um pouco sobre ela.

Ao observar a área central de Santana do Riacho, o visitante se depara com a praça central, denominada de Praça de Santana, e uma escultura circular (fonte de água), que retrata seu passado por meio de uma lenda sobre o surgimento da cidade. De acordo com a lenda,

No início de sua ocupação, o atual Município de Santana do Riacho era denominado Riacho Fundo. A comunidade local conta, folcloricamente, que este nome e a sua ocupação se deveu a um Bandeirante, que ao parar para descansar próximo a um riacho, o achou fundo e resolveu denominar a região de Riacho Fundo. Este mesmo Bandeirante, por considerar o local farto em riquezas minerais, decidiu explorá-lo acabando por entrar em contato com a civilização indígena. Em um dia de caça, o Bandeirante encontrou-se com uma índia e uma criança sozinhas que a acompanhavam perdidas. O Bandeirante resolveu ajudá-las, acolhendo as duas. Entretanto, poucos meses depois, a índia morreu, sendo que o Bandeirante teve que cuidar da criança sozinho. A indiazinha cresceu e ambos tiveram várias gerações de descendentes, sendo o início do povoamento da região. Santana do Riacho (HISTÓRIA, 2020, n.p.).

A escultura é de autoria de Arcanjo Ranielho, datada em julho de 2012, denominada de Escultura da Praça Santana (Figura 67 e 68). A praça e a escultura foram inventariadas em 2016 e constam na lista de bens protegidos no município. Da Figura 69 adiante, constam a Igreja de Nossa Senhora de Santana e as casas de adobe que compõem estruturas arquitetônicas e urbanísticas protegidas por inventário.

Figura 67 - Escultura da Praça Santana



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 68 – Escultura da Praça Santana (em construção em 2012)



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 69 – Composição de algumas das construções inventariadas



Fonte: acervo da autora, 2022.

As construções representam alguns dos patrimônios materiais arquitetônicos da cidade. Através do olhar da poeta riachense Maria Elisa dos Santos, também nos é apresentada, de forma afetiva, uma identificação com a cidade.

Querida Santana do Riacho
 Urbanidade que se mistura com simplicidade
 Entre rios, serras e prados
 Respira paz e serenidade
 Ilustrada e agraciada pelos
 Dons e encantos da natureza
 Apazivelmente se revela
 Sempre Natural
 Alegre e muito calma
 Nos oferece liberdade
 Aconchego e hospitalidade
 Nas ruas e praças
 A vida é pacata e cordial [..]
 Oh! Minha querida terra! Te amo! (Santos, 2017, p. 36).

Podemos entender que, no trecho do poema, a cidade de Santana do Riacho (parte central), retratada tal como está, atualmente, reflete o modo de vida de seus oriundos, com poucas intervenções para atender o turista. Acolhe quem vive na terra com suas tradições e modo de vida.

Outra forma de vê-la é considerando as estórias e seu imaginário popular. Uma delas, relembrou-me Mestre Raimundo Marcolino. Ele disse que a ouviu de seus antepassados quando era menino, e eu também a ouvi, em minha infância, sob a luz da lamparina, sentada no aterro do fogão a lenha. Na estória (com adaptações de algumas palavras), acontece assim:

Segundo “os antigos”, lá para os lados do Mato Grande de Cima, havia um homem que vendera sua alma ao Demo, ao Bicho Ruim. Contava-se que o homem era muito rico e escravizava as pessoas. E no dia do seu funeral, os moradores levavam seu caixão em cortejo fúnebre à Santana do Riacho. Dizem que o caixão estava muito pesado, sendo carregado com muita dificuldade por quatro pessoas e, assim, seguiam pelo caminho lentamente. Na estrada, entre o Mato Grande de Cima e Santana do Riacho, em uma encruzilhada, dois homens bem altos, fortes e de boa aparência esperavam o cortejo e lhes ofereceram para levar o caixão. Os carregadores sentiram-se aliviados, pois o caixão estava muito pesado. Assim que os dois homens pegaram o caixão, um disse ao outro.
 - Pegou, Tomás? - e logo respondeu:
 - Peguei até demais!
 E, após pegarem o caixão, apertaram-se os passos e o cortejo não conseguiu acompanhá-los e, logo, perderam-nos de vista. Depois de algum tempo de caminhada, o cortejo chegou ao cemitério de Santana, avistou-se o caixão e, ao abri-lo, no lugar do morto havia somente um tronco de bananeira. Ninguém da cidade deu notícia dos dois homens, um deles chamado Tomás (Conto de domínio popular de Santana do Riacho, com adaptação nossa).

O patrimônio imaterial do município de Santana do Riacho também está ligado às

festividades religiosas, festa de Santana, congado, rezas, festas do divino, e pode ser representado pelas cavalgadas, nas danças de quadrilha, batuque, comidas típicas, lendas, manifestações artísticas, artesanato e suas tradições.

As festas religiosas têm um papel agregador que interliga as comunidades. Algumas festas religiosas são exemplos da tradição local, como a festa de Nossa Senhora de Sant'Ana (Mãe de Maria), a padroeira do município. A festa é celebrada sempre no mês de julho, em 2022, época dessa pesquisa, o evento aconteceu do dia 14/07 e encerrou-se 24/07. No evento, houve celebrações de missas, procissão, queima de fogos, cavalgadas, procissão motorizada e apresentações de congados, tanto do congado do município quanto de congados da região metropolitana de Belo Horizonte. E durante todos os dias de festa a todos havia barraquinhas, shows, comidas típicas com a participação da comunidade .

Figura 70 - Procissão da Festa de Sant'Ana - 24/07/2023



Fonte: acervo da autora, 2023.

Figura 71 - Congados convidados da Festa de Sant'Ana - 24/07/2023



Fonte: acervo da autora, 2022.

Alguns desses patrimônios são protegidos por inventário, conforme relação do Anexo 01. Porém, de acordo com a conversa com a Secretaria Municipal Educação, a Secretaria Municipal de Cultura e a Secretaria de Agricultura, outros bens culturais serão acrescentados, pois estão em fase de levantamento e estudo para processo de inventário e proteção. Ressalto que a importância da cavalgada, do congado e do saber imaterial da cerâmica podem ser representados por mestra Osvaldina e pela comunidade do Buracão, de modo que possam fazer parte desse inventário. No dia 23 de julho de 2022, fiz alguns registros fotográficos da cavalgada que saiu da Mangabeiras. Tradicionalmente, durante a Festa de Santana, os participantes da cavalgada fazem uma concentração em frente à Igreja de Santa Luzia, na Mangabeiras.

Atualmente, após o asfaltamento da LMG-816, saem por uma estrada de chão até a igreja de Santana. Porém, em época de chuva, em que há enchente do rio Paraúna, a cavalgada faz seu percurso por asfalto. Notei que, nas cavalgadas, há uma aura de pertencimento cultural e de identidade das pessoas de todas as idades (jovens, idosas e crianças). Também observei a ausência de turistas na cavalgada e na procissão motorizada.

Sobre a procissão motorizada, denominada de Alvorada, a concentração aconteceu em frente a igreja de Santa Luzia, na comunidade de Mangabeiras, no dia 24 de julho de 2022. Nesse evento, as famílias colocavam os altares de suas imagens sacras enfeitadas com flores sobre os carros, que seguiam em procissão até à igreja de Sant'Ana, na cidade de Santana do Riacho, conforme Figura 73. Na igreja, aconteceu a missa com todos os Santos e, logo após, saiu uma grande procissão com todas as famílias carregando os altares de seus santos, guiados pela santa padroeira, Nossa Senhora de Sant'Ana. Junto à procissão, seguem o congado da Mangabeiras e congados convidados.

Figura 72 – Chegada da cavalgada na entrada da cidade – Festa de Sant'Ana



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 73 - Procissão motorizada denominada de Alvorada



Fonte: acervo da autora, 2022.

As rezas, quadrilhas, cantos do Divino e batuque também são os exemplos de patrimônio imaterial do município. São festividades tradicionais que compõem a cultura local.

Figura 74 – Canto divino - Mangabeiras



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 75 - Festa de Santa Luzia dia 13/12/2022- comunidade de Mangabeira



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 76 – Festa de Nossa Senhora Aparecida - Varginha



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 77 – Batuque



Fonte: acervo da autora, 2022.

Ainda sobre o patrimônio imaterial, resistindo ao tempo e às transformações socioculturais, o congado denominado “Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Mangabeiras – os Bonés Vermelhos” mantém sua memória através da oralidade. Portanto, não se sabe a data exata de seu surgimento, mas se estima que tenha surgido há mais de 100 anos. Dentre seus participantes, encontram-se crianças, mulheres e pessoas idosas, que fazem apresentações dentro e fora do município.

No dia 12 de junho de 2022, aconteceu um evento na Associação de Moradores da Comunidade de Mangabeiras para homenagear o Sr. Juca (mestre Juca). Acredita-se que ele seja um dos fundadores do congado. A memória do congado estava ali, representada no festejo, com famílias de vários congadeiros presentes. No local, havia murais (Figura 79) com imagens e frases sobre a preservação e a valorização dessa tradição, buscando desenvolver uma conscientização de que tal manifestação trata-se de um patrimônio imaterial.

A guarda do Congo de Nossa Senhora do Rosário" surgiu há mais de 100 anos. A tradição do Congado é mantida pela troca de informações que os idosos são capazes de realizar com as novas gerações numa tentativa de manter viva uma história e o patrimônio imaterial. Os festejos são conduzidos pelo reinado e todos cantam e dançam em louvor a nossa senhora. Atualmente a guarda de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Mangabeiras conta com mais de 20 integrantes, entre eles crianças, jovens e mulheres de 7 a 80 anos. A fé em Nossa Senhora do Rosário tem demonstrado força que une todo o grupo de congadeiros que também tem sua origem na luta contra a opressão sofrida pelos escravos"¹¹ (Associação de moradores de Mangabeiras, 2022, n.p.).

Figura 78 – Guarda de Congado da Mangabeiras – os Bonés Vermelhos



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 79– Mural de memória do congado – os Bonés Vermelhos



Fonte: acervo da autora, 2022.

5.2 Um olhar para as transformações

Segundo Braga (2018, p. 28), o município é conhecido pelas suas atrações turísticas, como os balneários e as cachoeiras tanto do distrito de Serra do Cipó quanto da comunidade de Lapinha da Serra, além do Parque Nacional da Serra do Cipó. Este último foi criado em 1984, com o propósito de preservar a biodiversidade da região.

¹¹ Esse texto estava em cartazes feito a mão e fixados na parede da associação, conforme Figura 79.

Antigamente, baseado em minhas lembranças, por volta de meados da 1980, o viajante que saía de Belo Horizonte rumo a Santana do Riacho pela Rodovia MG-10, durante o trajeto, apreciava as paisagens montanhosas adornadas pela vegetação do cerrado que, visualmente, pareciam quase intactas. Naquela época, a exploração mercadológica causava menor impacto nas imagens das paisagens, tanto nas rurais quanto nas da cidade. Sobre algumas transformações, Raoni Araújo Ferreira aponta que:

A região da Serra do Cipó vive, neste início de século XXI, a consolidação de um processo recente de transição/transformação, iniciado lentamente nas quatro últimas décadas. Trata-se de uma região que, basicamente, sempre viveu de uma economia de subsistência (agricultura e gado) e está sendo influenciada progressivamente pela dinâmica de expansão da região metropolitana de Belo Horizonte (Ferreira, 2010, p. 30).

Porém, atualmente, ao se fazer o mesmo percurso, a paisagem está marcada por estradas e áreas descampadas por exploração do mercado imobiliário, empreendimentos comerciais, grandes supermercados, postos de gasolina, alguns lugares com pastagens para gado e é inevitável não avistar a quantidade de lixo na estrada. O caminho está em constante transformação.

Segundo Bernardo Machado Gontijo (2003, p. 170), o grande volume de turistas, somado à chegada dos moradores de fim de semana, levanta questões de saneamento básico e geração, manuseio e coleta do lixo. E, com isso, os principais destinos turísticos da região serrana, Santana do Riacho e Jaboticatubas, não tem conseguido lidar com essas questões de forma a minimizar o impacto dessa oscilação na demanda. Este fato está representado nas Figuras 80 e 81.

Figura 80 - Lixo na altura do KM 56 da MG-10 - Jaboticatubas



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 81 - Lixo na LMG-816 - entre distrito Serra do Cipó e Mangabeiras - Santana do Riacho



Fonte: acervo da autora, 2022.

Essas mudanças são mais rápidas do que o viajante consegue registrar, de forma linear. Permanece somente a sensação de momento perdido ou de paisagem perdida: a paisagem de um dia atrás não é a mesma de hoje e, assim, se sucedem outras mudanças. Como exemplo, registro feito há meses (Figura 82) de paisagem que costumava ser outra (sem registros anteriores).

Figura 82 – Descampado nas proximidades do km 56 da Rodovia MG-10



Fonte: acervo da autora, 2022.

Contudo, o município de Santana do Riacho também segue o fluxo de transformações, sejam elas nas paisagens urbanas, nas rurais e nos contextos socioculturais. Algumas mudanças acontecem devido às interferências externas, tendo como exemplos o turismo e a expansão imobiliária – é o turismo um dos principais reforçadores da expansão imobiliária, sobretudo quando consideramos os condomínios e as casas de campo. Isabel Beatriz R. de Moura (2018, p. 111) diz que “a *Serra* tornou-se alvo de casas de veraneio, loteamentos, grandes construções, dentre outros”.

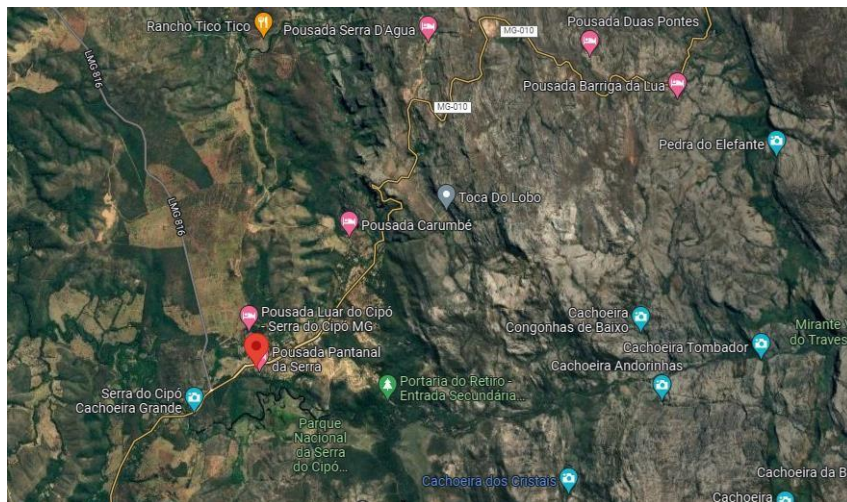
Segundo Braga (2018, p. 38), na década de 1980, apareceram os primeiros turistas no município, eram denominados de “mochileiros” e passavam pelo município para chegar a

Conceição do Mato Dentro. Mas, foi a partir de 1996, que o número de turistas aumentou. Vale salientar que o visitante é atraído, primeiramente, pela beleza do lugar e, após encantar-se, surge o desejo de morar. Contudo, a modernização nas estradas e a proximidade com a capital fazem com que os visitantes, além de buscarem lazer no município, passem a ter casas de fim de semana.

Nesse sentido, para Gontijo (2003, p. 172), as tribulações da vida moderna, no cotidiano estressante dos centros urbanos e a falta de conexão com a “vida natural” são alguns dos aspectos que contribuem para o surgimento de grande volume de visitantes e, conseqüentemente, o aparecimento de ações de mercado mobiliário que incentivam as pessoas a consumirem os espaços de potencial “ecológico”.

Na Figura 83, encontra-se representada a localidade turística do Distrito de Serra do Cipó, apresentando áreas descampadas pela expansão do mercado imobiliário.

Figura 83 – Descampado na área do Distrito de Serra do Cipó



Fonte: Google Maps, 2022.

Ao se considerarem os referidos aspectos, é importante ressaltar que, segundo Ferreira (2010, p. 30), o crescimento da região da Serra do Cipó¹² está sendo alterado pela dinâmica de expansão da Região Metropolitana de Belo Horizonte, devido às facilidades de acesso, com pavimentação e ampliação de rodovias. Cabe citar a pavimentação que ocorreu nos anos de 1980, entre o trecho de Lagoa Santa e o Distrito de Serra do Cipó (na época, Cardeal Mota) e a

¹² No texto, “Região da Serra do Cipó” significa, de acordo FERREIRA (2010), a porção de montanhas quartzíticas da Serra do Espinhaço, localizada na região centro-sul de Minas Gerais, abrange os municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Morro do Pilar, Itambé do Mato Dentro, Itabira e Nova União. Portanto, quando se tratar da área turística de Santana do Riacho será usado o termo: Distrito da Serra do Cipó. (antigo distrito de Cardeal Mota).

duplicação da Rodovia MG-10, no projeto Linha Verde.

Somando todas essas ações facilitadoras do acesso dos visitantes ao município:

Em 2003, o governo do Estado de Minas Gerais estabeleceu uma política de incentivo à criação de circuitos turísticos no estado. A partir dessa política, foi criado o Circuito Turístico do Parque Nacional da Serra do Cipó, oficializado em 8/06/2004, englobando os sete municípios – Jaboticatubas, Santana do Riacho, Nova União, Itabira, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar e Taquaraçu de Minas – do entorno do parque inclusos na APA, mais os municípios de Conceição do Mato Dentro e Congonhas do Norte, este último recentemente incluído. O reconhecimento do Circuito Serra do Cipó contribuiu para a formalização oficial da região no mercado turístico e para demonstrar que a Serra do Cipó se estende a esses nove municípios, abrangendo uma extensa área de cerrado, mata atlântica e campos rupestres (Ferreira, 2010, p. 31).

Como citado, as ações facilitadoras de acesso ao município e de mobilidade têm aumentado o número de visitantes. Nesse sentido, fazem-se necessárias ações que possam minimizar impactos sociais e culturais na população local. Sobre os impactos, Patrícia Galvão (2017, p. 437) aponta que “O deslocamento de grupos humanos entre diferentes lugares e culturas provoca a (re)construção de espaços, induzindo a mudanças no uso destes”.

Em minhas observações e tendo em vista conversas com moradores, essas (re)construções estão introduzindo mudanças nas paisagens das localidades rurais. O meio rural também começa a sofrer um certo assédio do mercado imobiliário. Um dos aspectos observados é que, diante do falecimento de algumas pessoas ‘mais velhas’, que viviam dos recursos da terra e de suas tradições, alguns herdeiros subdividem seus quinhões e os vendem aos visitantes. Os compradores, por sua vez, procuram a zona rural, buscando tranquilidade e propriedades mais baratas que as localidades turísticas, que são mais valorizadas.

Tais transformações contribuem para o aceleração do parcelamento agrário nas áreas rurais, fazendo com que as comunidades passem a ter características e problemas inerentes às áreas urbanas, tais como: falta de água, problemas com lixo e resíduos de esgoto, energia, poluição sonora e mudanças profundas no modo de vida. Dentre as comunidades observadas, nota-se uma mudança estética na paisagem rural em Ribeiro Comprimento, Varginha e lugares vizinhos. Essas comunidades possuem proximidade com o Rio Cipó, e isso gera um certo interesse do mercado imobiliário, conforme Figuras 84 e 85.

Figura 84 – Área rural do Ribeiro Comprido – próximo ao Rio Cipó



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 85 – Vista distanciada da área rural do Ribeiro Comprido – próximo ao Rio Cipó



Fonte: acervo da autora, 2022.

Assim, podemos dizer que esse contexto favorece a introdução de novos padrões de comportamento e relações econômicas que envolvem a terra e isso tem causado modificações nas paisagens do meio urbano e rural. Na tentativa de apontar algumas dessas modificações, seguem registros atuais, juntamente com imagens antigas, para que o leitor consiga perceber algumas transformações ocorridas na ocupação e no uso do solo.

Figura 86 - Composição da Igreja São Sebastião Lapinha da Serra



Fonte: acervo de Bráulio Braga, 1996.



Fonte: acervo da autora, 2022.

Figura 87 - Composição, um recorte da área central Lapinha da Serra



Fonte: acervo de Bráulio Braga, 1996.

Fonte: acervo da autora, 2022.

Algumas das mudanças podem ser entendidas por reforçadoras do processo de gentrificação. Esse termo, “gentrificação”, deve ser entendido de forma ampla, utilizado para explicar o processo em que populações de certos espaços tradicionais são deslocadas, de forma gradativa ou não, para outros espaços por causa da ocupação de novos moradores com poder aquisitivo mais alto. De acordo com Tarcyla F. Ribeiro,

A palavra *gentrification*, incorporada em nosso vocabulário como gentrificação, surge de uma observação feita por Glass do processo de renovação de certas áreas da capital britânica na década de 60 do século XX, com a substituição de moradores mais pobres por outros integrantes de classes mais altas. [...] Na definição dada por Glass para a gentrificação, esta corresponderia ao conjunto de dois fatores observados em determinada área: (i) um processo de desalojamento de residentes pertencentes ao proletariado, substituídos por grupos oriundos de classes sociais mais altas e (ii) um processo de reabilitação física destas áreas (Ribeiro, 2018, p. 1338).

Ainda em relação a essa situação, Ribeiro (2018, p. 1.341) aponta que devido à globalização do fenômeno da “gentrificação”, visa-se a ampliação de seus significados apesar de o conceito ser, inicialmente, usado para definir mudanças sociais nos espaços urbanos. Comungando com essa ideia, Galvão pontua.

Para Phillips (2004), o termo gentrificação é antigo e usual no contexto rural, está vinculado ao consumo e oferta de novos serviços, gerando enobrecimento. Pistre (2011) define gentrificação rural como formas de migração para zonas rurais, realizadas pela classe média e alta das grandes cidades, provocando mudanças populacionais, habitacionais e socioeconômicas profundas (Phillips, 2004; Pistre; 2011 *apud* Galvão, 2017, p. 438).

Para Galvão (2017, p. 436), o setor imobiliário sendo o responsável por mudanças nas estruturas socioespaciais por meio do consumo desses espaços. E acrescenta que o processo de gentrificação rural acontece quando são abertos espaços para urbanização e, em consequência, surgem novas utilizações desses espaços por sujeitos externos, alterando a paisagem com residências exuberantes – também quando o meio rural deixa de produzir o que lhe é tradicional

e, com isso, surgem outras formas de atender à demanda dos sujeitos externos.

Os “sujeitos externos”, conforme citado acima, para Maurício Fernandes de Alcântara (2018, p. 01), são denominados de “gentrificadores” (*gentrifiers*), que se deslocam gradualmente para alguns espaços, atraídos por certas características, a citar: arquitetura, estilos de vida, cultura e/ou localização privilegiada. Depois de instalados, começam a exigir e a demandar do espaço serviços variados, de modo que tais mudanças reconfiguram o local.

Segundo Gontijo, o modelo de desenvolvimento imposto pelo forasteiro (aquele que é de fora da terra) trouxe mudanças de fora para dentro no contexto da Lapinha da Serra, o que levou a população a adaptar-se aos novos valores. O autor afirma que “algumas mudanças são perceptíveis na medida em que manifestações/attitudes antes comuns tornam-se cada vez mais raras ou simplesmente deixaram de acontecer” (2003, p. 90).

Usando o exemplo do caso de Lapinha da Serra, pode-se inferir que, quando os “de fora” ou os forasteiros passam a quantidade numericamente superior, passam a ditar as regras do local e vão causando mudanças gradativas no contexto sociocultural. E, assim, mingua lentamente aquilo que é tradicional, incorporando símbolos descontextualizados que passam a fazer parte da cultura do local. Como exemplo, temos a Figura 88, onde se encontra uma escultura do Juquinha¹³, personagem símbolo da Serra do Cipó, ao lado do personagem “Chaves”, do seriado mexicano “A turma do Chaves”, compondo a estrutura de um comércio local.

Figura 88 - Personagem do Chaves e Juquinha



Fonte: acervo da autora, 2022.

Muitas das transformações ocorridas no município podem levar, a longo prazo, ao

¹³ Segundo José Carlindo Ferreira (1999, p.21), Juquinha era um tipo folclórico da Serra. Ficou conhecido como Juquinha da Parasita porque ele entrava no mato, derrubava o pau com a parasita, arrancava parasita do pau, cortava o samambaia-açu, pregava parasita no toco da samambaia com grampo de arame e corria para vendê-la antes de murchar.

desaparecimento de parte significativa da identidade da comunidade. Como se passa na estória de Calvino (2003, p. 15), “às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos, mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos”. Seguindo o raciocínio, na acomodação dos novos costumes, pode surgir uma nova comunidade, que não se comunica com os costumes da antiga. Se não houver um elo da memória que liga a geração atual à antiga, a tradição corre o risco de se perder.

Portanto, entendo que os processos da gentrificação rural e/ou urbana, neste município, se dão, principalmente, pelo impulsionamento do turismo, do mercado imobiliário e das interações com mundo moderno globalizado, podendo representar danos à cultura local, apesar do impacto positivo que o mercado do turismo e o mercado imobiliário podem trazer ao município, em curto prazo, contribuindo com a economia local. Nesse sentido, ressalto a necessidade da criação de políticas públicas ou ações que venham a reduzir as interferências e os impactos culturais na população local, evitando que, a longo prazo, muitos dos costumes, práticas sociais e modos de vida desapareçam.

Pode-se inferir que alguns dos aspectos da gentrificação estão refletidos no artesanato do município. Vale ressaltar que uma viajante, ao observar o artesanato no distrito da Serra do Cipó, notará a presença de artesanato mineiro não diferente do que é encontrado em outras cidades turísticas. Portanto, sentirá falta de apreciar o artesanato tradicional do município.

Diante desse fato, chama-se atenção, para que haja, por parte da administração pública, mecanismo para viabilizar e intermediar a produção de artesanato do meio rural para as áreas turísticas, visando a difusão de cultura local, geração de renda, sustentabilidade e, também, valorização dos(as) artesãos(as) da terra e de suas cooperativas.

É fundamental pensar em ações que tragam mais investimentos para a preservação do patrimônio cultural, incentivando e dando suporte para que as comunidades tradicionais continuem ativas em suas manifestações culturais, na agricultura, na produção de artesanato e outros. Gontijo (2007, p. 171) diz que não é possível inibir o avanço tecnológico, da informação, da globalização; mas é possível preparar e construir indivíduos mais conscientes e integrados em suas comunidades, a ponto de serem os construtores do próprio desenvolvimento e cientes de sua condição política.

Diante do exposto, o estudo principal deste trabalho focalizou os saberes ligados ao barro: as vasilhas de barro e as extintas fábricas de telhas. Porém, a apresentação do município se fez necessária para que entendamos a cultura local e sua fragilidade em face de alguns aspectos socioculturais. Esses processos de interferência “dos de fora” provocam reconstruções

que podem causar mudanças culturais profundas.

Para finalizar este item, deixo uma crônica, um texto fictício, caracterizado como uma compilação de várias conversas que ouvi ao longo do tempo em que tive contato com as pessoas no município.

Ouvindo o “mais velho”:

– Não se pode negar, moça, que a vida na roça mudou. Antes, sob a luz das lamparinas, das fogueiras, a gente contava os causos, as estórias que ninguém arriscava falar que era mentira, por mais esquisita que fosse, senão, tava afrontando o sujeito contador. A gente tocava viola, sanfona, cantava e sapateava até derrubar assoalho em roda de batuque e bebia cachaça até raiar o dia. Em dia de lida, quando tinha oito de roça para capinar, a vida começava cedo, a gente acordava com as galinhas, e não tinha essa coisa de televisão, celular e nem de internet pra tirar o tempo da gente.

– Sim, moça! Hoje, as coisas da cidade grande veio de mudança pra cá, melhorou muito, tá tudo evoluído, tem energia elétrica, internet, celular, tem as casas de cimento com piscinas e com água encanada, agora não se usa a bica d’água e as minas secaram. Os sobrados de adobe e pau a pique? Tá tudo caindo! Consertar essas casas dá muito trabalho, o mundo agora é outro, essas coisas não se usa mais!

– Hoje em dia, moça, para viajar por essas terras, o carro motorizado leva a gente para todo lado, as mulas e os cavalos podem descansar, até porque se ocê quiser arrear um deles para viajar longas distâncias, como era antigamente, vai aparecer um sujeito “de fora” falando que é mau trato com o animal. Os “de fora” não entendem que andar a cavalos faz parte da nossa tradição. Num tempo antigo, o dos tropeiros, até as telhas eram transportadas nos lombos dos animais, era bonito ver os animais enfileirados com os balaios pendurados nas cangaias, eu gostava de ouvir o barulho da troperagem, era bonito o tinido dos sinos no peitoral da mula de guia.

– Sabe, moça! A vida na roça tinha dificuldades, mas também era boa. Antigamente havia muita roça de milho, de feijão, de arroz, mandiocal e de outras coisas, e colhíamos tudo com muita fartura. Hoje em dia, pouca gente tá plantando roça, é só ir na venda grande, um tal supermercado, lá, o feijão, o fubá, o arroz vem tudo ensacado em pequenas quantidades, não precisa ter a trabalhadeira toda de plantar, capinar, colher e estocar. Com isso, até acabou aquela festança da “Chegada do Pé de Milho”, a gente cantava no oito de capina o dia todo e, no fim do dia, passava nas casas com a cantoria, vestidos de pé milho e bebendo cachaça, eita! Tempo bão! Também não existem mais as tuias de balaio com barro de telha, ninguém cura feijão com terra formigueiro e tabatinga. Acabou a “boiadeira”, tenho saudade daquela cantoria bonita,

tocada com o barulho da enxada na terra, que se ouvia de longe. Em eito grande de roça, com muito trabalhadores, a gente se dividia em grupos, e cada grupo cantava com uma voz diferente, um grupo por vez, às vezes começavam com a cantiga com as vozes grossas e terminava com as vozes bem fina, aquilo ecoava nas bocainas. Muita coisa tá acabando, quase não se vê as vasilhas de barro, tudo é de plástico e alumínio, não tem água fria nos potes, agora é da geladeira.

– Ô, Moça! O povo da cidade grande tá mudando pra cá! O caipira fatia seu terreno como se fosse um queijo para vender pros “de fora”. Os “de fora” vem e deixam o lixo. Outro dia uma vaca minha morreu engasgada com sacola de plástico, eles jogam o lixo nos altos das estradas e o lixo desce para as águas e vai sujando tudo por aí afora. Dizem que eles vêm pra cá pra ter sossego e ter contato com a natureza, porém tira o sossego e a natureza da gente. É! Quando os “mais velhos” forem embora, descansar com Nosso Senhor, não vai sobrar nem essas estórias.

– É... Moça! a vida aqui na roça mudou e o mundo também!

Figura 89 – Composição trabalhadores chegando do eito e festa da chegada do pé de milho



Fonte: acervo da prof^a. Maria Helena Lopes Ferreira Torres – sem data.

6 CONCLUSÃO

O momento inicial deste trabalho nasceu ao serem lembrados os vestígios do forno de olaria de meu avô e de tantas casas de adobe substituídas por casas de concreto, bem como a quase extinção dos saberes das poteiras (mulheres ceramistas que fazem potes de barro). Com isso, perguntas foram feitas. O que sobrevive de saberes desse lugar? Onde estão guardados? Estão guardadas as memórias dos “mais velhos”? Como transmiti-las? Quem são seus detentores? Como preservá-las e registrá-las?

Diante de tantas indagações, procuramos responder a algumas delas tendo a consciência de que a pesquisa não encerra o tema. Espera-se que outros pesquisadores possam dar continuidade, de forma aprofundada, aos assuntos abordados.

A experiência de observar os sujeitos, os lugares e as manifestações culturais com um olhar de viajante possibilitou-me dar atenção a pequenos detalhes, bem como registrar manifestações de cultura popular. Com a experiência de relembrar, conjuntamente com os moradores dos lugares, percebeu-se a importância da oralidade, dos momentos de rememorar para trazer à tona informações de muitos saberes que estavam em desuso.

As experiências vividas por mim, durante esse trabalho, trouxeram-me perspectivas sobre a relevância de confrontação da memória. Nesse processo de confrontar é que ela se mantém viva. Como nos explica Ecléa Bosi (1993, p. 281), “a memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Portanto, sobre os saberes e manifestações culturais, eles continuarão vivos se os membros da comunidade mantiverem o trabalho contínuo de lembrar e praticar seus costumes.

Seguindo esse raciocínio, o batuque só continuará se a comunidade dançar; casas tradicionais de terra só permanecerão se as pessoas permanecerem cuidando delas. Os causos e as histórias que envolvem o imaginário desse município só permanecerão se as crianças ouvirem dos velhos. Não se trata de viver no saudosismo “do antigamente”, mas é necessário que essas histórias e as lembranças sejam contadas para que as gerações futuras que, provavelmente, serão mais tecnológicas e globalizadas, possam valorizar seus antepassados, os costumes e saberes de suas comunidades.

Vale ressaltar que, diante de várias transformações socioculturais acontecidas no município, entendo que seja de suma importância que a comunidade continue com as manifestações culturais. E que haja mais investimentos em políticas públicas de preservação dos patrimônios cultural e material, sobretudo a preservação das casas tradicionais de adobe e pau a pique na zona rural, de modo a evitar sua total extinção. É importante desenvolver ações

de apoio à comunidade do Buracão, para que continuem com esse ofício da cerâmica, além de promover meios para o reconhecimento do saber tradicional da cerâmica no município, representado na pessoa da mestra Osvaldina, como a última paneleira tradicional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALCÂNTARA, Maurício Fernandes. "**Gentrificação**". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. ISSN: 2676-038X. Acesso em: 4 jul. 2022.
- ALEXANDRE, Jonas Rizzo; GARCIA, Fernanda. **Caminhos de Barro**: nossa história. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2020.
- ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Unesp, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENETTI, Alfonso. A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística. **OPUS**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/424/421>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- BÍBLIA sagrada edição CNBB. **Cancaonova.com**, 2013. Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/metanoia/biblia-sagrada-edicao-cnbb/>. Acesso em: 4 jul.2022.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Ltda, 1994.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 19, p. 21-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480/37218>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRAGA, Samara Luíza Amâncio. **Arquitetura vernácula**: registro e análise do uso de adobe em Lapinha da Serra, Santana do Riacho, Minas Gerais. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 out. 2022;

BRASIL, Cristiano Manuel Oliveira. **Estudo das construções tradicionais de adobe na região de Tomar**. Relatório de Projeto de Mestrado (Mestrado em Reabilitação Urbana) - Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Tomar, 2016. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18530/1/TESE-Actual_FINAL.pdf. acesso em: 7 abr. 2023.

BRAYNER, N. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022;

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Lisboa: Teorema, 2003.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Mestres artífices de Minas Gerais**. Brasília, DF. Iphan, 2012.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa Ltda, 2004.

CORREA, Célia Nunes. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Acesso em: 4 ago. 2022.

FAGUNDES, Arlindo. **Manual Prático de Introdução à Cerâmica**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/mqk8h>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FERREIRA, Raoni Araújo. **A Serra do Cipó e seus vetores de penetração turística: um olhar sobre as transformações socioambientais**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MPBB-8NQHNZ/1/dissertao_raoni_revisada_final_2.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022.

FERREIRA, José Carlindo dos S. **Memórias de um Recenseador**. Belo Horizonte: Cipó Voador, 1999.

FORTIN, Sylvie.; GOSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FORTIN; Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, v.7, n. 77, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FRICKE, Johnn. **A cerâmica**. Lisboa: Presença, 1992.

FRIGOLA, Maria Dolors Rosi. **Cerâmica Artística**. Lisboa, 2006.

GALVÃO, Patrícia. Uma discussão sobre turismo e gentrificação no meio rural de Gravata, Pernambuco, Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, [S. l.], n. 27-28, p.435-445, 2017.

Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6822/5331>. Acesso em: 4 jul. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLpLVgVgpwNkCgnc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2022.

GONTIJO, Bernardo Machado. **A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó / MG: O caso de Lapinha**. 2003. 192f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento, Brasília, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HISTÓRIA. **Santana do Riacho**, 2020. Disponível em: https://www.santanadoriacho.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6508#uc_painel_ctl06_div_imagens. Acesso em: 19 jul. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. **Informações populacionais e sobre a História de Santana do Riacho**. Minas Gerais: IBGE, 2022. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santana-do-riacho/panorama>. Acesso em 30 jul de 2023

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício das Paneleiras de Goiabeiras**. Coordenação Carol Abreu. Dossiê Iphan; 3. Brasília, DF, Iphan, 2006.

LACERDA, Sergio. **Serra do Cipó: Origens**. 1 ed. Belo Horizonte: Independente, 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEAL, Alessandra. Cultura e Memória: percepções das lembranças re-existentes no tempo. **Geo UERJ**, [S.l.], v. 2, n. 22, p. 350 - 361, dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/2459/1731>. Acesso em: 09 jul. 2022.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985.

LIMA, Camila da Costa. Produção cerâmica do Vale do Jequitinhonha: tradições, técnicas e processos. In: 23º ENCONTRO DA ANPAO – “ECOSSISTEMAS ARTÍSTICOS”. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, p. 2475-2488, 2014. Acesso em: 09 jul. 2022.

LINS, Eugenio de Ávila; SANTANA, Mariely Cabral de. **Mestres Artífices, - Bahia**. Brasília, DF: IPHAN; Salvador: UFBA, 2017. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/colcadmem_mestresartificeis_bahia_m.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022.

LOBATO, Vivian da Silva. **Educação, memória e história: possíveis enlases**. Margens, [S.l.], v. 8, n. 10, p. 77-96, mai. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2706/2832>. Acesso em: 4 jul.

2022.

LOPES, Wilza Gomes Reis. **Taipa de mão no Brasil**: levantamento e análise de construções. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

MOURA, Izabel Beatriz Rodrigues. **Conflitos socioambientais na unidade de conservação**: Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais. Uberlândia. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Dicionário cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

OLIVEIRA, Joice Saturnino. **Espaço de fazer saberes**: um estudo das interfaces da arte e do conhecimento popular Belo Horizonte. 2014. 194 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A47ERP>. Acesso em: 4 jul. 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1998.

PANACHUK, LÍlian. **Gestando potes e pessoas**: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. 2021. 548f. Tese (Doutorado em Antropologia –Área de concentração: Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/49404001/PANACHUK>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

PRADO, Jaqueline. **A arte da cerâmica de Minas Gerais**. Belo Horizonte: C/Arte, 2016.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. **Gentrificação**: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil. Revista de Direito da Cidade, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 1.334-1356, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/31328/26004>. Acesso em: 4 jul. 2022.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1972.

SANTANA do Riacho. IBGE,2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santana-do-riacho/historico>. Acesso em: 4 jul.2022.

SANTOS, Camila. Matzenauer. dos; BIANCALANA, Gisela. Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, [S. l.],v. 7, n. 2, p. 53-63, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980>. Acesso em: 5 nov. 2022.

SANTOS, Maria Elza. **Pelos Caminhos**. Belo Horizonte: Novos Olhares, 2017.

SNOW, Charles T.; ABREU, José Eustáquio Teixeira de. **A cerâmica neo-brasileira em regiões vizinhas a Belo Horizonte – MG**: um estudo da produção atual. 1976. Disponível em: <https://www.ufmg.br/mhnpj/wp-content/themes/mhnpj/docs/revista-arquivos/vol02/Vol02-07.pdf> .Acesso em: 05 jan. 2023.

TOYOTA, Rosimeiri Galbiati .**Caracterização química da cerâmica marajoara.** 2009. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/85/85131/tde-09092009-174353/pt-br.php>. Acesso em: 05 jan. 2023.

UNESCO. Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular.** Paris, de 15 de novembro de 1989. Paris: UNESCO,1989. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>
Acesso em: 4 jul. 2022.

ANEXO I



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO RIACHO
ESTADO DE MINAS GERAIS

**LISTA DE BENS PROTEGIDOS NO
MUNICÍPIO DE SANTANA DO RIACHO**

Bens protegidos por tombamento municipal:	
Identificação do Bem	Decreto
Trilha dos Escravos	103/2009
Ponte de ferro da Usina	059/2010

Bens protegidos por inventário		
Identificação do Bem	Categoria	Ano de Inventário
Igreja de São Sebastião	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2018
Residência Dona Socorro – Serra do Breu s/n.	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2018
Batuque da Lapinha	Bem imaterial	2018
Escultura da Praça Santana	Bens móveis e integrados	2016
Festa de Santana	Bem imaterial	2016
Igreja Matriz de Santana	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2016
Praça Santana	Conjunto Paisagístico	2016
Imóvel e pousada do Jacaré – Praça Santana, 30	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2011
Edificação residencial – Praça Santana, 110	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2011
Edificação residencial – Praça Santana, 345	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2011
Imagem de Santana Mestre – Acervo da Igreja de Santana	Bens móveis e integrados	2011
Riachinho/Prainha	Conjunto Paisagístico	2011
Monumento ao Juquinha	Bens móveis e integrados	2010
Cachoeira Grande	Conjunto Paisagístico	2010



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO RIACHO
ESTADO DE MINAS GERAIS

Rio Cipó	Conjunto Paisagístico	2010
Edificação residencial – Deputado Jorge Ferraz, 255	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2007
Edificação residencial – Praça Santana, 50	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2007
Edificação residencial – Faustino Dias da Silva, 50	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2007
Edificação residencial – Praça Santana, 465	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	2007
Exposição Agropecuária	Bem imaterial	2007
Arquivo da Casa Paroquial	Acervo Documental	2007